



Dos espaços desportivos a saque
restam prédios, parques de
estacionamento...

Destaque PÁGINAS 15-18

Pergunta à Tina

SMS
email

90 441

averdademz@gmail.com

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA DE SABER SOBRE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA



Estupros ainda
assombram Luís
Cabral

Sociedade PÁGINA 04



Governo admite
violação de
direitos humanos
nas empresas

Democracia PÁGINA 12



Afinal, vale a pena
ser moçambicano?

Desporto PÁGINA 26



国安真奈 Mana Kuniyasu @manaknys おお、来た来た！ RT @DemocraciaMZ: Encontro Guebuza e Dhlakama marcado para sexta-feira em Maputo verdade.co.mz/newsflash/48612

Sérgio Fernando @FernandoSrgio Aeronave C9-CRD que esta quinta-feira despenhou sem causar vítimas no Aeroporto Internacional de #Nampula @verdademz pic.twitter.com/rzue6oS0dh



Radar

Editorial

averdademz@gmail.com

Livrem-nos de politiquices!

No último domingo, um repórter nosso, em Nampula, foi deliberadamente submetido a sevícias por certos indivíduos ligados ao município, a mando do vereador de Administração e Recursos Humanos, António Gonçalves, em conluio com o delegado político provincial do MDM, Rachade Carvalho.

Acontece que, na manhã do mesmo dia, os subalternos do edil de Nampula, Mahamudo Amurane, mantiveram em cárcere privado, no Salão Nobre da edilidade, mais de 50 mulheres que exigiam a observância dos seus direitos, que alegam terem sido infringidos após serem recrutadas, na primeira quinzena de Fevereiro passado, para limparem a cidade no âmbito de uma campanha denominada “Warya wa Wamphula”, que em língua portuguesa significa “Brilho de Nampula”.

Desde o dia em que a referida iniciativa foi tornada pública, o @Verdade tem acompanhado o que se desenrola em torno da mesma. E foi nesse contexto que a vítima, no gozo dos direitos que lhe são conferidos pela Lei, se dirigiu às instalações do Conselho Municipal de Nampula para apurar o que se passava a ponto de, em pleno século XXI, existirem dirigentes que defendem o cárcere privado. Chocou-nos de tal sorte saber que meia centena de senhoras foi encarcerada por ordens de alguém que pensávamos que entendia alguma coisa sobre administração e recursos humanos.

A escravidão, um dos momentos históricos cruéis, caracterizada por punições, foi abolida há séculos porque era uma prática contra os princípios da dignidade humana e liberdade individual. As vítimas da humilhação em causa fazem parte de um grupo de milhares de munícipes, maioritariamente mulheres, mobilizado para materializar a iniciativa a que nos referimos, através da qual Amurane pretendia mostrar a “todos” que podia deixar a urbe asseada.

Na verdade, a cidade permanece infestada de lixo e o grosso dos homens e das mulheres que asseguravam a limpeza não está a ser remunerado e a outro é-lhe atribuído um subsídio de mil meticais depois de meses de trabalho braçal, o que gera insatisfação por parte dele. Dirigentes que, por arrogância e prepotência, maltratam quem lhes colocou no poder deviam cair. O escritor português Eça de Queiroz (1845-1900) tinha razão quando defendia que “os políticos e as fraldas devem ser mudados frequentemente e pela mesma razão”.

Não se sabe por que carga de água, mas certo dirigente da autarquia de Nampula não se conteve e tentou fazer politiquices neste nosso Jornal, tendo telefonado para um dos gestores para manifestar o seu pretenso desagrado em relação ao facto de os nossos jornalistas estarem a reportar, constantemente, os atropelos cometido pela edilidade e as suas medidas claramente politiqueiras. Esta atitude, de todo em todo condenável, é uma pretensão clara de nos quer promiscuir.

De maneira nenhuma estamos contra qualquer relação entre políticos e algum dirigente deste meio de comunicação, porém, que tal não se manifeste nem interfira, tão-pouco, no nosso trabalho. E esta sentença assenta como uma luva em Amurane, Gonçalves e Rachade. Não pretendemos manter uma relação tensa com quem quer que seja por causa de coisas como estas, mas, também, não vamos tolerar que destratem o povo nem admitir que interfiram ou se intrometam devido à necessidade inconfessável de nos criar dificuldades superfluas.



Boqueirão da Verdade

“Quando a fusão da ganância com a incompetência ascende ao poder, a catástrofe é mais do que provável. A primeira tarefa que essa fusão começa por executar é afastar todo aquele que releve possuir algum traço de capacidade, conhecimento e competência. Isso acontece por duas razões essenciais. A primeira: porque é indispensável afastar qualquer um que seja visto como um concorrente ou rival; a segunda: porque qualquer pessoa competente depressa começará a sentir-se perplexa perante as tamanhas incapacidades da fusão da ganância com a incompetência, e esta não tolera junto de si qualquer testemunha da sua nulidade”, **Afonso dos Santos**

“O fracasso da comunidade internacional em relação aos seus deveres mais elementares (...) tem sido acompanhado no terreno pelo abandono até da aparência de respeito pelas normas da lei internacional”, **Paulo Pinheiro**

“Que ninguém cruze os braços agora. O sinal agora é branco e não há mais tempo para stops vermelhos, nem outras paragens momentâneas: é preciso caminhar de modo firme, determinado e com olhos voltados para o país que queremos. Há espaço para cada moçambicano ser feliz”, **Ivone Soares**

“(...) no plano interno (a partir da exportação dos recursos naturais), procura-se passar uma imagem de recuperação económica, de aumento do PIB a uma taxa ‘acima da média’ e por aí fora. Para a maioria dos cidadãos, essa mensagem pode ser entendida como produto da acção governativa, pois faltam-lhe ferramentas de análise crítica. O pior de tudo isso ocorre quando os ganhos resultantes das exportações são utilizados sem uma estratégia clara, transparente e sem uma definição de prioridades assente na urgência dos desafios nacionais. É por via disso (também) que os cidadãos de uma maneira geral reclamam que não sentem os benefícios do ‘boom’ das nossas exportações e que estas beneficiam apenas a uma elite governamental ou a ela ligada”, **Alberto da Barca**

“Julgo não haver ainda no país um estudo sobre o impacto político do helicóptero no imaginário popular rural quando usado na propaganda eleitoral. Lá onde as privações são múltiplas, o helicóptero deve representar a força fantástica de alguém que tem o poder de fazer como os deuses e os espíritos audazes: vencer o convencional, a altura, o habitual, as limitações da vida e os próprios pássaros em sua liberdade voadora”, **Carlos Serra**

“É condenável que a Renamo tenha recorrido a ataques militares contra civis e, mesmo, contra forças governamentais, para conseguir os seus objectivos. Mas é tanto, ou mais, condenável que o Governo só se tenha decidido a entrar em negociações sérias depois de começarem a morrer moçambicanos”, **Machado da Graça**

“E não é que o Governo e a Renamo não foram avisados do que aí vinha se continuassem pelo mesmo caminho. Foram, repetidamente. Mas os clarividentes dirigentes das duas partes preferiram ouvir os seus conselheiros belicistas (entre os quais ter estado

Filipe Nyusi, na altura Ministro da Defesa). E o resultado foi o que se viveu. Agora vamos ter, muito provavelmente, Guebuza e Dhlakama a apertarem as mãos, em frente aos fotógrafos, como fazedores da Paz. Eles que foram, claro, os grandes fazedores da guerra”, **idem**

“O apoio financeiro para a aquisição de instrumentos musicais escasseia como também existe desvalorização e marginalização das danças tradicionais moçambicanas por parte de promotores de eventos, empresários locais, dentre outros intervenientes ligados à cultura”, **Cândido Mazuze**

“(...) lamento a ideia de o Governo ter ‘institucionalizado ou oficializado’ o transporte de passageiros em camionetas. (...) Mesmo na época samoriana, isso não era permitido, ou que, no mínimo, a camioneta tinha que ter uma lona que proporcionasse uma certa segurança aos passageiros. Hoje em dia, numa clara regressão em termos de evolução da comodidade das pessoas, somos transportados em condições pouco dignas, para dizer péssimas. (...) as camionetas deixam ver toda a paisagem, já têm uma nova designação, chamando-se ‘Ver Moçambique’. Realmente vê-se o Moçambique real. Nada de escamotear a verdade. Ninguém diz que quem de direito não faz nada, porém, só que, mesmo o ex-timoneiro dos transportes, o Sr. Eng.º Zucula, andou tão mal que até a sua barba se tornou robusta, tentando arrumar a casa, de balde”, **Arlindo Oliveira**

“Fala-se que há qualidade no ensino, mas os seus filhos estudam em escolas estrangeiras ou no exterior. Os filhos estudam fora, mas dificulta-se a mobilidade de estudantes e pesquisadores estrangeiros. Elogia-se os avanços na saúde, mas tratam da saúde fora do país. Falam de identidades nacionais, mas gostam do melhor, sendo ou não moçambicano, africano ou de outros continentes, mesmo que para isso se esqueçam das identidades”, **João Mosca**

“A maioria não fala das verdades, porque receia deixar de trabalhar ou que lhes sejam retiradas mordomias (...). Os beneficiados do sistema necessitam de porta-vozes que sabem que não dizem a verdade, nem expressam a realidade, mas as suas mordomias, chefias de cartão em punho e dinheiros obtidos muitas vezes de forma pouco transparente são mais importantes que o povo e pensam que o voto, com ou sem fraude, não importa, lhes outorga um cheque em branco de legitimidade. E assim as coisas vão andando no faz de conta que tudo está a andar”, **idem**

“Assim são os feitos das obras em infra-estruturas, palácios públicos, pontes e circulares que impressionam os que olham e não vêem. Assim se diz que a pobreza está a diminuir, porque a maioria das pessoas anda vestida e calçada, mesmo que maioritariamente com roupa de branco morto (assim se conhece popularmente) ou também conhecida por ‘roupa das calamidades’ ou agora a roupa usada. Ou porque há uma grande massificação na utilização de telemóveis mesmo que pedindo-se crédito a alguém”, **ibidem**

OBITUÁRIO:

Peret
1935 – 2014
79 anos



O cantor espanhol Pedro Pubill Calaf, Peret, que vinha lutando contra um cancro, faleceu na passada quarta-feira, 27 de Agosto, na cidade espanhola de Barcelona, aos 79 anos. A notícia sobre a morte do considerado pai da rumba catalã foi divulgada pelo seu representante, Joan Planas.

O músico encontrou a morte às 14 horas, na clínica Quirón, depois de notícias contraditórias sobre o seu estado de saúde terem circulado, na referida quarta-feira: “Sim, lamentavelmente, ele morreu”, disse o representante do cantor, Joan Planas, que horas antes tinha desmentido o falecimento do artista, hospitalizado há uma semana.

Em Julho, o próprio Peret revelou, na sua página da Internet, que padecia de cancro e que enfrentava a doença com optimismo e coragem. Nascido num assentamento cigano, em Mataró, na região de Barcelona, Pedro Pubill Calaf ficou famoso no fim dos anos 1950 com um estilo de rumba no qual o violão espanhol também era usado como percussão.

O seu falecimento deu-se um mês depois do anúncio do seu abandono aos palcos. O tumor surpreendeu o cantor que se preparava para o lançamento do seu primeiro disco, cujas músicas são todas interpretadas em catalão, ao mesmo tempo que terminava a gravação de outro em castelhano. Apesar disso, o cantor nunca quis deixar os palcos e sempre foi confiante na luta contra o cancro, tendo afirmado que regressaria quando estivesse recuperado.

Com mais de seis décadas de carreira profissional, Peret era um dos ‘rumbeiros’ autênticos da sua geração. Por isso, foi considerado “o rei da rumba catalã”, tendo feito bastante sucesso com canções como “Rumba pa ti”, “Don Toribio”, “El Muerto Vivo” e “Borriquito como Tú”, nas quais misturava ritmos de mambo e salsa com o rock.

Peret representou a Espanha no Festival Eurovisão da Canção, em 1974, interpretando “Canta y sé feliz” e conquistou o nono posto na competição com um total de 10 pontos. Em 1992 actuou nos Jogos Olímpicos de Verão, realizados em Barcelona. Para além desse trabalho, publicou as obras discográficas “Rumbas de oro” (1989), “No se pué aguantar” (1991), “Que disparen flores” (1995) e “Now” (2008).

No ano de 2001, o artista gravou um álbum com versões actualizadas de canções antigas e que contou com a participação de David Byrne, Sergeant Garcia e o professor Angel Dust.

A carreira artística de Peret atingiu o cume da sua visibilidade quando o artista tinha 64 anos de idade. Mas, antes disso, no início de 1980, ele deixou a música para se associar à Igreja Evangélica da Filadélfia, tornando-se pastor, status e função social que abandonou dez anos mais tarde, a fim de voltar à música com a gravação do bem-sucedido trabalho discográfico “Gitana Hechicera”, em 1992.

Ficha Técnica

MAPUTO-Av. Mártires da Machava 905
NAMPULA-Av. 25 de Setembro 57 A
Telemóvel+258 86 75 81 784
Telemóvel+258 84 39 98 624
Telemóvel+258 82 30 56 466
Fax+258 21 490 329
E-mail:averdademz@gmail.com

Jornal registado no GABINFO, sob o número 014/GABINFO-DEC/2008; Propriedade: Charas Lda; Fundador: Erik Charas.

Director: Adérito Caldeira; Director-Adjunto: Sérgio Labistour; Chefe de Redacção: Emílio Sambo; Redacção: Inocência Albino, Alfredo Manjate, Coutinho Macanandze, Duarte Siteo, Reinaldo Nhalivilo, Intasse Siteo; NAMPULA - Delegado: Hélder Xavier; Chefe de Redacção: Júlio Paulino, Sérgio Fernando, Sebastião Paulino; Colaboradores: Milton Maluleque (África do Sul), Alexandre Cháque (Inhambane), John Chékwa (Catandica), Fernando Domingos (Búzi); Director Gráfico: Nuno Teixeira; Paginação e Grafismo: Danúbio Mondlane, Hermenegildo Sadoque, Avelino Pedro; Revisor: Mussagy Mussagy; Director de Distribuição: Sérgio Labistour, Carlos Mavume (Sub Chefe); Administração: Sónia Tajú; Internet: Francisco Chuquela; Periodicidade: Semanal; Impressão: Lowveld Media, Stinkhoutsingel 12 Nelspruit 1200.

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

Francisco Conde e Joaquim Zefanias

Estas duas figuras são um exemplo inequívoco de xicos-mor. Francisco Conde, secretário permanente do distrito de Barué, na provincial de Manica, e Joaquim Zefanias, administrador do mesmo ponto de Moçambique, sacaram da conta bancária da Administração do Distrito de Barué 67 mil meticais para financiar actividades eleitorais e pagar facturas do partido Frelimo. Esta atitude extravasa o lambe-botismo e configura uma clara delapidação do erário com o objectivo de alcançar fins umbilicais. Diante deste saque consumado e premeditado, o Ministério Público deve fazer valer a sua mão dura contra os infractores sob pena de o silêncio em relação a este caso poder deixar transparecer que houve beneplácito das instituições defensoras da legalidade.

Empresas que devem ao Instituto de Segurança Social

Ficámos a saber que, na semana passada, 40 empresas passaram o tempo a efectuar deduções nos vencimentos dos seus trabalhadores mas não canalizavam os montantes em causa às autoridades. As firmas visadas estão sedeadas na província de Manica e acumularam uma dívida no valor de 2.129.842,63 meticais. O Instituto Nacional de Segurança Social (INSS), na qualidade de único gestor deste dinheiro, notificou as companhias a canalizarem os fundos em cumprimento da legislação laboral em vigor no país. É patético ter-se empresas que exploram os seus trabalhadores e abocanham as quantias irrisórias que estes deviam poupar para a sua reforma ou outra necessidade ao longo das suas vidas. Apesar de se saber que o INSS também usa indevidamente o dinheiro dos contribuintes, é preciso que se respeite o que a lei reza e não se prejudique o trabalhador.

António Gonçalves

O vereador de Administração e Recursos Humanos, António Gonçalves, ao serviço do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), no município de Nampula, surpreendeu meio mundo e caiu no ridículo, no domingo passado, ao mandar agredir física e psicologicamente um repórter deste meio de comunicação. Tal facto surgiu em resultado de o visado e os seus colegas terem trancado um grupo de mulheres numa sala das instalações do município, as quais exigiam uma remuneração por terem participado numa jornada de limpeza. São imperceptíveis os motivos que levaram um gestor como António a ficar despojado de palavras, pontapear os princípios do diálogo e baixar de nível a ponto de pretender medir forças com um jornalista. Será que o xico nos pode revelar o plano que tinha para aquelas senhoras a ponto de se enfurecer por causa da presença do repórter?

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt), uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2ACBB9D9) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.



Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Soltura de Nini Satar

É, sem dúvidas, uma grande xiconhoquice conceder liberdade condicional a um criminoso condenado por assassinar alguém. Numa decisão de bradar aos céus, o Tribunal Judicial da Cidade de Maputo (TJCM) anuiu para que Momad Assif Abdul Satar, mais conhecido por Nini Satar, fosse restituído à liberdade condicional supostamente por bom comportamento, ou seja, não existe nada em seu desabono, desde que está enclausurado, em 2001, na cadeia de máxima segurança, vulgo Brigada Operativa (BO). O visado cumpriu metade dos 24 anos de prisão a que foi condenado por se ter provado que está envolvido na morte do jornalista Carlos Cardoso. O artigo 20 do Código Penal estabelece que qualquer pessoa que for condenada a pena superior a seis meses de prisão pode gozar de liberdade quando cumprir metade do período de reclusão. Os nossos leitores dizem que não estão contra a liberdade de Nini mas consideram absurdo que um individuo como ele volte à sociedade para conviver com as famílias ofendidas. E aplaudem a decisão da Procuradoria-Geral da República (PGR) por ter travado o processo, alegadamente por falta de vontade por parte de Nini de se adaptar à vida honesta.

Manifestos eleitorais

Os candidatos dos três partidos à presidência da República de Moçambique propalam inverdades e em cada acção provam que têm talento para o efeito. Eles são todos iguais. São farinha do mesmo saco. Nos seus pêniplos pelo país transportam quantidades imensuráveis de promessas que durante os 39 anos de independência nem o partido que se vangloria de ser de mudança conseguiu concretizar. É exemplo disso a construção de uma linha férrea para ligar Maputo a Cabo Delgado. Querem que a gente engula esta mentira? Eis a pergunta de um dos nossos leitores, para quem se realmente existisse tal via ferroviária poucos produtos ou excedentes agrícolas apodreceriam em diversos pontos do país por falta de vias e meios de escoamento. Os manifestos eleitorais dos partidos políticos são uma prova inequívoca de que eles mentem agora, vão mentir depois quando chegarem ao poder e vão mentir para sempre. Eles aproveitam-se da cegueira mental de alguns compatriotas para conseguirem votos e vencer as eleições. E quando já se sentam nas poltronas dos seus gabinetes esquecem-se do povo que lhes colocou no poder..

Crimes passionais

Os crimes passionais, ou seja, cometidos por paixão, tendem a ser frequentes na sociedade moçambicana. No domingo passado, uma jovem identificada pelo nome de Sandra Paulo, de 19 anos de idade, espancou o seu namorado, depois de encontrar o seu parceiro com uma suposta amante, no bairro de Mutauanha, arredores da cidade de Nampula. A vítima, de 24 anos de idade, teve de ser evacuada para o Hospital Central de Nampula (HCN), devido à gravidade dos ferimentos. Há algum tempo, Sandra vinha desconfiando de que o seu namorado, de nome Olímpio, mantinha um relacionamento amoroso com outra mulher. Naquele dia, o visado saiu de casa alegando que iria divertir-se com alguns amigos numa das barracas daquela zona residencial. A jovem decidiu seguir o seu parceiro, tendo-o encontrado, em flagrante, com uma outra mulher, enveredou pela violência e pôs-se em fuga depois de se aperceber de que o seu namorado tinha o sangue a escorrer por toda a cabeça.

Os estupros que ainda assombram Luís Cabral

Os dias 16, 19, 27 de Junho e 17 de Julho últimos jamais serão esquecidos no bairro Xinhambanine, vulgo Luís Cabral, na capital moçambicana, que foi assolado por uma vaga de agressões físicas e estupros que culminaram com a morte de, pelo menos, quatro raparigas. Todos os crimes se deram de forma muito semelhante. Agora, a situação parece estar controlada mas o medo e a insegurança ainda reinam na região. As mulheres dos quarteirões onde os crimes aconteceram continuam apavoradas, e a partir das 19h00 não saem de casa por temerem ser as próximas vítimas.

Texto: Intasse Siteo • Foto: Eliseu Patife

Nas ruas as pessoas contam que estão com pânico tendo em consideração o que consideram tamanha violência. Até hoje, a população daquele bairro não percebe por que razões as vítimas foram mortas de forma bárbara e clama por uma patrulha intensa por parte da Polícia, alegadamente porque, além de agressões físicas e violações sexuais, a zona tem sido palco de outros crimes, sobretudo de assaltos nas cercanias das linhas férreas e machambas, áreas consideradas altamente perigosas.

A 16 de Junho do ano em curso, a jovem Angelina José Coreia, de 19 anos de idade, encontrou a morte de forma brutal. Consta que ela passara a morar em casa de uma tia há relativamente pouco tempo, na zona de Luís Cabral, em virtude de ter tido um desentendimento com o irmão da sua mãe.

Segundo Injurda Hilário, de 20 anos de idade, residente do quarteirão 39, a sobrinha perdeu a vida quando voltava da residência do seu irmão, no bairro unidade 7, onde ia buscar os seus pertences. “Por volta das 17h00 notei que ela estava a demorar; telefonei-lhe e ela garantiu-me que estava na paragem da “Brigada” e chegaria à casa o mais rápido possível. Retomei a chamada às 19h00 e ela dizia a mesma coisa, que estava a chegar à casa. Às 20h00, quando quis insistir, o telefone já estava desligado. Fiquei preocupada sem saber o que fazer para encontrá-la, uma vez que já era tarde”.

A noite passou e um novo dia chegou mas ninguém sabia do paradeiro de Angelina, até que, na madrugada do dia 16/06/14, os vizinhos da nossa interlocutora encontraram a vítima sem roupa, ensanguentada e com o rosto inchado, sinais que sustentavam a tese de que a jovem teria sido espancada e, em seguida, abusada sexualmente até à morte. Mais de dois meses passaram, os malfeitores continuam em parte incerta e não se sabe o que esteve na origem do crime.

Os supostos assassinos apoderaram-se de todos os bens que a miúda tinha em sua posse, tais como telemóvel, pasta com roupa, documentos pessoais e dinheiro. A má notícia sobre o seu desaparecimento físico, alegadamente premeditado, abalou Injurda, que nos assegurou que nenhum destes pertences foram encontrados até hoje.

“Existem factos inexplicáveis... os pais da minha sobrinha perderam a vida quando ela tinha oito anos de idade e com menos de dois dias a viver naminha casa ela foi violada até à morte; é triste”, lamentou



a senhora. Esta acredita que o grupo que abusou da jovem e tirou a sua vida habita na mesma zona e admite que o homicídio foi uma forma de evitar que tais indivíduos fossem identificados e responsabilizados por este acto macabro.

A nossa entrevistada apelou à Polícia da República de Moçambique (PRM) para que seja mais vigilante e trabalhe em coordenação com os próprios moradores com vista a estancar este mal. Ela considera que o que aconteceu com a sua parente um dia pode vir a ocorrer numa das familiares dos presumíveis assassinos.

Decorrido pouco tempo, o bairro Luís Cabral foi abalado por uma nova tragédia. Segundo informações em nosso poder, a 19 de Junho, uma cidadã de aproximadamente 30 anos de idade, cujo nome e o da família não conseguimos apurar, foi encontrada pelos moradores sem vida dentro de uma vala, por volta das 06h00, numa área onde se produz hortícolas.

Felismina Chambule, de 58 anos de idade, vive na área onde o crime se deu e contou ao @Verdade que a vítima residia no bairro George Dimitrov. No “Luís Cabral” ia passar o fim-de-semana em casa dos sogros.

A terceira malograda, cujo nome também não foi possível apurar, aparentemente de 16 anos de idade, morreu a 27 de Junho, a caminho de uma padaria sita nas imediações do seu quarteirão a fim de comprar bolos para revender no Terminal Rodoviário Interprovincial da “Junta”. À semelhança das duas primeiras vítimas, ela foi estuprada, agredida fisicamente e o seu corpo abandonado numa linha férrea na mesma zona.

A quarta vítima, de acordo com Felismina Chambule, era uma menina de 14 anos de idade, que, após ser violentada física e sexualmente, foi arremessada para baixo de coqueiros, numa área onde abunda este tipo de árvore.

Ao contrário da Injurda, a nossa interlocutora considera, apesar de não apresentar argumentos, que os crimes foram protagonizados por pessoas provenientes de outros bairros. A cidadã apela às pessoas supostamente sem ocupação para realizarem biscates algures em vez que desgraçar famílias.

Os assaltos

Os moradores do bairro Luís Cabral estão preocupados com a onda de violência que tomou conta da região nos últimos tempos. São raros os dias em que os residentes não se queixam de assaltos frequentes. A partir das 19h00 é ariscado circular na zona, principalmente nas proximidades da linha férrea e do rio Malauze. Um grupo de bandidos tem estado a criar terror, despojando pessoas indefesas dos seus bens, tais como dinheiro, telemóveis e outros objectos.

O secretário da zona, João Matlombe, reconheceu que a criminalidade deixou muita gente agastada, entre Janeiro e Julho. Em conexão com os casos a que nos referimos, ninguém foi detido, o que preocupa bastante a comunidade. O líder garantiu que a PRM está a trabalhar em coordenação com a Força de Intervenção Rápida (FIR) com vista a mitigar a situação. Todavia, os moradores não sentem o efeito desse trabalho.

Jorge Siteo, de 24 anos de idade, trabalha numa empresa de segurança privada; por isso, sai de casa por volta das 04h00. Ele confessou que

tem medo de cair nas mãos dos malfeitores e desde que quatro miúdas foram mortas muita gente já não circula livremente na zona a partir de certa altura.

“O indivíduo que for encontrado pelos bandidos é espancado até perder os sentidos e depois assaltado. Isto acontece, em parte, devido à falta de patrulhamento à noite. A Polícia efectua rondas à tarde, período em que casos desta natureza não acontecem”, disse Siteo.

Laura Machava, de 27 anos de idade, considerou que a presença da corporação é quase nula e o perigo está nas zonas sem iluminação. “Há sensivelmente seis meses que não sabemos o que é circular à vontade neste bairro. Há pessoas que estudam à noite e acabam por desistir por receio de serem agredidas e mortas”.

Jorge Nhanombe é o dono de um vasto campo no qual produz e vende algumas hortícolas que abastecem diversos mercados das cidades de Maputo e da Matola. Contudo, ele queixa-se de estar a registar prejuízos desde o dia em que o corpo de Angelina foi encontrado no meio de alguns canteiros da sua machamba. A partir dessa data, ninguém quer saber das verduras retiradas daquele local por temerem ser vítimas de azar ou por receio de não conseguirem revender os produtos ali adquiridos.

Orlando Mudumane, porta-voz da PRM a nível da cidade de Maputo, disse que as autoridades renovam o apelo à vigilância da população. Qualquer movimento suspeito deve ser comunicado à Polícia.

Cidadão atropela e abandona a vítima no Hospital Central de Maputo

Um homem identificado pelo nome de William George Weir, de 55 anos de idade, fez-se ao volante de uma viatura com a matrícula ACS 808 MP, pertencente à companhia a que está afecto, no município da Matola, seguiu viagem pela Estrada Nacional número 4 (EN4), pisou continuamente no acelerador – talvez com o intuito de chegar mais rápido ao seu destino – enquanto falava ao telefone. Chegado ao bairro de Malhampsene, ele atropelou um cidadão que responde pelo nome de Atanásio Paulo Matsinhe, de 36 anos de idade, que não morreu por um golpe de sorte, em consequência da falta assistência por parte do referido motorista.

Texto: Redacção

Os factos aconteceram a 25 de Agosto último, por volta das 17h00. Atanásio Matsinhe contou-nos que ao atravessar a EN4 foi, de repente, colhido violentamente pelo carro em alusão, que era conduzido a uma velocidade excessiva. A vítima permaneceu minutos a fio estatelada no asfalto sem assistência, enquanto o protagonista da desgraça tratava, indiferentemente, de assuntos particulares ao telefone.

A sua insensibilidade perante o sofrimento do cidadão que se contorcia de dores, parecia que tinha atropelado um cão, segundo os mirones que se fizeram ao local. Estes ficaram boquiabertos devido à tamanha crueldade do automobilista.

Consta que William Weir é de origem sul-africana e é motorista da empresa Libombo Project, sediada na Matola. Depois do sinistro, de acordo com testemunhas, ele permaneceu no interior do veículo no qual viajava. Foi necessária a intervenção das pessoas que estavam na sua companhia para que fizesse alguma coisa com vista a socorrer Atanásio Matsinhe.

Apesar da pressão a que estava sujeito, de maneira que tomasse uma atitude humana, o visado fez-se de rogado. Contudo, mais tarde suspendeu o telefonema e levou a vítima para a “Polly Clinic”, algures naquele ponto da província da Maputo, onde o abandonou sem nenhuma ajuda.

Atanásio Matsinhe, pai de dois filhos totalmente dependentes dele, é ajudante de construção civil e depende de pequenos serviços remunerados para sobreviver. Volvido um dia de internamento, ele recebeu a notícia de que o tratamento seria suspenso em virtude de William Weir e a empresa na qual trabalha não terem desembolsado fundos correspondentes aos encargos médicos do dia anterior, no valor de 21.800 meticais.

Para impedir que Atanásio fosse deixado à sua sorte, a Polícia do Comando Provincial da Matola interveio e sensibilizou os gestores daquela clínica privada a continuarem com o tratamento, com a promessa de que ia tomar diligências no sentido de William e a sua firma se responsabilizarem pelas despesas da terapia.

Visivelmente agastado com a situação, Atanásio disse ao @Verdade que condena a atitude do protagonista do acidente, sobretudo pelo facto de não efectuar visitas com vista a saber como é que está a evoluir a sua saúde. Esta situação, na óptica do enfermo, revela uma gritante falta de responsabilidade.

Segundo Elónio Matsinhe, irmão do paciente, devido à intervenção das autoridades policiais, a Libombo Project pagou o valor corresponde a três dias em que Atanásio permaneceu internado e no fim da tarde do dia



27 de Agosto a firma pediu para que o doente fosse transferido para o Hospital Central de Maputo (HCM), onde continua com os tratamentos.

Deste modo, a companhia pretendia eximir-se da responsabilidade de continuar a assegurar a terapia de Atanásio; por isso, o nosso interlocutor considerou que se não tivesse havido intervenção dos agentes da Lei e Ordem o seu familiar estaria a esmorecer naquela clínica, cujos custos de internamento são bastante exorbitantes para a família Matsinhe.

Na maior unidade sanitária de Moçambique, o doente continua desamparado por quem tem a obrigação de cuidar dele. A respeito deste problema, a Libombo Project, por intermédio de um funcionário que se identificou pelo nome de Eduardo Francisco Siteo, director financeiro, alegou que os encargos da terapia são da responsabilidade de uma seguradora a que está inscrita.

Um dos médicos que cuidam de Atanásio explicou ao @Verdade que ele quebrou a bacia; por isso, a sua recuperação está a ser um pouco difícil mas após a cirurgia o seu quadro clínico tende a registar melhorias. Paulo Matsinhe, pai da vítima, receia que o seu filho não volte a andar mas os terapeutas garantem que nada disso vai acontecer.

Elisa Alberto Macuácu, consorte de Atanásio, é desempregada e depende inteiramente do marido para cuidar dos seus dois filhos, dos quais um de seis anos de idade, a frequentar a 1ª classe, e outro de quatro anos de idade. Ela exige que se

faça justiça e o seu esposo seja ressarcido em virtude dos danos causados devido ao acidente de viação.

De acordo com a nossa entrevistada, o facto de William e a sua firma não prestarem nenhuma assistência médica e não visitarem o enfermo é uma clara falta de responsabilidade. “Por falta de condições, desde que ele (o doente) foi internado nunca levámos uma refeição para o hospital.”

“A empresa não se pronuncia em relação a este caso e se por a caso as previsões dos médicos falharem e o meu filho não voltar a andar não teremos condições para comprar uma cadeira de rodas de modo a facilitar a sua movimentação”, queixou-se o progenitor de Atanásio.

Acidentes de viação continuam a matar

Entre 25 e 31 de Agosto passado, na capital moçambicana, seis cidadãos perderam a vida, sete contraíram ferimentos graves e outros cinco ficaram ligeiramente traumatizados, em resultado de 16 sinistros rodoviários.

Na sexta-feira passada, 29 de Agosto, na EN4, duas pessoas morreram e a terceira ficou gravemente ferida devido ao despiste e embate de uma veículo numa vedação no bairro de Texlon, na Matola. No dia anterior, uma criança de quatro anos de idade perdeu a vida em consequência de um atropelamento no distrito da Manhiça. Já no sábado (30/08), outra pessoa morreu em Namaacha, em resultado de despiste e capotamento da viatura na qual seguia viagem.

No mesmo período, pelo menos 18 pessoas morreram e outras 20 contraíram traumas graves e ligeiros devido a 12 acidentes de viação ocorridos nos distritos de Gurúê, Ile e Namarroi, na província da Zambézia. Amílcar dos Anjos, chefe do Departamento da Polícia Trânsito (PT), indicou que o excesso de velocidade, as ultrapassagens irregulares, o corte de prioridade, as deficiências mecânicas e a condução em estado de embriaguez foram as causas dos sinistros.

Na província de Nampula, cinco pessoas perderam a vida e 14 contraíram ferimentos graves e ligeiros por causa de seis sinistros rodoviários, segundo Miguel Bartolomeu, porta-voz do Comando Provincial da Polícia da República de Moçambique (PRM).

Criança morta em Manica

Na segunda-feira passada, 01 de Setembro corrente,

uma criança do sexo masculino, com idade compreendida entre 10 e 12 anos, perdeu a vida em consequência de um atropelamento na vila de Catandica, no distrito de Bárue, na província de Manica.

A vítima, que frequentava a 5a classe na Escola Primaria Completa de Ntsuanda, naquela autarquia, encontrou a morte por volta das 12h00 quando tentava atravessar a Estrada Nacional número 7 (EN7), com o intuito de comprar um bolo num mercado sito nas imediações da via, segundo testemunhas entrevistadas pelo @Verdade.

A viatura envolvida no sinistro, com a matrícula AAA 9891B, circulava a uma velocidade excessiva, ida de Chimoio para Tete. Uma das vendedeiras do mercado local, que se identificou apenas pelo nome de Teresa, queixou-se da falta de lombas na zona com vista a minimizar a desgraça.

Outros vendedores alegaram que a paralisação das obras de construção do mercado concorre para a ocorrência de acidentes de viação, uma vez que os comerciantes realizam as suas actividades nas bermas do troço em alusão.

Por sua vez, o director da Escola Primária Completa de Ntsuanda, Augusto Landinho, apelou às autoridades para que construam lombas de modo que os condutores reduzam a velocidade sempre que chegarem à zona. Ele disse que não é a primeira vez que acontece um acidente fatal.

O motorista do carro disse que se apercebeu, repentinamente, de que uma criança estava a atravessar a estrada e não foi possível evitar o sinistro.

Governo cede 30 mil hectares de terra a agricultores portugueses em Lalaua e Ribaué

O Governo acaba de concessionar cerca de 30 mil hectares de terra a uma sociedade de agricultores portugueses para a produção de soja e milho amarelo, para o fabrico de ração de animais nos distritos de Lalaua e Ribaué, no interior da província de Nampula.

O facto foi confirmado ao @Verdade por Daniel Pedrosa Lopes, administrador da empresa INDIVEST, com sede em Lisboa, que destacou os enormes desafios daquele grupo empresarial com vista a contribuir para a redução da dependência externa no que tange à aquisição de rações para a produção aviária em Moçambique. “O caminho faz-se caminhando. Nós vamos trabalhar, por forma a ajudar o país a reduzir as importações de ração para os animais”, garantiu.

Segundo Pedroso Daniel, estima-se que cerca de 70 por cento da ração fornecida aos produtores nacionais de frangos provém do mercado externo e apenas 30 por cento são produzidos localmente, o que faz com que a procura daquele alimento para o gado seja ainda grande, sobretudo nas províncias nortenhas de Nampula, Niassa e Cabo Delgado.

De acordo ainda com o nosso entrevistado, a aposta é envolver o maior número possível de produtores neste processo, sem relegar para último plano outras actividades de rendimento familiar. “O projecto de produção de milho e soja para o fabrico de rações contempla acções de responsabilidade social centradas na melhoria de vida, não só dos cerca de 250 trabalhadores a serem contratados

oportunamente, mas também de toda as populações de Ribaué e Lalaua”, frisou.

A construção de uma nova escola em cada um dos distritos acima referenciados, o treinamento dos camponeses em tecnologias agrárias e o fornecimento de sementes melhoradas daquelas culturas alimentares e de rendimento às comunidades locais constam ainda do projecto dos portugueses.

Dados em nosso poder indicam ainda que, para além dos 30 mil hectares, já concessionados, o Governo poderá ainda aumentar a área para cerca de 200 mil hectares, caso o projecto se mostre sustentável para os investidores e para a população, em geral. Entretanto, os dois distritos estão sob uma iminente revolta dos camponeses que se queixam da falta de transparência, por parte das autoridades governamentais, na atribuição de cerca de 30 mil hectares de terra a um grupo de agricultores portugueses para a produção de milho amarelo e soja.

O projecto seria “bem-vindo”, dizem alguns produtores, se o processo de consulta comunitária tivesse obedecido às normas estabelecidas nas Legislação sobre Terras e Florestas, vigentes na República de Moçambique. Em relação ao assunto, o @Verdade tentou ouvir o chefe dos Serviços Provinciais da Agricultura, Joaquim Tomás, mas este recusou-se a prestar qualquer depoimento, alegadamente porque o assunto diz respeito aos Serviços Distritais das Actividades Económicas. Estes também mostraram-se indisponíveis em falar sobre a matéria.

Atrasada cerca de um ano reabilitação da estrada Nampula/Cuamba

O projecto de reabilitação e asfaltagem da estrada que liga a cidade de Nampula ao município de Cuamba, na vizinha província do Niassa, deverá terminar em Novembro do próximo ano. As obras, que tiveram início em princípio de Setembro de 2011 e deveriam terminar a 31 de Agosto de 2014, foram adiadas para Novembro de 2015, devido à falta de material e de fundos.

O governo da província de Nampula, através da Direcção de Obras Públicas e Habitação, reconhece a demora na execução da empreitada, mas afirma que tal se deve a factores de ordem financeira. Pedrito Rocha, director das Obras Públicas e Habitação em Nampula, diz estar preocupado com a lentidão na mobilização dos equipamentos, para além dos sistemáticos atrasos salariais em relação ao pessoal da obra.

O @Verdade percorreu, na semana finda, o troço de mais de 50 quilómetros de extensão, entre Nampula e vila de Namina, no distrito de Mecuburi, para medir o pulsar das obras, tendo constatado que as mesmas estão ainda longe do seu término, embora o empreiteiro esteja a redo-

brar esforços nesse sentido.

Informações que nos chegam de Mutuali, concretamente do lote três, dão conta de que as obras de reabilitação e asfaltagem da estrada que liga aquele posto administrativo do distrito de Malema à cidade de Cuamba estão, igualmente, atrasadas.

Apesar destes constrangimentos, Rocha enaltece o trabalho até aqui desenvolvido pelos empreiteiros, uma vez que a via permite a circulação de viaturas e peões e acredita que, até ao mês de Novembro de 2015, as obras estarão concluídas.

A estrada Nampula/Cuamba é considerada “espinha dorsal” para o desenvolvimento socioeconómico da região norte, em geral, e das províncias de Nampula e Niassa, em particular. A cerimónia de lançamento do projecto de reabilitação e asfaltagem daquela rodovia, importa referir, teve lugar na sede do distrito de Nampula/Rapale, sob orientação do então Primeiro-Ministro da República de Moçambique, Aires Bonifácio Ali.

Carbúnculo hemático dizima gado em Nampula

Dezenas de cabeças de gado bovino e ovino morreram e outras, em quantidades não especificadas, são tidas como estando infectadas pela síndrome de carbúnculo hemático, em Nampula. Trata-se de uma doença contagiosa e considerada perigosa para a saúde dos animais e com maior facilidade de propagação no seio dos criadores.

Provocado por uma bactéria, tecnicamente conhecida por “estafilococos aureus”, o carbúnculo hemático ocorre com maior frequência em animais, mas pode afectar o ser humano, caso este se exponha aos animais sem as devidas precauções.

O índice daquela pandemia ocorre numa altura em que o sector da Agricultura em Nampula multiplica esforços no sentido de reduzir o número da população animal a padecer daquela enfermidade. Um estudo efectuado entre os meses de Junho e Julho do ano em curso nos distritos de Angoche, Moma, Mogovolas, Murrupula, Muecate, Ribaué e Mossuril constatou haver fortes evidências de propagação do carbúnculo hemático, naquela província do norte do país.

A chefe dos Serviços de Pecuária, Elisa Leonel, apela aos criadores de gado no sentido de colaborarem com o Governo, através da prestação dos cuidados básicos aos seus animais.

Para inverter a situação, os Serviços Provinciais de Pecuária desenvolveram, recentemente, uma intensa campanha de vacinação de animais contra a doença. A campanha abrangeu 62.680 cabeças de gado bovino, contra 58.653 do planificado, o correspondente a um cumprimento da meta na ordem dos 107 por cento.

Estes dados representam um crescimento de 67 por cento, comparativamente a igual período do ano passado, em que foram vacinados 33.245 animais em toda a província. O objectivo da campanha é tornar a província de Nampula livre daquela enfermidade nos próximos tempos.

Jovem espanca namorado por ciúmes em Nampula

Uma jovem identificada pelo nome de Sandra Paulo, de 19 anos de idade, espancou, no domingo (31), o seu namorado, depois de encontrar o seu parceiro com uma suposta amante, no bairro de Mutauanha, arredores da cidade de Nampula. A vítima, de 24 anos de idade, teve de ser evacuada para o Hospital Central de Nampula (HCN), devido à gravidade dos ferimentos.

Há algum tempo, Sandra vinha desconfiando de que o seu namorado, de nome Olímpio, mantinha um relacionamento amoroso com outra mulher. No domingo passado (31), o visado saiu de casa alegando que iria divertir-se com alguns amigos numa das barracas daquela zona residencial.

A jovem decidiu seguir o seu parceiro, tendo-o encontrado, em flagrante, com uma outra mulher. Apesar de vários conselhos da vizinha que a acompanhava, Sandra não conseguiu conter a decepção, tendo enveredado pela violência, causando ferimentos graves ao seu parceiro.

Londom Abu, uma das testemunhas, contou ao @Verdade que a jovem se pôs em fuga depois de se aperceber de que o seu namorado tinha o sangue a escorrer por toda a cabeça.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt) Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634 BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ facebook: JornalVerdade

NEGLIGENCIA

A verdade em cada palavra.

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.

Sociedade

Município de Nampula encarcera pessoal de limpeza e manda agredir jornalista do @Verdade

Mais de 50 mulheres foram mantidas em cárcere privado no Salão Nobre do Conselho Municipal da Cidade de Nampula, por mais de duas horas, na manhã do último domingo, 31 de Agosto, alegadamente por terem depositado lixo na entrada principal daquelas instalações, como forma de reivindicarem o pagamento de subsídios por terem participado numa iniciativa de limpeza da urbe.

As vítimas fazem parte de mais de três mil munícipes, maioritariamente mulheres, recrutados para fazer a limpeza da cidade de Nampula, após a tomada de posse do novo edil, Mahamudo Amurane, na primeira quinzena de Fevereiro passado, no âmbito do projecto “Warya Wa Wamphula”.

Trata-se de um caso que se arrasta desde aquela data e as pessoas envolvidas na iniciativa, que visava remover os resíduos sólidos em todas as ruas da urbe sob gestão do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), foram recrutadas sem qualquer garantia de compensação.

Volvido algum tempo, elas mostraram-se agastadas pelo facto de não terem sido remuneradas pelo trabalho prestado. A partir dessa altura, os visados iniciaram diligências com vista a pressionar a edilidade a compensá-los.

Depois de meses a fio à espera de uma solução, há dias, o município decidiu começar a compensar algumas pessoas, as quais se queixam do facto de o valor ser supostamente insignificante (mil meticais). As que ainda não fo-

ram abrangidas pelo processo suspeitam de terem sido excluídas; por isso, naquele domingo, amotinaram-se defronte do edifício da edilidade para exigirem o subsídio a que dizem ter direito.

Todavia, o grupo foi recolhido e fechado no Salão Nobre, por volta das 07h00. Na altura em que um jornalista do @Verdade se fez o local para perceber o que se passava, foi alvo de injúrias proferidas pelo delegado provincial do MDM, Rachade Carvalho. “Você vai ver... você vai passar mal... eu sou Rachade”, disse o político, repetidas vezes, apontando o dedo indicador ao repórter.

Em seguida, o profissional foi agredido fisicamente por alguns agentes de segurança do Conselho Municipal de Nampula, a mando do vereador da Administração e Recursos Humanos, António Gonçalves.

“Sai... sai... as senhoras que estão ali (trancadas no Salão Nobre) são nossas. Se o senhor tem objectivos obscuros vai concretizá-los fora daqui. Segurança, tira-lhe daqui...”, ordenou Gonçalves, que recusou tecer declarações em torno do problema. Enquanto isso, Rachade Carvalho continuava a proferir insultos.

Até por volta das 10h00, altura em que a nossa Reportagem se retirou do local, as mulheres permaneciam enclausuradas. Refira-se que o grupo disse que ficaria satisfeito se a subvenção que a edilidade está a pagar fosse de três mil meticais.

Crise de água assola posto administrativo de Chinga

A população do posto administrativo de Chinga, no distrito de Murrupula, na província de Nampula, está mergulhada numa crise de água potável há bastante tempo. Trata-se de um problema que já tem barba branca e rija mas não há nenhuma solução à vista.

Os habitantes daquela circunscrição geográfica acusam as autoridades governamentais de nada fazerem para minimizar a amargura a que estão sujeitos.

Elias João José, secretário do bairro 25 de Junho, naquele ponto do país, disse que as mulheres constituem o grupo que mais se ressentem da falta de água, na medida em que elas são obrigadas a percorrer longas distâncias para obter pelo menos um bidão do precioso líquido com vista a satisfazer as suas necessidades quotidianas.

Segundo aquele líder comunitário, as raparigas em idade escolar chegam tarde à escola porque, todos os dias, dirigem-se primeiro ao rio Namavaca, que dista aproximadamente sete quilómetros das suas áreas de residência, a fim de acarretarem água.

O chefe do posto administrativo de Chinga, Moutinho Daniel, considerou que é legítima a preocupação da população. Todavia, a solução do problema ultrapassa as capacidades dos dirigentes locais. A administração distrital tem conhecimento da situação e espera-se que faça alguma coisa para aliviar o sofrimento da população.

O @Verdade apurou que Chinga possui quatro fontanários pú-

blicos, dos quais dois estão avariados. Refira-se que as fontes inoperacionais, que só funcionaram quase um mês, foram construídas com o financiamento de uma empresa chinesa.

Ainda em Nampula, a comunidade do povoado de Mucocola, no distrito de Muecate, também é assolada pela escassez de água potável. Em consequência deste problema, os residentes consomem líquido vital impróprio, o que constitui um atentado à sua saúde.

Aiúba Saíde, líder da localidade, disse que a região dispunha apenas de duas fontes para abastecimento público, os quais estão inoperacionais. Por isso, os habitantes recorrem aos pequenos rios para minimizar o martírio.

No Verão, as referidas correntes de água doce secam e a situação torna-se mais crítica. Há famílias que chegam a abandonar Mucocola e refugiam-se em zonas consideradas razoáveis em termos de disponibilidade do precioso líquido.

De acordo com o nosso interlocutor, a crise faz com que várias pessoas estejam em risco de contrair doenças diarreicas por inobservância das regras elementares de higiene colectiva e individual.

Inácio Miquitaunde, administrador de Muecate, reconhece a preocupação dos populares. Ele disse que o desafio do executivo é constituir fontanários e neste momento decorre o processo de identificação das áreas onde poderão ser realizadas perfurações.

que os compartimentos em causa ainda não tinham sido entregues ao governo local pelo empreiteiro, mas estavam a ser utilizadas para minimizar a falta de salas de aula.

O representante do Serviço Distrital da Educação, Juventude e Tecnologia em Báruè (SDEJT), Celestino José Niquisse, disse que a instituição vai averiguar o que aconteceu para que as salas desabassem.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Não menstruo mas sinto algo no ventre. Será um feto?

Queridos leitores, Vocês já ouviram falar de violadores de menores que pensam que os seus actos são a cura para o VIH? Eu até pensei que isto tivesse diminuído, até ler uma notícia num jornal a semana passada! Este acto de violação sexual contra crianças (meninas ou rapazes) e contra mulheres é categoricamente desprezível e inaceitável. Se conheces ou desconfias de alguém que faz isso, denuncia-o à Polícia. E se quiseres saber mais sobre a saúde sexual e reprodutiva no geral,

envia mensagem através de um sms para **90441**

E-mail: **averdademz@gmail.com**

Por respeito à vossa confidencialidade, não usamos os nomes reais.

Olá Tina. Tenho 23 anos e sou mãe de dois filhos. Dei à luz em Junho do ano passado e só vi o período passados seis meses. Depois daí não vi mais nada até agora. Só que há um mês sinto uma coisa dentro do meu ventre a mexer. Será um feto? Por favor, ajude-me a resolver esse problema que me tira o sono. Obrigada.

Querida leitora, a menstruação pós-parto está directamente associada ao aleitamento materno. Quando as mulheres amamentam os bebés exclusivamente nos primeiros seis meses de vida, não é provável que vejam o sangramento da menstruação. Isto não significa, porém, que possam usar isso como forma de evitar a gravidez. Atenção! Cada mulher é um caso, e os ciclos dependem de cada corpo e de cada circunstância. Há mulheres que ainda que não vejam a menstruação, mesmo assim podem engravidar porque o seu ciclo terá começado. Se a mulher quiser evitar a gravidez logo após o parto, o melhor é consultar a unidade sanitária para que lhe seja aconselhado um método contraceptivo adequado e que não afecte o leite materno. No teu caso, eu sugeria que fizesses um teste de gravidez urgente (podes comprar em qualquer farmácia), e logo de seguida procures um/a médico/a ginecologista para que sejam examinada e te proponham um tratamento adequado, se for o caso. Boa saúde!

Bom dia Tina. Eu tenho uma pergunta e uma frustração que está a acontecer comigo. Tenho 26 anos e há 3 meses fiz vários exames e as taxas estão todas normais. Pratico exercícios, não fumo e só bebo socialmente. O problema é que nesses últimos meses quando vou ter uma relação sexual, o meu pénis fica muito erecto nas preliminares, mas quando penetro e começo ele não se mantém. O que será isso? Para lhe dar uma maior clareza, quando eu tinha namorada eu transava todos os dias e não tinha problema nenhum. Quando terminámos o namoro eu fiquei bem ruim e passei uns quatro meses sem ter uma relação sexual. Masturbava-me quase todo o dia, e via muita pornografia. Hoje consigo ter uma erecção masturbando-me e por muito tempo a ver pornografia. Será que pode ser a imagem da pornografia associada à minha erecção? A masturbação foi praticada em excesso? Ou é um problema físico? Gostaria que você me desse uma luz para a solução deste problema.

Olá. Antes de mais gostaria de te aconselhar a relaxares pois, na tua idade, não é provável que se trate de uma situação que seja de “vida ou morte” ou de “impotência sexual”. É um desafio bastante comum para muitos homens jovens, que leva a que o homem ejacule prematuramente durante o acto sexual, bastando que haja uma mínima estimulação. Se dizes que durante a tua relação não tinhas o mesmo problema, deverias considerar as seguintes causas: sentes muita ansiedade de atingir o orgasmo ou de mostrar que és capaz de retardar a tua ejaculação? Tens dificuldades de comunicar os teus desejos e vontades à parceira com quem manténs o acto sexual? Estás seguro sobre o teu estado de saúde ou da parceira com quem fazes sexo, fizeram o teste, usam o preservativo? Estas e outras perguntas levam-te a questionar o teu estado psicológico, identificando algum sentimento de rejeição, culpa, depressão e/ou in experiência sexual. É importante também perceberes se a ejaculação precoce ocorre quando te masturbas ou durante o acto sexual com uma parceira. É que a masturbação não pode servir de forma de medires o tempo que demoras a ejacular, pois o acto é solitário e não envolve comunicação com outra pessoa. Observa-te, conhece melhor o teu corpo, relaxa mais, comunica-te e usa sempre o preservativo para evitares as ITS e o VIH.

Vendaval fere dois alunos e destrói salas no centro de Moçambique

Dois alunos contraíram ferimentos ligeiros em virtude de um vento forte vendaval que assolou o município de Catandica, no distrito de Báruè, na província de Manica, que destruiu também o tecto de novas salas de aula da Escola Primária Completa 3 de Fevereiro, no bairro Mugabe, por volta das 13h00 de terça-feira, 02 de Setembro corrente. As vítimas foram surpreendidas pelo mau tempo durante as aulas. A directora daquele estabelecimento de ensino público, Márcia Maria Catoma, disse

Gestores do “Recheio” maltratam trabalhadores em Nampula

Os trabalhadores do Recheio – Cash & Carry, um supermercado localizado na cidade de Nampula, queixam-se de maus-tratos protagonizados pelos gestores daquele estabelecimento comercial, mormente, o gerente, que é acusado de agredir, fisicamente, os seus funcionários em pleno trabalho. Segundo os denunciantes, além de espancamentos, os responsáveis proferem palavras injuriosas contra as trabalhadoras. Além disso, os funcionários não têm direito ao pagamento de horas extras e quem ousa protestar contra estas e outras situações coloca em risco o seu emprego.

Texto & Foto: Sérgio Fernando

As denúncias apresentadas por trabalhadores daquele supermercado ao @Verdade referem que os gestores daquele estabelecimento comercial impõem regras que, efectivamente, violam a legislação moçambicana. Segundo os nossos interlocutores, os proprietários da referida loja estão apenas interessados em obter lucros e não se preocupam com o bem-estar dos seus funcionários.

“Nós estamos a trabalhar para melhorar as nossas condições de vida, mas o comportamento dos gestores do ‘Recheio’ não é dos melhores”, disseram os trabalhadores.

Uma das funcionárias, que trabalha no supermercado há algum tempo, disse que testemunhou o despedimento de, pelo menos, 10 colegas porque pretendiam dar continuidade aos estudos. Segundo a fonte, aqueles empregadores aproveitam-se da situação da falta de emprego no nosso país para maltratarem os funcionários.

As queixas apresentadas às entidades competentes nunca resultaram. De acordo com a interlocutora que temos vindo a citar, o estabelecimento comercial encerra às 19h00, porém, os funcionários permanecem no interior do estabelecimento até, sensivelmente, às 21h00.

O responsável pelos Serviços dos Recursos Humanos, Chaquil Amede, disse que isso é normal naquela instituição. Segundo o responsável, o supermercado abre às 9h00. Porém, os trabalhadores devem estar nos seus postos uma hora antes para, entre outras actividades, organizar as prateleiras e arrumar os produtos.

“Encerramos as portas às 19h00 e os trabalhadores ficam para arrumar as prateleiras e preparar alguns produtos para o dia seguinte”, explicou Amede, realçando que quem não se identifica com as políticas de trabalho do Recheio - Cash & Carry se pode demitir.

Contratos precários

Segundo as fontes do @Verdade que não quiseram ser identificadas por razões óbvias, os gestores do “Recheio” não aceitam que os seus empregados trabalhem e no período nocturno estudem. “Quem ousa desafiar os padrões coloca em risco o seu emprego”, disseram.



Chaquil Amede confirmou este facto, mesmo sem entrar em detalhes. A sua instituição tem celebrado contratos precários com os seus funcionários, pois que as pessoas são recrutadas e, volvidos cerca de três meses, são colocadas no olho da rua, porque os trabalhadores tentam procurar outras ocupações nos seus tempos livres.

Amede disse que o que acontece é que, depois da admissão dos trabalhadores, faz-se uma avaliação sobre o seu desempenho e, quando o funcionário não satisfaz as expectativas da empresa, há rescisão de contrato. Todavia, ele disse que não se trata de manobras visando não indemnizar os funcionários.

O que mais inquieta a massa aboral é o facto de os gestores daquele supermercado não prestarem assistência médica em casos de sofrerem agressões físicas no regresso à casa, pois tem sido a altas horas.

Uma outra funcionária contou que teve uma experiência muito triste no princípio deste ano. Ela foi vítima de um assalto, tendo apresentado a ocorrência ao serviço, mas não houve nenhuma ajuda de modo a beneficiar de assistência médica.

O gerente chama-nos “prostitutas do semáforo”

Pelo menos três funcionárias confirmaram ao @Verdade que já foram várias vezes vítimas de insultos proferidos pelo gerente daquele supermercado, o qual chega ao ponto de chamá-las “prostitutas do semáforo”, na presença dos clientes.

Chaquil Amede, dos Serviços de Recursos Humanos, confirmou o facto e disse que “isso acontece quando as pessoas, sobretudo as mulheres, se apresentam preguiçosas e vagarosas nas actividades que lhes são confiadas. O gerente não tolera essas situações”.

Trata-se, segundo os denunciantes, de um comportamento que é recorrente naquela empresa. “Ficamos preocupados quando o gerente entra e sai sem ofender ninguém”, disseram.

Os funcionários queixam-se de trabalhar sob pressão e do excesso de carga horária. “O que é mais grave é que não recebemos o valor referente às horas extras para compensar o trabalho realizado fora do horário normal”, reclamaram. Segundo alegam os responsáveis pelos Recursos Humanos, as reclamações nesse sentido são infundadas, uma vez que todos os meses faz-se o pagamento de horas extras.

Segundo os trabalhadores, o estabelecimento comercial no qual labutam não dispõe de casas de banho, tendo estes de recorrer às acácias localizadas nos passeios da Avenida 25 de Setembro e a alguns esconderijos para satisfazerem as suas necessidades biológicas.

Previsão do Tempo

Sexta-feira 05 de Setembro
Zona NORTE
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de sueste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de sueste fraco a moderado.
Zona SUL
Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Possibilidade de Chuvas fracas locais. Vento sueste a nordeste fraco a moderado.

Sábado 06 de Setembro
Zona NORTE
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de sueste fraco a moderado.
Zona SUL
Céu pouco nublado. Possibilidade de Chuvas fracas locais. Vento de sueste fraco a moderado

Domingo 07 de Setembro
Zona NORTE
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Zona SUL
Céu pouco nublado a limpo. Vento de nordeste a noroeste fraco a moderado.
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Diga-nos quem é o XICONHOCA

Envie-nos um SMS para 90440

E-Mail para averdademz@gmail.com

ou escreva no Mural do Povo

VERDADE todos os dias

A verdade em cada palavra.

SMS: 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2.Mt)

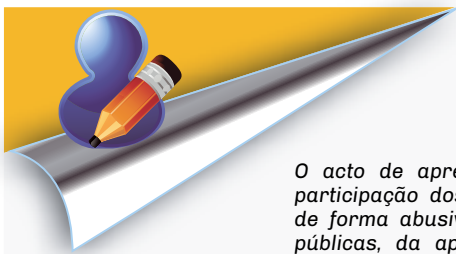
Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9

www.verdade.co.mz

facebook.com/JornalVerdade
twitter.com/verdademz



Livro de Reclamações d'Verdade

O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Saudações, Jornal @Verdade. Somos trabalhadores do Chicken Palace, Lda. Gostaríamos, através do vosso meio de comunicação, de expor a nossa inquietação em relação a algumas irregularidades perpetradas pelo nosso patronato.

Nesta empresa somos maltratados e explorados à luz do dia. Somos tratados como se fôssemos escravos. Trabalhamos para além da hora normal estabelecida para cumprirmos as nossas obrigações e sem remuneração. Por vezes, somos obrigados a efectuar dois turnos também sem nenhuma recompensa. Estamos mal e agastados com este tipo de trabalho a que temos sido submetidos.

Um dos problemas que mais nos inquieta está relacionado com o tratamento desumano protagonizado pelo nosso patronato. Somos inibidos de expor as nossas indignações e exigir a observância dos nossos direitos, e quando isso acontece somos imediatamente demitidos sem nenhuma justificação.

Recentemente, um colega foi despedido alegadamente porque foi encontrado um quilo-grama de carne na sua mochila. Tratou-se de uma "armadilha" com vista a demitir o nosso companheiro sem nenhuma compensação.

Resposta

Sobre este caso, o @Verdade contactou a Chicken Palace, Lda, por intermédio de um cidadão que se identificou pelo nome de Rafael, que alegadamente é proprietário daquele estabelecimento. Ele desdramatizou o problema que agasta os nossos reclamantes e negou que os assuntos levantados estejam a acontecer.

Rafael divagou na altura em que procurava explicar-se e disse que as queixas dos seus funcionários não têm nenhum fundamento e quando há problemas numa empresa estes não são resolvidos através de denúncias a jornais, mas recorrendo-se ao diálogo entre a instituição e os funcionários. Em caso de não se chegar a ne-

Outra situação inquietante tem a ver com o facto de não termos acesso a uma cópia do contrato que estabelece o nosso vínculo com o patronato. Deste modo está a ser difícil discutir taco a taco com quem nos empregou nem exigir o reajuste do salário.

Aliás, o aumento de vencimentos beneficia apenas os chefes e os funcionários continuam na miséria. Mas, descaradamente, exerce-se uma pressão muito grande sobre eles com vista a produzirem mais e assegurarem que haja lucros. Temos estado a sacrificar as nossas vidas para o bem-estar do patrão e somos submetidos a humilhações e diversos tipos de maus-tratos.

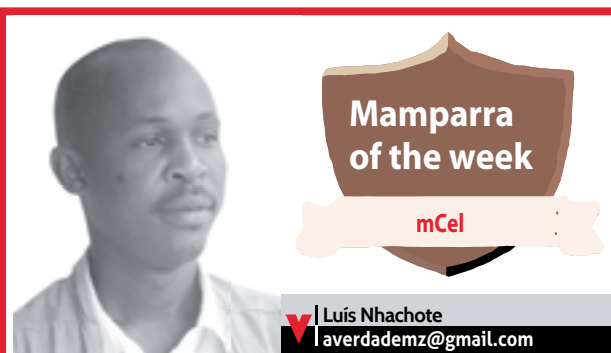
Nesta instituição o trabalhador não pode ficar doente e nem perder um familiar porque isso é motivo de sevícias. Não temos direito a férias nem a dispensa por uma eventual doença, por exemplo. Desempenhamos as nossas funções com dores.

Será que o nosso patronato não tem um pouco de sentimento e humanismo? Será que ele sabe qual é o perigo de colocar alguém a trabalhar quando perdeu um pai, um filho ou uma esposa? Gostaríamos que pelo menos nos tratassem condignamente como seres humanos.

nhum consenso, existem entidades próprias para o feito, como é o caso do Ministério do Trabalho.

Relativamente aos maus-tratos de que os seus empregados se queixam, Rafael disse que "os trabalhadores não dizem a verdade. A minha empresa é credível e se há essa situação eles nunca me reportaram".

Num outro desenvolvimento, o nosso entrevistado disse que nunca privou nenhum funcionário dos seus direitos laborais: "O que tem acontecido é que eles (os trabalhadores), não nos informam previamente quando pretendem ausentar-se dos seus postos".



Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avôs e Avós

Os mamparras desta semana são os membros do colégio dos 'cerébrs' da operadora de telefonia de bandeira, a mCel, que de há um tempo a esta parte, têm abusado dos seus clientes com serviços de mensagens propagandísticas, em claro favorecimento do partido que dirige os destinos dos moçambicanos desde a independência nacional.

Para o (nosso) espanto, parece que o partido Frelimo está a conduzir, sem o conhecimento da maioria, os destinos da mCel!?

A mCel é uma empresa de capitais públicos e, sendo estes dinheiros apartidários, é suposto esta companhia abster-se, a qualquer título, de fazer política, coisa que os 'cérebrs' da operadora, numa desesperada tentativa de salvarem os 'tachos', estão a levar a cabo.

As SMS elaboradas por tão nobres "cérebrs" estão a ser expedidas através do número 826040 e dão, de forma sistemática, notícias e apelos ao voto ao candidato presidencial da Frelimo, Jacinto Filipe Nyussi.

No extremo do conluio onde foi parida esta 'ideia', os dois milhões de clientes reclamados pela operadora de bandeira são necessária e obrigatoriamente apoiantes da Frelimo.

É o cúmulo do abuso de respeito, da invasão da privacidade, que vai ganhando espaço, ao galgar perante o silêncio cúmplice dos utentes da mCel.

Na cogitação dos 'cerébrs' da mCel, em defesa dos 'tachos', não foram contempladas SMS com notícias dos adversários directos daquele, respectivamente os candidatos da Renamo e do MDM, Afonso Dhlkama e Daviz Simango.

Isto é batota. É a falta de escrupúlos no seu maior.

Este estranho e tendencioso brinde está a acontecer debaixo do mandato de Teodato Hunguana, o presidente de Conselho de Administração da mCel, que, num dia do século passado, alertou aos seus concidadãos sobre a captura do Estado, por via da Assembleia da República.

As SMS enviadas pela operadora estão requintadas de politiquices e isso não pode acontecer. O objecto social daquela companhia de capitais públicos é prover serviços de qualidade aos seus clientes e não bombardeá-los com mensagens tendenciosas.

Creio que os 'cerébrs' daquela companhia, ao abrigo da Lei de Amnistia, poderiam equilibrar o serviço de SMS, infomando aos seus clientes sobre os feitos ou actividades do candidato do partido no poder.

Já tinha ouvido falar da partidarização do Estado, mas de partidarização de uma operadora de capitais públicos é a primeira vez.

Alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparrices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta - Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; por Email - averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS - para o número 90440. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 MT)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ

facebook: JornalVerdade



A verdade em cada palavra.



O Jornal mais lido em Moçambique.

Desvio Positivo: Uma receita contra a desnutrição

O Inquérito Demográfico e de Saúde de Moçambique (IDS) mostra que a província de Nampula possui a taxa de desnutrição mais elevada do país. A situação deve-se ao facto de a alimentação das crianças ser precária e pouco substancial. Em consequência disso, dezenas de crianças vivem debilitadas. Porém, os petizes do distrito de Muecate, em Nampula, poderão ter sorte diferente, mercê da introdução do projecto materno-infantil, denominado Desvio Positivo.

Texto & Foto: Virgílio Dêgua

Estima-se que 55 por cento das crianças com idades inferiores a cinco anos vivem subnutridas, facto que pode interferir no seu crescimento e comportamento, quer em casa, quer na escola. Em Muecate, as histórias de petizes que vivem em estado de desnutrição aguda e crónica são incontáveis e afectam menores cujos pais não têm a noção do quão é importante dar uma alimentação saudável ao seus filhos.

O projecto de alimentação Desvio Positivo está a ser levado a cabo pela Visão Mundial – Moçambique e pelo Ministério da Saúde (MISAU) e os seus parceiros. A iniciativa visa a mudança de hábitos alimentares pouco benéficos, naquele ponto do país.

Trata-se de uma papinha que resulta da mistura de vários ingredientes localmente acessíveis e baratos, inserida na nova abordagem da promoção da saúde da mulher e da criança que a organização Visão Mundial- Moçambique implementa pela primeira vez no país. O projecto abrangeu, numa primeira fase, cerca de 600 crianças e parte delas foi totalmente reabilitada.

No entanto, para se obter o produto final, são necessários apenas uma colher de sopa com papinha de farinha de milho, óleo de cozinha, folhas de mandioqueira moída e fervida, amendoim torrado e peixe seco triturado. A fórmula dá garantias de poder reabilitar uma criança em estado de desnutrição aguda e recuperar 200 gramas do seu peso em 12 dias.

A história de Júlio João, de 10 anos de idade, residente do povoado de Mucocola, assemelha-se à de vários outros pe-



tizes da sua faixa etária. O menino nasceu saudável, porém, devido à falta de domínio sobre as técnicas usadas para confeccionar alimentos nutritivos por parte dos seus progenitores, perdeu o peso e ficou irreconhecível.

Júlio está debilitado. Ficou paraplégico e, actualmente, depende de uma cadeira de rodas para a sua locomoção. Mas, devido à falta de nutrientes que consumia, hoje está impossibilitado de falar e brincar com outros meninos. Filho de pais separados, o rapaz vive com a sua mãe que, por sua vez, depende de outros familiares para garantir o pão de cada dia.

Foi nesse âmbito que a família do petiz viu, na papinha administrada pela Visão Mundial - Moçambique e o MISAU, uma luz no fundo do túnel e uma fonte de esperança para a recuperação do pequeno Júlio. O rapaz está na sua primeira semana de consumo da chamada “papinha mágica”, e já mostra melhorias significativas, embora não se saiba se voltará a andar, mas aquele alimento já faz parte do seu cardápio. Ainda no povoado de Mucocola, reside uma criança de nome Faruque Abílio, de apenas um ano de idade, cuja progenitora perdeu a vida durante os seus primeiros meses de vida.

Quando a mãe do pequeno Faruque faleceu, ele passou a viver com o seu progenitor que, por sua vez, por causa da sua agenda diária, não controlava a alimentação do seu filho. Os dias foram-se passando e o menino ia perdendo, de forma cíclica, o seu peso e a sua estatura.

O menor emagreceu e ficou gravemente desnutrido. O pai não sabia o que fazer, tendo levado o seu filho à unidade sanitária mais próxima onde ficou a saber sobre a existência da papinha.

Para sua sorte, o progenitor foi convidado a fazer parte do elenco de voluntários do programa da Visão Mundial - Moçambique e levou consigo o seu filho para beneficiar daquela alimentação. Durante 12 dias, o garoto foi ingerindo a papinha, tendo recuperado totalmente o seu peso.

“Vamos dar continuidade mesmo que o projecto termine”

As populações abrangidas pelo projecto dizem-se felizes, pois a introdução da papinha ora em alusão trouxe mais alegria no seio das crianças. O risco de desnutrição naqueles povoados está, visivelmente, a diminuir. Além disso, os populares afirmam que vão dar continuidade ao programa, caso termine.

A decisão surge da necessidade de se ensinar a confeccionar a papinha outras famílias com vista à promoção da saúde e do bem-estar dos petizes. Por outro lado, os nativos de Muecate esperam que o governo local venha a ajudar a promover campanhas de educação alimentar e de novas dietas.

“Estamos preparados para dar continuidade ao projecto. Porém, esperamos que o governo promova, semestralmente, reuniões envolvendo os populares de Muecate para subsidiar os conhecimentos que temos em relação à alimentação das crianças e aos valores nutricionais dos alimentos”, disseram.

“Queremos dar uma vida saudável às crianças”

De acordo com Julinho Alexandre, gestor do programa materno-infantil, pretende-se com a introdução daquela variedade de alimentação demonstrar as estratégias e as boas práticas para a alimentação dos petizes do distrito de Muecate.

O projecto, com a duração de três anos, visa promover a saúde da mulher e das crianças menores de cinco anos de idade, através do combate à malnutrição.

“O Desvio Positivo é uma abordagem que consiste na reabilitação nutricional de crianças em 12 dias com recurso a produtos produzidos localmente. Por outro lado, temos o ‘Aconselhamento Certo à Pessoa Certa no Momento Certo’ que consiste no acompanhamento e aconselhamento de mulheres grávidas durante cada etapa de

gravidez sobre os cuidados a ter com a saúde da mãe e do bebé até às crianças completarem pelo menos cinco anos de idade”, explicou Julinho.

Segundo o nosso entrevistado, a papinha tem muitas vantagens, uma vez que quase todos os ingredientes são locais e de fácil acesso.

DPS pretende dar continuidade ao projecto

Por seu turno, Dominga Olímpio, representante da Direcção Provincial de Saúde (DPS), disse que há uma necessidade clara de dar continuidade ao projecto materno-infantil, particularmente o Desvio Positivo, pois ele assegura uma vida saudável às crianças.

Por outro lado, aquela dirigente afirmou que o próximo passo da DPS visa levar a papinha aos outros pontos da província de Nampula onde a situação de desnutrição é crítica.

André Mandambwe, médico-generalista do distrito de Muecate, reconheceu que os efeitos da papinha são benéficos, por não submeter os menores ao risco de contraírem doenças diarreicas e infecto-contagiosas.

Inácio Miquitaunde, administrador do distrito de Muecate, disse que a acção que está a ser levada a cabo pela Visão Mundial- Moçambique e os seus parceiros é, para além de gratificante, uma promoção da saúde no seio das famílias que residem naquele ponto do país. Sendo assim, o governo distrital vai dar continuidade ao programa, uma vez que o projecto tem a vantagem de não provocar gastos avultados.

Importa referir que, além do projecto Desvio Positivo, a Visão Mundial - Moçambique, a Fundação de Desenvolvimento da Comunidade (FDC) e a Direcção Provincial de Saúde (DPS), estão trabalhar no projecto de alimentação escolar denominado Food for Education, que está a reduzir significativamente a desistência de alunos nos estabelecimentos de ensino.



Mussiro (não) perdeu os seus valores culturais

Antigamente, o mussiro era usado na preparação da rapariga para o matrimónio. Nos dias actuais, a mítica loção adquiriu outras aplicações. No entanto, a realidade está a gerar diversas opiniões entre as gerações. Saiba as razões...

Texto & Foto: Virgílio Dêgua

No passado, feliz era o homem que tinha ao seu lado uma mulher que preservava a sua tradição. Naquela altura, era fundamental manter a estética e a boa aparência. Para as mulheres, ter a pele macia e bem cuidada era um dado muito importante.

Para o tratamento da pele, as mulheres macuas, com mais destaque para as da zona costeira, recorriam a um pequeno arbusto cientificamente denominado *Olax dissitiflora*, do qual se produz um creme, localmente conhecido por *m'siro* ou *mussiro*, que é aplicado no corpo para o posterior rejuvenescimento da pelagem. Na época em alusão, o mussiro era usado por moças consideradas prontas para o casamento.

As donzelas usavam o produto e ficavam escondidas dentro de casa, por um período que variava de família para família. Elas podiam permanecer até três meses e só saíam caso aparecesse um homem disposto a casar-se.

Suaha Sumaila, de 50 anos de idade, uma das poucas mulheres que (ainda) cultiva os hábitos dos



seus antepassados na íntegra, revelou ao @Verdade que contraiu o seu matrimónio nos moldes acima descritos. Natural do distrito de Angoche, ela salientou que, na época da sua mocidade, as senhoras competiam entre si.

Suaha explicou que era, também, um dos principais objectivos daquele costume atrair os rapazes que procuravam raparigas com o fim de constituírem família.

Acreditava-se, naquele tempo, que a mulher que usasse, frequentemente, o mussiro agradava o seu marido durante as relações sexuais, ao contrário daquelas que não aplicavam o referido creme, razão pela qual as moças do litoral tinham mais probabilidade de contrair o matrimónio.

A nossa entrevistada salientou ainda que as jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos de idade, na segunda etapa da menstruação, eram ensinadas a manter o corpo pintado com o creme tradicional. Consta que, de acordo com a nossa interlocutora, naquele período às adolescentes era permitido conviver somente com crianças entre sete e os 14 anos de idade, com vista a manterem-se intactas.

“A acção visava impedir que a moça mantivesse algum tipo de relação com indivíduos adultos, salvaguardar a virgindade até ao dia do seu casamento e manter a pele livre de borbulhas”, explicou.

Suaha Sumila acredita que a sua beleza resulta do uso daquele produto. Porém, a mesma é da opinião de que a nova geração já não tem para usar o *m'siro* tal como acontecia no seu tempo. “Já não existem mulheres bonitas como no antigamente”, disse a cinquentenária.

Josefina Omar, de 35 anos de idade, natural da cidade da Ilha de Moçambique, diz ser macua de raiz por causa do *m'siro*. Ela comunga os mesmos ideais de Suaha Sumaila, mas acrescenta que o uso daquele produto por parte dos mais novos tornou-se algo ocasional. Só é usado em tempo de festa.

“Usamos o mussiro mas não como os mais velhos”

Se por um lado, usar *m'siro* fazia parte de um ritual dos avós e tinha como principal objectivo atrair os homens, por outro, as mais jovens defendem que o mesmo é usado ocasionalmente e há pouca promoção do produto.

Júlia Fernandes e Sara António, de 18 e 20 anos de idade, respectivamente, são duas raparigas que confirmam o acima citado, tendo, ambas, dito o seguinte: “Usamos o mussiro, mas não como os mais velhos”.

Para elas, o uso daquele produto nos dias correntes faz parte de um princípio segundo o qual só podem fazê-lo em dias festivos.

Aliás, as duas raparigas sublinharam que as mulheres que cresceram num meio tradicional tendem a tirar proveito de tal facto, ao invés de incutirem nos mais novos os benefícios daquele hábito.

“Mesmo nos dias festivos para alguém usar o creme em alusão deve pagar um valor simbólico para que lhe seja aplicado o mussiro e alguns de-

senhos na face. Deste modo, dificilmente cresceremos com valores culturais sólidos e com base neles”, disse Sara António.

Mussiro: uma fonte de renda

Sempre que chega algum feriado nacional, mulheres oriundas de diferentes zonas residências fazem-se à Praça dos Heróis Moçambicanos com o objectivo de ganhar dinheiro pintando a cara das outras senhoras e jovens usando o mussiro.

No dia 22 de Agosto, aquando das festividades do 58º aniversário do município de Nampula, vestida a rigor, com um recipiente nas mãos, contendo mussiro, encontrá-mos a cidadã Ancha Remane, natural do distrito Angoche.

Ancha viu no mussiro uma oportunidade para ganhar dinheiro.

Por cada face pintada, ela cobra 20 meticais. Segundo a nossa interlocutora, dependendo do movimento, ela chega a ter mais de 10 clientes.

Para si, cobrar por aplicar o mussiro noutras mulheres é uma das formas de fazer frente à pobreza e à falta de emprego, garantindo, assim, o seu sustento e da sua família.

De acordo com a nossa interlocutora, aquele creme é altamente benéfico e aconselha-se o seu uso. Mas, na sua opinião, poucas mulheres usam-no para tratar das imperfeições da pele, com mais destaque para borbulhas, entre outras.

Carvão de Moatize: Políticas desajustadas aumentam níveis de desigualdade

A exploração do carvão na vila de Moatize, na província de Tete, tem produzido pouco ou quase nenhum impacto na vida das comunidades locais, devido, essencialmente, às políticas desajustadas, atrasadas e desarticuladas que regem a actividade. Esta situação tem contribuído para o aumento dos níveis de desigualdade e da precarização do rendimento da população, entre outros males.

Texto: Coutinho Macanandze

O facto foi dado a conhecer na semana passada, em Maputo, pelo pesquisador Nelson Tivane, no decurso IV Conferência Internacional do Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE), que se realizou sob o lema “Estado, Recursos Naturais e Conflitos: Actores e Dinâmicas”.

Tivane, que dissertava sobre os “Impactos da Extração do Carvão em Moatize (1978-2012)”, disse que esta actividade continua a não produzir benefícios, quer sociais, económicos, quer políticos, o que tem estado a agudizar as desigualdades sociais na comunidade local, a fraca absorção de recursos humanos para o mercado de emprego, o incremento dos índices de pobreza, entre outros aspectos.

Segundo o pesquisador, a estrutura socioeconómica actual continua insustentável e incapaz de satisfazer as necessidades do mercado do emprego e da população. Se na era colonial a política reduzia o nível de contratação, actualmente, apesar do registo de avanços significativos, quase nada mudou na vida da comunidade local.



A alocação de novas tecnologias, embora insuficientes, o incremento do capital financeiro e a exportação de técnicas de produção contribuíram para que houvesse rotura na produção naquela vila e consequente aumento do desperdício, por falta de capacidade de escoamento, de mercado e precárias vias de acesso, disse Tivane.

Na óptica do pesquisador, quando a produção cresce, o impacto sobre o emprego reduz de forma drástica, porque não houve uma preparação na elaboração e implantação da estrutura socio-económica, de modo a fazer face aos desafios decorrentes da descoberta e exploração do carvão. Nem sequer se apostou na formação técnico-profissional.

Este leque de problemas irá contribuir para o aumento da insustentabilidade da actividade, das assimetrias sociais ainda preocupantes e com ela a pobreza tende a tomar conta da população, que recorre às grandes zonas urbanas à procura de emprego, embora precário, sublinhou o orador.

“As reformas legislativas em curso são muito lentas e não conseguem acompanhar a dinâmica do crescimento populacional e das necessidades básicas que garantam as mínimas condições de sobrevivência”, revelou Tivane.

As exportações de carvão que chegam a atingir 100 por cento, com lucros muito elevados, que apenas beneficiam as empresas exploradoras e o Governo em detrimento das proprietárias de recursos, as comunidades locais, por causa das lacunas existentes na legislação extractiva que não acomoda as necessidades da população.

Poucos postos de empregos criados

Os resultados não são satisfatórios e, entre 1978-2012, foram criados apenas 1.102 postos de emprego, com a exploração do carvão. Deste universo, 394 trabalhadores são cidadãos da província de Tete e apenas 92 são originários do distrito de Moatize, número muito insignificante quando comparado com a população, estimada em 100.000 habitantes, deu a conhecer Tivane.

O incremento do volume de exploração de carvão em Moatize somente irá aumentar o índice da pobreza. Para inverter o cenário, há necessidade de se delinear políticas que estejam de acordo com a realidade e o contexto específico das zonas que detêm o recurso, garantiu Tivane.

Assim sendo, Tivane recomenda a introdução célere de reformas económicas, a criação de mecanismos que facilitem o ingresso ao mercado de trabalho aos locais, o melhoramento e a expansão dos serviços de saúde ainda insuficientes e deficientes.

De acordo com o orador, o sistema capitalista gera fraqueza e disfuncionalidade das políticas e o quadro legislativo mostra-se incapaz para responder aos desafios actuais, o que acaba por dificultar a retenção de recursos financeiros no Estado e a criação de oportunidades de emprego para a população local.

A estes problemas acresce-se a redução da produção e produtividade, porque dos 384 hectares aráveis, 126 deixaram de produzir por falta ou degradação do sistema de rega, havendo um recrudescimento dos conflitos sociais decorrentes da exploração insustentável e altas taxas de corrupção.

A produção familiar baixou drasticamente, o que está contribuir para que não consiga satisfazer três por cento das necessidades alimentares sequer, das indústrias que estão a operar na extracção do carvão e muito menos para consumo interno.

Tivane acrescenta que é necessário implantar um sistema de regadio eficiente, que assegure a rentabilidade da agricultura e a industrialização da actividade e que incremente os ganhos económicos e reduza a exportação de capital do país gerador de riqueza.

Estrutura económica nacional não é inclusiva

Por sua vez, o economista e pesquisador, Nuno Castel-Branco, disse que o rápido crescimento económico, mesmo acompanhado de incorporação de novos recursos e introdução de uma nova estrutura económica inter-sectorial, continua a não ser inclusivo, equilibrado e sustentável, porque não oferece uma base alargada e menos vulnerá-

Governança de Guebuza desuniu os moçambicanos

A governação do actual Presidente da República, Armando Guebuza, serviu somente para fomentar a discriminação e a exclusão social dos partidos da oposição nos processos decisórios, o que propiciou o incremento das desigualdades sociais, económicas e políticas em Moçambique. Esta avaliação foi feita por Victor Igreja, pesquisador e docente universitário da Queensland University, na Austrália, durante a IV Conferência Internacional do Instituto de Estudos Económicos e Sociais.

Victor Igreja disse no decurso do referido evento que o Chefe de Estado desuniu os moçambicanos e aumentou os níveis de insatisfação por causa da exacerbada radicalidade da sua forma de governação, tendo realçado que foi com Guebuza que o Estado incorporou os valores radicais de governação, que se baseava no imediatismo, ou seja, na “decisão tomada e decisão cumprida”.

Igreja sublinhou que a visão do estadista moçambicano contribuiu para a tomada de medidas erradas, porque para ele o poder baseava-se no maior domínio e controlo do Estado desde o nível central até ao local por via da partidarização da esfera pública. Para o investigador, a recriação de células do partido na função pública criou um clima de divisão, porque foi instalada uma visão de ditadura, que impede qualquer indivíduo da oposição de ascender a cargos de chefia, o que concorreu para que a indicação de dirigentes tomasse como critério a lealdade política e não a competência técnica.

Segundo Igreja, a recriação de células é contra a perspectiva do Estado de universidade, porque não se respeitam as diferenças partidárias, ou seja, a unidade na diversidade. O Governo tudo fez para existirem forças políticas da oposição, o que demonstra que Guebuza não contribuiu para a consolidação da unidade nacional.

Outra visão ideológica errada do Guebuza, de acordo com Igreja, relaciona-se com a tentativa de controlo das Forças de Defesa e Segurança, através da introdução de reformas incoerentes e excludentes que prejudicaram principalmente a Renamo, o que contribuiu para a deterioração da paz.

Mais grave, na óptica de Igreja, é que a desmobilização dos homens da Renamo afectos às Forças de Defesa e Segurança não foi feita de forma estratégica, porque quem detinha o poder não reconhecia e ignorava a existência dos adversários políticos, o que aumentou a incerteza, a insatisfação e a gritante intolerância política.

Guebuza perdeu o debate ideológico

Igreja é peremptório ao afirmar que Guebuza termina o seu mandato com uma derrota no debate ideológico e das ideias, porque não foi capaz de criar espaço de diálogo. Esta perda é testemunhada quando se mostra incapaz de resolver os conflitos políticos e sociais e começa a prender os seus adversários políticos.

“O maior erro que o partido Frelimo cometeu nos últimos 30 anos foi ter escolhido um líder arrogante, egoísta, que negou dialogar com a Renamo para a manutenção da paz, o que atenta contra os princípios democráticos, porque nenhum Governo pode alcançar êxitos sem a negociação constante com a oposição para o garante da unidade”, considerou Igreja.

A incapacidade do estadista criou suspeição e insatisfação nas acções descontroladas do Governo, que não conseguiu criar leis e procedimentos que garantam a estabilidade social e política e resgatem a confiança da população.

Na óptica de Igreja, para o Presidente Guebuza a única forma eficaz de resolver problemas e mudar políticas mal traçadas passa pelo uso da força e da violência.

Igreja acrescenta que Moçambique não está livre da guerra porque a Frelimo não consegue usar os procedimentos políticos e democráticos para alcançar consensos e consolidar a paz que continua ameaçada, por causa da intransigência política de Guebuza e do partido no poder.

Democracia

vel e dependente do desenvolvimento.

Castel-Branco sublinha que apesar de o país ter sido eficaz nos processos de expansão e consolidação das classes capitalistas e de gestores profissionais nacionais em consonância com o capital multinacional, estas acções pouco ou quase nada produziram no rendimento da população.

Segundo o economista, o Governo deve acelerar e consolidar a formação das classes capitalistas financeiras domésticas, maximizar recursos e oportunidades, fortalecer as ligações e expropriação do Estado, e enquadrar a força de trabalho e o papel da agricultura, que ainda continua pouco claro.

Deve-se, igualmente, deixar a reprodução social da força de trabalho, reduzindo a negligência da dinâmica e tendências de emprego e produtividade, adoptar medidas que evitem a reprodução e contratação de mão-de-obra não qualificada e, desta maneira, gerar o auto-emprego, para além da necessidade de o Estado ser mais interventivo por via do condicionamento da maximização de fluxos de capital externo, o que iria contribuir para reduzir a degradação e a mercantilização dos serviços públicos, expropriações não dependendo apenas da ajuda externa para absorver as crises internas, casos da protecção social, entre outros.

Nas últimas duas décadas, o Produto Interno Bruto (PIB) quadruplicou e o PIB per capita aumentou 2.6 por cento, a produtividade registou o sentido inverso, porque 75 por cento do investimento privado continua refém de fluxos externos e apenas 25 por cento do financiamento é interno, realçou Castel-Branco.

“O sector agrícola funciona como esponja tanto, para absorver o desemprego disfarçado como para disfarçar o desemprego na estatística”, explicou Castel-Branco, para depois acrescentar que os dados de 2012 indicavam para uma taxa de desemprego de 21 por cento em Moçambique, o que significa que cerca de 70 por cento da força de trabalho activa urbana ou periurbana não tem emprego.

Castel-Branco aponta como desafio do sector financeiro a eliminação da ineficácia na retenção da riqueza gerada, as exportações de lucros de forma ilícita, as expropriações a baixo custo, as baixas taxas de reinvestimento de capital multinacional, entre outras irregularidades que ocorrem no sector.

O académico conclui dizendo que todo este leque de problemas concorre para o aumento do peso do serviço da dívida, tornando o mercado financeiro especulativo, caro, inadequado para o alargamento da base empresarial, a degradação dos serviços públicos, a redução do poder de compra do cidadão, entre outros.

“Recursos não são maldição”, Elísio Macamo

O sociólogo moçambicano, Elísio Macamo, explica que os recursos naturais, no senso comum, pode significar maldição, conflitos e ou geradores de convulsões sociais quando mal geridos. Entretanto, realça que o diálogo pode contrariar essa concepção e servir de instrumento de coesão social, gerando de riqueza e fortalecimento dos partidos, entre outros intervenientes.

O orador acresce que a criação de um campo de ideias mais abrangente e construtivo pode contribuir para que se tracem estratégias capazes de tirar maior proveito dos recursos naturais, bem como a solidificação da acção política, ainda carente de ideologias construtivas.

Na óptica do sociólogo, a concepção que predomina sobre os recursos naturais é mais tecnocrata e economicista e parte do princípio de que há uma solução concreta para os problemas decorrentes da exploração dos recursos naturais. No entanto, no seu entender, o desafio nesse sector não é económico, mas sim político pois deve-se delinear a melhor forma de discussão, com vista a reunir consensos sobre que tipo de políticas económicas são necessárias para se tirar maior ganho financeiro.

Um dos grandes problemas da política moçambicana prende-se com a falta de interacção entre os actores políticos e a sociedade, o que dificulta a definição de soluções que satisfaçam as necessidades da população, ressaltou Macamo.

“O conflito não é uma má coisa, mas sim uma alavanca crucial para pôr à prova a capacidade do Estado na resolução dos problemas, porque esse fenómeno faz parte da sociedade”, explicou Macamo.

Não há estrutura política ideal capaz de resolver todos os problemas, porque qualquer máquina política que vigore em qualquer país não está imune de lacunas. A relação Estado-sociedade ainda é muito complexa e faz com que o sistema político seja hostil ao cidadão, afirmou Macamo.

O Estado é que é uma maldição e não os recursos, muito por culpa da nossa história política que implantou um instrumento executivo problemático e que não garante o respeito da liberdade de expressão por causa do medo de represálias por parte do indivíduo que não quer sair da sua própria escravidão.

Guebuza vs Dhlakama: Frente-a-frente marcado para esta sexta-feira

O Presidente da República, Armando Guebuza, e o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, deverão encontrar-se esta sexta-feira (05), na capital do país, para homologarem a declaração de cessar-fogo e os três documentos que mereceram consenso na mesa do diálogo político. Até ao fecho desta edição ainda não havia sido tornado público o local do tão esperado frente-a-frente ao mais alto nível.

Texto : Redacção • Foto: Eliseu Patife & Lusa



Os referidos documentos, nomeadamente o memorando de entendimento, os mecanismos de garantia e os termos de referência para os observadores militares internacionais foram, primeiro, consensualizados e assinados pelos chefes das delegações, Saimone Macuiane, da Renamo, e José Pacheco em representação do Governo, a 24 de Agosto passado.

Na última segunda-feira, 01 de Setembro, as delegações de ambas as partes reuniram-se para discutir e aprofundarem questões relacionadas com a logística, de protocolo e de segurança para o encontro entre o Presidente da República e o presidente da Renamo. Discutiram, igualmente, os passos a serem dados após a homologação dos documentos por Guebuza e Dhlakama.

A vinda do líder da Renamo a Maputo acontece cinco anos depois da sua saída da capital do país para residir primeiro em Nampula, e mais tarde em Santindjira, província de Sofala.

Após a assinatura daqueles documentos pelas delegações, Dhlakama condicionou a sua saída da “parte incerta” à homologação dos mesmos pela Assembleia da República com vista a conferir-lhes um estatuto jurídico-legal e assim garantir que o seu cumprimento seja obrigatório. O que o líder da Renamo queria era ter as garantias de segurança para poder deslocar-se à capital do país.

A delegação da Renamo escusou-se a entrar em detalhes sobre a segurança do seu líder alegadamente porque “em todo o mundo, as matérias de segurança não são publicamente mencionadas, quando se trata de mecanismos de garantia de presença de líderes. Apenas dizer que há necessidade de se criar condições de garantia, reconhecendo que há um trabalho que está a ser feito”, referiu Macuiane.

No entanto, depois de receber a visita, no passado dia 28 de Agosto, na serra da Gorongosa, de uma delegação italiana composta pelo vice-ministro do Governo italiano, Carlo Calenda, por Dom Matteo Zuppi, da Comunidade Sant’Egidio, e pelo embaixador da Itália, Roberto Vellano, em que foram debatidas várias questões ligadas ao cessar-fogo, o presidente da “Perdiz” entendeu que já estavam criadas as condições para se reunir com o Chefe de Estado.

No encontro ao mais alto nível deverão também ser analisados outros aspectos, tendo em conta a situação actual do país. Para Saimone Macuiane, ao predispor-se a encontrar-se com o Presidente da República, o líder da Renamo demonstra a sua boa-fé e capacidade para a criação dum ambiente de verdadeira reconciliação nacional e de estabilidade efectiva.

“Nós, como membros da Renamo, estamos satisfeitos com os avanços que estão a ser alcançados.

Queremos agradecer a todos os moçambicanos que possam acompanhar esse momento crucial e histórico do país, um momento que irá contribuir para a reconciliação da família moçambicana. Isso demonstra que os moçambicanos podem resolver os seus problemas”, afirmou o chefe da delegação do maior partido da oposição.

Por seu turno, o chefe-adjunto da delegação governamental, Gabriel Muthisse, disse que a delegação do Governo reiterou sempre a disponibilidade do Chefe de Estado de se encontrar com o líder da Renamo e que as condições de segurança e logísticas para a deslocação de Afonso Dhlakama à capital do país estão garantidas.

“Estamos disponíveis a oferecer condições logísticas e protocolos necessárias (a Afonso Dhlakama) para que esse encontro ocorra. É, do nosso ponto de vista, um encontro importante, não necessariamente importante do ponto de vista protocolar em si, mas a acontecer, esse encontro é uma indicação aos moçambicanos de que o processo de normalização da vida política e militar está nos carris. A acontecer esse encontro, aqueles que ainda têm dúvidas de que podem sair de um ponto para o outro, provavelmente deixarão de ter essa dúvida”, disse o ministro dos Transportes e Comunicação.

Governo e Renamo convidam observadores internacionais

As delegações do Governo e da Renamo já enviaram convites a pelo menos quatro países, designadamente Zimbabwe, Itália, Portugal, e Estados Unidos de América donde virão os observadores militares internacionais para monitorarem o processo de cessação das hostilidades militares, cuja missão é verificar a implementação de todas as garantias alcançadas na mesa do diálogo político entre as partes, visando a restauração da paz que falta aos moçambicanos há sensivelmente dois anos.

De acordo com o subchefe da delegação governamental, Gabriel Muthisse, neste momento, as duas delegações estão em frequente articulação com os observadores militares internacionais para a fixação de datas da sua chegada ao país com vista a dar andamento ao processo em causa.

“Temos a expectativa de que tão cedo quanto possível eles cheguem ao país para monitorar este processo de estabilização de Moçambique”, disse Muthisse, à margem da 76ª ronda do diálogo político.

Os documentos assinados apontavam para o facto de que os observadores internacionais deveriam chegar a Moçambique dez dias depois da assinatura do cessar-fogo. Entretanto, não existe ainda data para a vinda dos observadores internacionais.

Democracia

Governo admite que empresas violam direitos humanos em Moçambique

O problema de violação de direitos humanos por empresas que actuam em Moçambique, principalmente na área mineira, tem sido constantemente denunciado pelas organizações não-governamentais (ONG) existentes no país. O Governo, através da ministra da Justiça, Maria Benvida Levi, veio a público, mais uma vez, reconhecer a existência dessa contenda, mas ainda não tem soluções urgentes à vista.

Texto: Redacção

Um estudo recente realizado pela Liga dos Direitos Humanos (LDH), por encomenda do próprio Governo que pretendia aferir o nível de violação que ocorre nas empresas, demonstrou o que já se sabia: a grave violação dos direitos humanos. Segundo explicou a presidente da Liga, Alice Mabota, na apresentação do relatório, a violação daqueles direitos ocorre em “todas as vertentes”, sendo que em algumas áreas há mais evidências que noutras.

Para elucidar sobre a situação no sector extractivo, Mabota trouxe à luz um exemplo que constitui uma frequente reclamação dos trabalhadores das empresas de exploração mineira no país: o tratamento desigual. “Quando olhamos para as grandes empresas, há pessoas que se queixam, pois, tendo a mesma qualificação, uns têm melhores condições do que outros, por serem de raças diferentes,” afirmou.

No sector da mineração, prossegue, há graves problemas de reassentamentos, segurança dos trabalhadores, entre outros. Na verdade, a “promessa” de um crescimento económico notável, resultante da descoberta de importantes recursos naturais no país e que fazem com que Moçambique mereça destaque a nível mundial, tem servido de véu que esconde uma realidade triste, designadamente o aumento das violações aos direitos humanos e laborais.

Relativamente ao estudo apresentado pela LDH, a ministra da Justiça reconhece que há empresas que violam os direitos humanos no país. “A constatação do consultor é a de que temos empresas, negócios no país, que, em alguns casos, violam os direitos humanos,” disse Levi para em seguida afirmar, em jeito de apelo, que “é importante conciliar o respeito pelos direitos humanos e os investimentos que estão a ser feitos em Moçambique”.

As mensagens do Governo sobre essa matéria têm sido no sentido de “não se admitir que as empresas operem para capitalizar lucros pondo em causa os Direitos Humanos mais elementares”.

O vice-ministro da Justiça, Alberto Nkutumula, em Setembro de 2013, ou seja, há cerca de um ano, defendeu que os lucros e a exploração de actividades económicas

não devem prejudicar os cidadãos e que os trabalhadores não devem ser discriminados por causa de sua raça ou procedência. No entanto, esse discurso ainda não se reflecte no dia-a-dia dos trabalhadores.

O sector dos recursos minerais mereceu maior atenção na realização do estudo sobre o qual a titular da pasta da Justiça disse: “Nesta área, como se sabe, para se fazer um investimento, é preciso movimentar as populações, envolvendo também outros recursos humanos mais qualificados; portanto, todas estas questões e outras podem ir contra os Direitos Humanos das pessoas que lá estão”, disse, referindo-se a uma das questões centrais nos grandes investimentos que envolvem o reassentamento dos afectados.

Sabe-se, contudo, que com a realização deste estudo, a expectativa é que, em 2015, seja criada uma legislação específica para as actividades dos megaprojetos agrícolas, minerais e industriais em Moçambique.

Por sua vez, a representante da Diakonia, uma organização da sociedade civil, Iraé Lundim, afirmou que os negócios e os direitos humanos tornaram-se num problema para os Estados e para o mundo e não devem ser ignorados. “No âmbito da iniciativa das Nações Unidas, as empresas comerciais devem contribuir para a realização dos direitos humanos, incluindo o acesso ao trabalho digno para a obtenção de melhores padrões de vida. Importa aqui salientar que as actividades de negócios podem ocasionar impactos negativos sobre os direitos humanos”.

MITRAB fomenta conflitos laborais

No entanto, outro sector no qual a violação de direitos humanos é apontada como preocupante é o da construção. Os constantes conflitos laborais que ocorrem nas diversas empresas do sector da construção civil nacional resultam da acção parcial da equipa da inspecção do Ministério do Trabalho (MITRAB), que protege a classe trabalhadora de forma exagerada, visto que apenas prioriza as violações do patronato em detrimento do empregado.

Esta posição foi defendida pelo presidente da Federação Moçambicana de Empreiteiros (FME), Agostinho Vuma, em resposta ao relatório em referência. O documento aponta como causas que propiciam o conflito laboral o incumprimento da lei de trabalho, com enfoque para a falta de condições de trabalho e de equipamentos de segurança, encargos sociais e salários em atraso, entre outras formas de desrespeito pelos direitos básicos dos trabalhadores.

O empresário disse que outro aspecto que pode estar por detrás da ocorrência de conflitos laborais é a contratação de mão-de-obra não profissionalizada por causa da natureza da actividade, e o crescimento do sector que criou mais oportunidades para as empresas nacionais, como resultado da entrada massiva do investimento estrangeiro.

O incremento de investimentos estrangeiros, na óptica de Vuma, apresenta desafios para o sector, caso das empresas chinesas e europeias que trazem consigo uma cultura de trabalho diferente da nossa, que se preocupa apenas com a produção e não com a criação de condições adequadas no meio laboral.

“O MITRAB não deve preocupar-se apenas em encontrar irregularidades do lado do empregador, ou seja, apenas proteger o trabalhador mesmo quando este viola de forma sistemática a lei do trabalho, quer por incumprimento da sua tarefa, quer por exigências descabidas de algum cunho legal”, acrescentou.

Este organismo, segundo o presidente do FME, tornou-se um centro de queixas da classe trabalhadora, porque a acção fiscalizadora deve centrar-se nos dois lados, ou seja, o empregado e o empregador, mas tal não está a acontecer porque a inspecção preocupa-se apenas em detectar problemas, impor sanções às empresas e vezes sem conta tirar dividendos financeiros.

“Temos que nos preocupar com a produtividade dos trabalhadores e não cingir-nos apenas na actuação do empregador, mas também deixar recados sobre a responsabilidade do trabalhador na obra, para não fomentar a promiscuidade laboral e sim a cultura de trabalho”, realçou Vuma.

Governo deve garantir igualdade entre nacionais e estrangeiros

Na visão de Vuma é necessário que o Governo deixe de discriminar as empresas de construção e aposte em critérios igualitários entre nacionais e estrangeiros, bem como na criação de uma indústria associativa forte, por via do fortalecimento de parcerias.

A não observância por parte dos governantes da legislação tem contribuído para o incremento de casos de exclusão e discriminação das empresas nacionais nos empreendimentos de grande envergadura.

“Para inverter este cenário é necessário que o decreto 15/2010, de 24 de Maio, seja revisto para se assegurar que mais empresas nacionais participem em obras de grande dimensão e remover-se assim a grande carga burocrática que ainda persiste e penaliza o sector privado, que fomenta a concorrência desleal”, explicou Vuma.

“A criação de um órgão regulador da construção envolvendo os sectores público e privado para avaliar os elementos perniciosos, conceder alvarás, criar um banco de dados e monitorar a actividade é crucial para acabar com a desvalorização e discriminação do sector privado, para além de que a formação deve constar em todos os sectores estruturantes da economia nacional, introduzindo currículos nas universidades sobre o funcionamento da actividade nas componentes da legislação, administração e do funcionamento do sector”, concluiu Vuma.

De referir que o relatório foi produzido pela Liga Moçambicana dos Direitos Humanos (LDH) em parceria com o Ministério da Justiça, e assenta em três pilares, nomeadamente o dever do Estado de proteger os direitos humanos; a responsabilidade das empresas no respeito dos direitos humanos; e os mecanismos de acesso à reparação dos danos causados pela violação desses direitos por parte das empresas.

Cartoon

Feminista Duroa

Guião: WLSA Moçambique/Desenhador: Terry



Dos campos de futebol a saque restam “flats” e terraços para jogar

Texto: Redacção • Foto: Julio Paulino



O “esquema” é idêntico um pouco por todo o país. Convoca-se uma assembleia geral (AG) fantasma para deliberar sobre a troca de um certo recinto desportivo degradado, em zona privilegiada da vila ou cidade, por um campo algures, com a promessa de relvado e bancadas. Por fora ganham alguns “espertinhos” da direcção, o município entra na jogada – nem sempre só para assistir – e à comunidade a notícia é dada como um ganho. Do campo que existia ao pé de casa obteve-se um outro num lugar recôndito. Sobre o tempo e as formas de deslocação para se lá chegar não rezam os contratos. Assim, os jovens que tinham por perto a possibilidade de jogar à bola e assistir a jogadas dos mais velhos no fim-de-semana têm de escolher outra forma de passar os tempos livres.

O resto, já sabemos ou calculamos. Nascerá mais um prédio, um condomínio, um parque de estacionamento de viaturas, um supermercado, um armazém para vender roupa em segunda mão – vulgo “calamidades” – um salão de cabeleireiro para a difusão e tratamento de “tissagens”, um “take-away” e por aí fora.

Do resultado desta prática que reflecte uma boa dose de anarquia e apatia por parte das autoridades, da falta de um plano rígido de urbanização e reordenamento territorial que contemple áreas de lazer, campos de jogos e jardins, já há resultados palpáveis e repugnantes no que à saúde física e moral diz respeito: obesidade juvenil, deficiências motoras e até hipertensão precoce.

Aliás, as pessoas que, contra todas estas adversidades, persistem em praticar exercícios físicos, fazem-no em lugares impróprios, tais como as bermas ou os passeios das vias rodoviárias e em situações extremamente perigosas devido ao risco a que estão expostas de se envolverem num acidente de viação.

São “facturas” a serem pagas em todo o país a longo prazo, tanto no que toca à saúde pública, em geral, como no que diz respeito ao rendimento desportivo, muito em particular. E as promessas de construção de campos com bancadas e relva ficam-se pelo papel.

Nampula no topo das inquietações

Esta província será apenas uma entre muitos casos pelo país fora. A cidade de Nampula, que contava com 20 recintos desportivos, viu os mesmos serem reduzidos a metade. Em grande parte deles praticava-se futebol e atletismo, mas, agora, estão, paulatinamente, a ser extintos para dar lugar a obras de indústria hoteleira, estabelecimentos comerciais, parques de estacionamento de viaturas, entre outras actividades. Os interesses económicos estão, claramente, à frente de quaisquer proveitos desportivos.

São exemplos desta dura realidade para os praticantes e amantes do desporto os campos Carvalho Durão, localizado no bairro Mahivire, propriedade do Benfica de Nampula, vendido ao Grupo Sonil que o transformou em estabelecimento comercial; Estádio 25 de Setembro, do Conselho Municipal da Cidade de Nampula, atribuído ao Grupo Royal Plastics; o campo do bairro de Carrupeia, que foi transformado em mercado de peixe.

Cenário do género estende-se ao campo de Natikiri, espaço onde actualmente funciona o mercado grossista e retalhista de Waresta; o antigo Campo das Formigas, localizado na zona dos limoeiros, bairro central da cidade de Nampula, que deu lugar à construção do Hotel Executivo.

Mas há mais: nos bairros de Natikiri, Napipine, Muatala e Namicopo, um número considerável de campos está a ser invadido pelos populares para dar lugar à construção de habitações, sob o olhar impávido das autoridades municipais.

De campo de salão a parque de estacionamento

Por insensibilidade da edilidade, o campo verde localizado junto às instalações do Conselho Municipal da Cidade de Nampula, que acolhia partidas de voleibol, foi transformado em parque de transportes da edilidade.

E nem o facto de este recinto, que “gerou” a equipa de voleibol da Autoridade Tributária de Nampula, campeã nacional da modalidade em seniores masculinos e representante da Zona IV no Africano, refreou os apetites daqueles que empreendem esforços no sentido de extinguir os sítios em causa. Ali se produziram vários atletas, com destaque para a bi-campeã nacional de ténis, Palmira Intipa.

APAN tem a palavra

O secretário-geral da Associação Provincial de Andebol de Nampula, Celso Capepa, considera que a falta de infra-estruturas com que a cidade se debate pode comprometer a evolução e o desenvolvimento de várias modalidades desportivas naquele ponto do país.

À semelhança de Chapepa, José Sarajabo, vice-presidente para a alta competição na Associação Provincial Futebol de Nampula, diz que está preocupado com o cenário, porque se retrocede o desporto na província. Ele afirma que tal facto se deve à ausência duma legislação que proteja os campos de futebol e que trate de situações relacionadas com a venda e/ou transformação, em particular, dos recintos desportivos dando-lhes outros destinos.

José Sarajabo vai mais longe ao afirmar que “alguns campos desportivos são propriedade de alguns clubes, à excepção dos recintos públicos. Daí que as direcções sejam livres de fazer o que bem entenderem deles. Mas tal facto constitui preocupação para os amantes do desporto. Assim, apelo ao Governo para que encontre formas legais com vista a inverter este cenário”.

Campo do Têxtil de Púnguè torna-se parque de estacionamento



Na zona centro de Moçambique, os adeptos e simpatizantes do Têxtil de Púnguè acusam a direcção deste clube de ter entregue, de bandeja, todas as infra-estruturas desportivas que o clube possuía desde a sua fundação, em 1943.

Os bens do clube foram perdidos entre 2000 e 2003, altura em que o Governo os vendeu em hasta pública à companhia fabril, sem no entanto salvaguardar a componente desportiva. Mucuate Carimo, adepto dos fabris e residente no bairro da Manga, acompanhou @Verdade até ao espaço onde se localizava o campo que foi transformado num parque de estacionamento de camiões de carga da empresa Transcom Sharaf. Ele manifestou a sua preocupação com a situação que o clube vive, em virtude de não possuir um campo próprio para treinos nem para realizar jogos oficiais.

“É preocupante e até vergonhoso um clube como o Têxtil de Púnguè não ter campo para treinar. Agora, a colectividade depende de terceiros para efectuar os seus jogos. Para treinar usa o campo do Matadouro, facto que contribui para que o clube não movimente escalões de formação”, disse o nosso interlocutor.

Ainda na cidade da Beira, alguns desportistas ficaram desprovidos de recintos desportivos e certos cidadãos ficaram sem espaços para realizar exercícios físicos a partir da altura em que o campo da extinta Moçambique Industrial, actualmente designada Capital Food – empresa

que se dedica ao fabrico de sacos e processamento de farinha de trigo – passou a tomar conta das instalações.

A nossa Reportagem soube de alguns dirigentes e desportistas que, há quatro anos, a companhia acima referida proibiu o uso daquele campo, acto que foi seguido pela retirada de balizas e presença de agentes de segurança para vigiarem o espaço.

Algumas pessoas entrevistadas pelo @Verdade afirmaram que as estruturas municipais foram informadas sobre a necessidade de se reaver o recinto desportivo em alusão, mas até o presente nada de concreto foi feito. O silêncio da edilidade da Beira e de outras entidades directa ou indirectamente envolvidos no assunto está a ser preocupante.

Conselho Municipal da Beira faz promessas

Samuel Mateus, chefe do pelouro da Juventude e de Desportos no Conselho Municipal da Beira, disse à nossa Reportagem que o caso do campo do Têxtil de Púnguè, por exemplo, não está sob a alçada da edilidade, uma vez que a antiga fábrica foi vendida pelo Governo em hasta pública, devido a problemas de sustentabilidade.

“A nossa responsabilidade é atribuir um terreno para que o Púnguè possa construir um novo recinto desportivo, mas é preciso que estejam organizados para o efeito”, disse Samuel Mateus, acrescentando que no que tange ao campo da Capital Food “não temos conhecimento da interdição de uso por parte dos municípios. Vamos investigar para percebermos o que está a acontecer...”

Outro recinto desportivo extinto, na Beira, é o ex-campo de Macúti, onde foi construída a sede da UNIZAMBEZE. Sobre este caso, Samuel Mateus explicou que houve um acordo entre o Conselho Municipal da Beira e a instituição de ensino e seria encontrado outro terreno para as duas partes construírem um novo campo melhorado e com relva, o que não até o presente não passa de promessa.

DPJD reconhece o saque

Por seu turno, Rita Muitha, chefe do Departamento de Desportos na Direcção Provincial da Juventude e Desporto (DPJD) de Nampula, reconheceu que têm estado a desaparecer infra-estruturas desportivas nesta parcela do país, sobretudo na capital provincial, onde estas são vendidos para dar lugar à construção de centros comerciais, por exemplo, devido ao “boom” económico que se regista nos últimos tempos. Aliás, a disputa de espaços tem vindo a ganhar terreno, daí que os recintos desportivos não sejam poupados no negócio.

Sem avançar dados numéricos dos campos desportivos transformados em complexos turísticos, Rita Muitha disse que desde Julho passado se está a proceder ao levantamento de infra-estruturas desportivas e a avaliar o respectivo estágio com vista à sua reabilitação.

Resgate de campos desaparecidos

De acordo com Zuber Boa Vida, director do Departamento de Desportos do Conselho Municipal de Nampula, a situação é grave, mas a sua instituição tem em carteira planos de resgate e reabilitação de pelo menos cinco recintos desportivos ainda este ano: os campos da Texmoc, no bairro de Napipine; de Textáfrica, no bairro de Muatala e outros em Namiepe e Marere.

Mesmo sem revelar os custos e detalhes do programa para a efectivação das obras em alusão, Boa Vida deu a conhecer que antes do fim do mandato do seu elenco serão construídos e reabilitados pelo menos 20 campos de futebol polivalentes, um pouco por todos os bairros da cidade de Nampula.

Treinadores preocupados com a extinção de campos em Moçambique

A formação de um jogador não começa no clube mas sim nos bairros. Contudo, nos últimos dias, os campos que no passado serviram para a prática de desporto tendem a desaparecer para darem espaço a infra-estruturas comerciais, facto que deixa os treinadores de futebol preocupados, porque estas áreas serviam de “canteiras” para os clubes e para a selecção nacional.



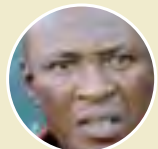
Segundo Augusto Matine, seleccionador nacional na categoria dos sub-20, os sítios que no passado viram nascer jogadores como Dominguez, Mano, Faife, Tico – Tico e muitos outros que no presente passeiam a classe nos relvados nacionais e internacionais têm vindo a desaparecer para dar lugar a supermercados e dumba-nengues, o que de certa forma põe em causa o desenvolvimento do futebol em Moçambique.

“É triste ver essa pouca vergonha. Os locais que no passado eram usados para a prática das actividades desportivas no presente tornaram-se supermercados e outras infra-estruturas que não têm nada a ver com o desporto e isso é preocupante. No passado fazíamos corridas de 800 e 2000 metros nos nossos bairros, mas isso hoje em dia não acontece porque os tais campos deram lugar a outras coisas e essas atitudes contribuem para que os jovens trilhem caminhos errados, porque já não têm espaços para praticar desporto”

Indo mais longe, Matine afirmou que a falta de locais para a prática de desporto contribui para o crescimento dos índices de criminalidade, consumo de drogas e alcoolismo. “Com o desaparecimento dos campos de futebol estamos a criar bandidos, porque os jovens já não têm lugar para brincar e enveredam por caminhos que não constituem boas práticas”

Para o seleccionador nacional dos sub-20, como forma de resolver este problema, os vereadores deviam ter em conta que o desporto pode ser um vector importante para o desenvolvimento de uma nação

“Esses vereadores não têm cultura desportiva. Eles assumem que são vereadores do Desporto, mas sem nenhuma capacitação para o cargo que vão ocupar”



Por seu turno, Chiquinho Conde, antigo capitão dos “Mambas” e treinador do Maxaquene, considera que este tipo de casos contribui para a falta de qualidade do futebol moçambicano, pelo que os bairros que forneciam jogadores aos clubes já não produzem talentos.

“No passado os jogadores que despontavam nos bairros eram levados para os clubes para darem prosseguimento à sua carreira, mas não é o que acontece no presente, porque nos subúrbios já não temos campos para que as crianças possam dar os primeiros toques na bola e isso é preocupante porque a maioria dos jogadores que hoje brilham no Moçambola ganharam talento nos bairros, antes de ingressarem nos clubes.”

O treinador do Maxaquene declarou ainda que, se os nossos dirigentes continuarem assim, o nosso futebol em vez de caminhar para a frente estará a andar a passos largos para o precipício, pelo que a formação é a chave para o desenvolvimento do desporto.



Artur Semedo, actualmente sem clube, considera que vender campos de futebol sítios nas zonas residenciais é uma grande aberração porque é nos bair-



ros periféricos que nasceram os grandes atletas. Para o antigo técnico do Desportivo de Maputo, os dirigentes deviam parar e pensar antes de tomarem estas decisões.

“Em vez de melhorar as condições dos locais para que possamos colher frutos no futuro, os nossos dirigentes optam por vender os espaços para a prática do desporto e esta não é uma atitude de um país que ambiciona altos voos, isto é vergonhoso”

O nosso interlocutor afirmou ainda que, no presente, por causa destas atitudes, o futebol moçambicano está cheio de atletas que mesmo nos seniores não conseguem dominar a bola, porque no passado não tinham lugar para jogar com os amigos nos seus respectivos bairros.

“Não se pode falar de formação sem mencionar os bairros”

Para o responsável pelo departamento de futebol do Desportivo de Maputo, Calton Banze, a formação de um jogador começa no bairro; portanto, não é recomendável destruir os locais que são usados para a prática de actividades desportivas nos subúrbios.

“Não se pode extinguir os campos nos bairros, uma vez que eles são os locais onde os clubes vão buscar jogadores, porque era nesses espaços que a maioria dos atletas que hoje fazem parte da selecção nacional era vista a evoluir e, assim, foram, alguns, convidados a ingressar nos clubes, onde completaram a sua formação.



João Chissano, seleccionador nacional, é da ideia de que os lugares que são usados para a prática do desporto nos bairros deviam ser preservados porque, além de serem indispensáveis na formação e descoberta dos novos valores do futebol nacional, ajudam no desenvolvimento da sociedade, sendo que os jovens, em vez de se ocuparem com coisas fúteis, praticam desporto.

“Os grandes jogadores são fruto do futebol do bairro, por essa razão estes campos que são usados para a prática desta modalidade deviam ser preservados, para continuarem a produzir

jogadores para o futuro” disse Chissano.

Segundo Matias Campira, responsável pelo departamento de formação do Maxaquene, conhecido nos meandros desportivos por Bebe, não se pode falar da formação sem mencionar os bairros, porque eles fornecem atletas aos clubes. A maioria dos jogadores que estão nos clubes vem dos subúrbios, onde deram os primeiros toques na bola.

“É bastante doloroso ver os espaços que no passado eram usados para a prática do futebol transformadas em supermercados. A maioria dos jogadores que estão nas camadas de formação dos clubes da capital do país é fruto dos torneios organizados nos bairros, como Bebec e Sobec, e se assim continuarmos o nosso futebol não se vai desenvolver” declarou Campira.

António Hua, treinador das camadas de formação do Ferrovário de Maputo, também repudia a extinção dos recintos desportivos nos bairros. Na sua opinião, o grosso dos atletas que compõem o seu plantel foi recrutado no Torneio Infanto-Juvenil Bebec que se disputa nos bairros.

“São os bairros que nos fornecem jogadores. Como técnico este problema preocupa-me, porque no futuro não teremos onde buscar jogadores. Os nossos dirigentes tinham que parar e pensar antes de tomarem estas decisões”.



Edmilde Miguel de 17 anos, residente naquele bairro, não se conteve de alegria quando ouviu que o campo da Inafrio voltaria a servir o desporto em detrimento de salão de festas. “Já não precisamos percorrer grandes distâncias para jogar futebol, as tendas foram removidas e em breve vamos começar a jogar isso é um alívio para os jovens de Bagamoyo”

Laulane sem espaços para acolher actividades desportivas

O campo “Bico Rico” localizado no bairro de Laulane, arredores da cidade de Maputo, que no passado acolhia jogos do Torneio Infanto-Juvenil Bebec, hoje em dia encontra-se vedado e com guardas para proibir os jovens daquele bairro a frequentar o mesmo.

Extinção de campos tira sono aos cidadãos da capital do país

Diversos espaços que no passado eram usados para a prática de actividades desportivas estão a desaparecer na cidade de Maputo para dar lugar a infraestruturas comerciais, o que deixa os cidadãos desta urbe de costas voltadas com as estruturas locais e com a edilidade.

O Campo de Inafrio, no bairro do Bagamoyo, que no passado funcionava a escola de jogadores “O golo de vitória”, desde 2011 em vez de futebol serve com salão de festas, sendo que em 2010 a selecção do Brasil quem em 1994 conquistou o Campeonato do Mundo realizado nos EUA, deslocou-se à Maputo com vista a angariar fundos para o funcionamento da mesma.

A nossa equipa de reportagem deslocou-se ao bairro do Bagamoyo para saber o que decerto aconteceu para que o campo que no passado produziu talentos que hoje despontam no Moçambola, deixou de servir o desporto para acolher festas de arromba.

O actual secretário do bairro Bagamoyo, Luís Chembene, declarou que não sabe o que aconteceu para que o espaço deixasse receber acti-



vidades desportivas, afirmando que ocupou o cargo naquele bairro à pouco tempo.

Mas por lado tentou tapar o sol com a peneira afirmando que já esta em andamento o processo de devolução do recinto para as actividades desportivas. “O processo de atribuição do terreno ao dono do Arena não foi legal, por isso, o Conselho Municipal da cidade de Maputo decidir devolver o espaço aos munícipes” disse Chembene

Segundo o que o @Verdade apurou no local, as tendas que funcionavam com salão de festas foram removidas “nos próximos dias vamos fazer as demarcações do campo e colocar marcos para que o mesmo volte a ser palcos de jogos, assim como era no passado” disse Chembene

O @Verdade deslocou-se ao local para se inteirar do assunto, constatou-se que o mesmo já não tem balizas e não possui condições para a prática de futebol. Segundo um dos guardas do campo em causa, ainda não se sabe o que será erguido naquele espaço, mas o mesmo falou a nossa fonte de reportagem que o mesmo foi vendido pelas estruturas locais.

Jaime de Sousa Niquisse Chefe de habitação do bairro de Laulane, declarou que naquele bairro não há espaços para campos de futebol, pelo que o secretariado local ainda está a procura de espaço para um posto policial e um posto de saúde, pelo que não pode comentar a extinção do espaço em causa.

“Sobre o campo não tinha nada a tecer, só sei que o mesmo foi vendido pelos donos”

Para jogarem futebol os jovens recorrem-se ao campo da Escola Primaria de Laulane, mas o mesmo já não tem grandes dimensões, pelo que uma parte do espaço foi usado para construir salas de aulas, restando espaço para as aulas de educação física.



“Os espaços que no passado eram usados para a prática do desporto estão a desaparecer no bairro, já não temos campos, somos obrigados a jogar futebol nas ruas e isso coloca em causa a nossa integridade física, porque dividimos o espaço com os carros” disse Óscar Benjamim, jovem de 28 anos de idade.

Bairro 3 de Fevereiro enfrenta mesmo dilema

Já no bairro 3 de Fevereiro os jovens estão de costas voltadas com as estruturas locais e com a edilidade por terem vendido o espaço que no passado era usado para a prática de actividades desportivas. O complexo desportivo em causa acolhia modalidades como karate, basquetebol e futsal.

Mas a dois meses atrás os moradores foram surpreendidos por um empreiteiro chinês a iniciar obras sem aviso prévio. O que deixou os jovens daquele bairro atônitos, porque aquele era o único espaço que o bairro tinha para a prática do desporto.

A nossa equipa de reportagem tentou ouvir as estruturas locais para saber o que terá motivado a venda do espaço, mas as nossas aspirações foram “sol de pouca dura”, porque o secretário do bairro não se encontrava no seu gabinete e, ninguém podia prestar qualquer declaração sobre o assunto.

Alfredo Fernando de 23 anos de idade mostrou-se preocupado com extinção dos recintos desportivos na capital do país. “É lamentável a cada ano que passa estão a desaparecer os espaços que no passado serviam o desporto, já não temos aonde brincar e isso pode levar muitos jovens a pautar pelo álcool e consumo de drogas, pelo que já não espaço jogar futebol ou basquetebol”

“Não há formação nos escalões de iniciados em Nampula”

O treinador do Sporting de Nampula, Usaras Mohamed, considera que o futebol moçambicano, com particular destaque para o de Nampula, perdeu o seu valor na área da formação, devido à falta de sensibilidade dos dirigentes dos clubes desportivos no país.

Mohamed diz que há dirigentes que entraram para o desporto para tirar proveitos pessoais, relegando para último plano os projectos da colectividade, razão pela qual se observa, em muitos clubes, a falta de movimentação dos escalões de formação, o que seria benéfico para a identificação de talentos.

“Os clubes hoje já não formam, apenas pega-se em meia dúzia de crianças sem as devidas condições para um praticante de futebol para justificar que movimentam escalões dos petizes. No meu tempo, quando ajudei a formar Tico-Tico, Dário Monteiro e outros, existiam dirigentes com projectos sérios, mas as pessoas não souberam acarinhá-los”, disse.

O técnico de Sporting de Nampula afirmou ainda que os gestores do desporto-rei pecam por não introduzirem competições nos escalões de formação na província de Nampula, uma situação que se estende um

pouco por todo o país.

O nosso interlocutor defende, por outro lado, a necessidade de se investir nas formações de atletas daquela modalidade desportiva. “De onde é que vão sair os atletas que vão dar forma às nossas equipas de futebol, se não há formação?”, questionou, acrescentando que os pais e encarregados de educação nada fazem no acompanhamento dos seus filhos, sobretudo aos que abraçam a modalidade.

Por seu turno, Faza João, treinador da camada de iniciados do Ferrovário de Nampula, avalia de forma negativa a formação na província de Nampula, pelo facto de haver muita falta de interesse por parte dos clubes e da Associação Provincial de Futebol de Nampula (APFN).

De acordo com João, em Nampula existem apenas três clubes que apostam seriamente na formação, nomeadamente o Ferrovário de Nampula, Benfica e a Casa Issufo.

“No ano passado, não se realizou o Campeonato Provincial de Juvenis e Juniores, apesar de termos inscrito as nossas equipas. Não recebemos nenhum esclarecimento por parte da APFN sobre as causas que ditaram a não realização desta importante prova, e os petizes ficaram desanimados; alguns até chegaram a abandonar o futebol. Nesta época, arrancaram, recentemente, os campeonatos em juvenis e iniciados, mas receio que venham a chegar ao fim, pois as equipas são poucas e algumas já nem sempre comparecem aos jogos”, disse.

João afirmou que, no âmbito da massificação, a alternativa tem sido envolver as suas equipas nos campeonatos recreativos. O nosso interlocutor

acrescentou, ainda, que com o desaparecimento dos espaços onde se praticava o desporto, que se encontravam localizados um pouco por todos os bairros na cidade de Nampula, tal contribuiu, de forma significativa, para a desmotivação dos petizes.

“Os miúdos aprendem a dar os primeiros toques no bairro, mas cá na cidade de Nampula não temos espaços; dos poucos que existiam tiveram outros destinos, foram transformados em mercados, lojas, hotéis, casas, entre outros, e as estruturas de direito não se preocupam com o desporto”, disse.

João Luís, da Associação Provincial de Futebol de Nampula, explicou que a problemática de formação nos clubes que movimentam diferentes modalidades desportivas em Nampula agrava-se a cada ano que passa, tendo apontado a falta de vontade para o desenvolvimento do desporto por parte de dirigentes, Governo, pais e encarregados de educação, como a principal causa.

“Os miúdos precisam apenas de umas sandes de ovo, um refresco e uma garrafa de água. Num clube com cerca de 15 atletas, o gasto para um jogo não vai para além dos 500 meticais. E, por outra, os pais e encarregados de educação não se preocupam com os seus educandos quando estes abraçam o desporto, mesmo que compartilhassem com um par de sapatilhas”, afirmou.

Luís disse ainda que a falta de espaços para a realização de partidas constitui outra dor de cabeça para a massificação do desporto em Nampula. “Todos os campos já foram vendidos; os miúdos são obrigados a percorrer longas distâncias para realizarem jogos, e isso é desencorajador”, disse a terminar.

Moradores do Aeroporto “B” em alvoroço

Os cidadãos do bairro do Aeroporto “B”, na capital moçambicana, ficaram surpreendidos, na manhã de um certo sábado, em Julho passado, ao receberem a notícia de que o campo de Zixaxa iria ser vendido. O secretário daquele bairro, Francisco Machel, foi acusado de estar envolvido no caso em conluio com a uma ex-vereadora do Distrito Municipal KaMpfumo.

“Não vamos deixar que se venda este campo, pois é importante para a comunidade. Ocupa os jovens nas horas vagas. Os espaços para a prática do futebol estão a saque. Há meses que se tenta vender o campo de Zixaxa, mas o povo não permitiu”, disse Justino Mondlane, residente na cidade de Maputo.

Alguns moradores do Aeroporto “B” e desportistas inconformados com a situação fizeram um abaixo-assinado contra a pretensão de venda daquele recinto desportivo. Entretanto, o secretário do bairro, Francisco Machel, refutou as acusações que pesam sobre si e alegou que o campo nunca esteve à venda.

“O campo não está e nunca esteve à venda, são alegações de um punhado de gente de má-fé. Aquele espaço pertence à comunidade. As pessoas procuram problemas onde não existem”, disse Machel, acrescentando que a edilidade prometeu disponibilizar dinheiro para a colocação de relva e bancadas, bem como para a melhoria das condições de uso.

Lesotho mergulhado em clima de incerteza depois do golpe militar

O Lesotho, pequena monarquia constitucional encravada na África do Sul, continua num clima de incerteza depois do golpe militar de sábado que obrigou o Primeiro-Ministro, Thomas Thabane, a refugiar-se no território sul-africano. Thabane regressou nesta quarta-feira a Maseru à luz do acordo alcançado segunda-feira entre os líderes dos partidos de coligação no poder no Lesotho para a reabertura do parlamento.

Entretanto, dado o “vazio” de poder, o Rei Letsie III, do Lesotho, havia nomeado para o cargo de Primeiro-Ministro, Motloheloa Phooko, para dirigir interinamente o país. Ministro da Função Pública no Governo de Thabane, Motloheloa Phooko é membro do partido Congresso para a Democracia, que integra a coligação governamental.

Thabane, deveria regressar esta terça-feira a Maseru à luz do acordo alcançado segunda-feira entre os líderes dos partidos de coligação no poder no Lesotho para a reabertura do parlamento. Estas negociações foram mediadas pela SADC (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral).

Troca de tiros e corte da corrente eléctrica foram registadas na noite desta segunda-feira na capital do reino, Maseru, adiando o anunciado regresso de Thabane.

O conselheiro do Primeiro-Ministro destituído, Samonyane Ntsekele, em entrevista telefónica concedida à Agência France-Press nesta terça-feira, assegurou que ainda se encontravam em Joanesburgo e sem data de regresso ao Lesotho.

Entretanto, dado o “vazio” de poder, o Rei Letsie III, do Lesotho, nomeou para o cargo de Primeiro-Ministro, Motloheloa Phooko, para dirigir interinamente o país.

Ministro da Função Pública no Governo de Thabane, Motloheloa Phooko é membro do partido Congresso para a Democracia, que integra a coligação governamental.

Troca de tiros

Thabane, refugiou-se na África do Sul nas últimas horas do último sábado, depois de os militares terem atacado uma instalação chave da Polícia e terem cercado a residência oficial do Primeiro-Ministro.

Os militares desmetem o golpe de Estado, defendendo que as suas movimentações têm a ver com uma operação normal para a confiscação de armamento da esquadra da Polícia que era destinada a “políticos fanáticos”.

Depois de três dias de reactiva calma, a cidade de Maseru sofreu um apagão na noite desta segunda-feira. Foram ouvidos tiros esporádicos de armas automáticas vindos de locais indeterminados.

A tensão actual entre os militares e a Polícia significa falta de segurança nas ruas que vem a agravar-se com o corte da corrente eléctrica.



“Não sabemos o que está a acontecer. Eles estão a lutar por questões pessoais e não nos têm dado informações do que está a acontecer,” desabafou Lineo Mattadi, um estofador de 28 anos.

Temendo o escalar da violência, o Governo norte-americano recomendou aos familiares dos seus diplomatas que se retirassem do reino, no caso de as fronteiras terrestres e os aeroportos virem a ser encerrados. Este é o primeiro país ocidental a alertar para uma possível evacuação.

Pedido de intervenção da SADC

Na maior base militar de Maseru, o clima é descrito de tenso. Os soldados encontram-se fortemente armados e a tomar precauções face a uma eventual intervenção estrangeira.

O Primeiro-Ministro refugiado na África do Sul, teria apelado à SADC para que esta enviasse um contingente militar de manutenção de paz, medida recusada pela organização regional.

A SADC optou por forçar um acordo entre as partes em conflito nos dois dias de negociações de Pretória. A organização regional irá enviar uma equipa de observadores para minitorar os últimos desenvolvimentos políticos, militares e de defesa.

A África do Sul cerca na totalidade o pequeno reino e o país faz o seu máximo para conter a violência. O pequeno reino possui grandes reservatórios de água que fornecem o precioso líquido às cidades de Joanesburgo e de Pretória. O armamento necessário, em caso de um conflito militar de grande escala, deverá passar primeiro pelo território sul-africano.

Controlo militar

O Primeiro-Ministro, Thomas Thabane, poderá receber voto de confiança em resultado das negociações da SADC. O seu grande desafio, dentro de um curto espaço de tempo, será o esclarecimento em torno da figura que controla o Exército.

Quando questionado na segunda-feira acerca de quem dirigia o exército, o Primeiro-Ministro Interino, Motloheloa Phooko, teria dito: “Essa é uma questão difícil de responder.”

Fontes da inteligência defendem que o general Tlali Kamoli, comandante das Forças Armadas do Lesotho, teria dirigido o golpe depois de ter sido instado por Thabane, a abandonar o cargo.

O comandante deveria ter sido substituído no cargo pelo general Maaparankoe Mahao, que se encontra na África do Sul, depois de ter sofrido uma tentativa de assassinato. A sua casa teria sido cravada de balas, ataque que forçou a sua esposa e três filhos menores

a esconderem-se, durante os cerca de 30 minutos do ataque.

General relutante

Falando em Pretória, o general em fuga, Maaparankoe Mahao, descreveu Tlali Kamoli, como “um general relutante que nega a sua demissão, por medo de ser preso.”

“Existem muitos indícios de actos criminais cometidos pela secção sob seu comando. Ele tem medo que a justiça seja feita quando ele abandonar o posto,” defendeu Mahao.

Mahao, alegou ainda que os soldados se teriam apoderado de documentos policiais que implicam o vice-Primeiro-Ministro, Mothetjoa Metsing, que participou nas negociações de Pretória.

Génese da crise

Em 2012 a SADC teria assegurado um acordo entre as três formações políticas do Lesotho para a formação de uma coligação governamental, depois de o partido da oposição ter vencido as eleições, mas sem maioria absoluta.

A coligação é formada pela Convenção de Todos os Basotho (ABC, sigla em inglês), pelo Congresso Democrático do Lesotho (LCD) e pelo Partido Nacional Basotho (BNP).

Esta coligação governamental viria a substituir o Governo, que permaneceu cerca de 14 anos no poder, do Primeiro-Ministro Paka-litha Mosisili.

A crise no Lesotho teria tido início quando o actual Primeiro-Ministro, Thomas Thabane, ordenou a abertura de uma investigação criminal visando o vice-Primeiro-Ministro, Mothetjoa Metsing.

A turbulência viria a agudizar-se quando as forças de defesa e segurança tomaram posições divergentes. A Polícia apoia o Primeiro-Ministro, Thomas Thabane, enquanto o vice-Primeiro-Ministro, Mothetjoa Metsing, é suportado pelos militares.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt) Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634 BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ facebook: JornalVerdade

INEGLIGENCIA

A verdade em cada palavra.

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.

Mundo

Sudão do Sul caminha directamente para a fome e a anarquia

O Sudão do Sul deixou passar outra oportunidade para a paz e, em seu lugar, os líderes dos dois lados em guerra permitiram que o país continue firme no seu caminho para a fome e a anarquia. O dia 10 de Agosto foi a data limite para que as delegações do Presidente Salva Kiir e do seu outrora vice-Presidente e actual líder insurgente, Riek Machar, apresentassem uma proposta final para um governo de transição e de unidade, que acabasse com o conflito iniciado em Dezembro.

Texto: Andrew Green - Envolverde/IPS • Foto: Istockphoto

A comunidade internacional alertou para o facto de que a fome pode ocorrer em Dezembro. Pelo menos 1,1 milhão dos pouco mais de dez milhões de habitantes sofrem de escassez de alimentos de emergência. E até que os combates cessem, os organismos humanitários não terão acesso às dezenas de milhares de pessoas que necessitam da sua ajuda.

Não há indícios de um cessar-fogo no curto prazo. No dia 12, durante visita de uma delegação do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) ao Sudão do Sul, a embaixadora norte-americana, Samantha Power, disse que a informação em seu poder indicava que estariam a entrar “mais armas neste país a fim de se preparar o terreno para outra batalha”.

No começo do mês de Agosto, um grupo de combatentes que não segue as ordens de nenhum dos dois lados em disputa localizou e executou seis trabalhadores humanitários no Estado do Alto Nilo, perto da fronteira com o Sudão. As vítimas, todas nuer, foram escolhidas em função do seu grupo étnico, o que revela a divisão tribal que o conflito alimenta.

É possível que, quando finalmente as duas partes se encontrarem para negociar em Adis Abeba, escrevam uma solução para uma situação que já não tem controlo nenhum. O conflito começou com uma disputa política entre Kiir e Machar sobre quem controlaria o partido no Governo, o Movimento de Libertação Popular do Sudão. Mas a escaramuça avivou rapidamente as tensões étnicas enquanto se propagava pela metade oriental do país.



A violência posterior caracterizou-se pelas violações dos direitos humanos. “Os ataques contra civis e a destruição e saque das suas propriedades formam a base de como se travou esta guerra”, explicou à IPS a pesquisadora da organização Human Rights Watch, Skye Wheele.

Os combatentes dispararam contra pacientes em camas de hospitais e massacraram refugiados numa mesquita e nas bases da ONU. Pelo menos dez mil pessoas morreram e mais de 1,5 milhão foi deslocada. O assassinato dos trabalhadores humanitários e de outras pessoas pertencentes à etnia nuer no condado de Maban, no Alto Nilo, podem indicar a transição do conflito para uma etapa mais volátil.

Maban, que abriga dezenas de milhares de refugiados, estava relativamente à margem dos conflitos. Mas isso não impediu que um grupo armado local, a autónoma Força de Defesa Mabanesa, matasse os civis nuer. A missão da ONU no Sudão do Sul alertou num comunicado de imprensa para o facto de que Maban corre o risco de “cair na anarquia”.

Sem um acordo de paz legítimo, essa anarquia poderia facilmente espalhar-se a outras regiões do país, na medida em que as comunidades decidam fazer justiça pelas próprias mãos. “Vimos como o abuso gerou mais violência e mais abusos durante os ataques de represália contra civis”, contou Wheeler. Durante os dias 9 e 10 soube-se que outro grupo armado marcou presença em Maban para vingar-se dos assassinatos anteriores. As repercussões dos assassinatos de Maban poderiam ser maiores.

Os moradores das áreas em conflito, além das dezenas de milhares de refugiados, são quase completamente dependentes da ONU e das organizações não-governamentais para a sua alimentação, abrigo e protecção. As Nações Unidas calculam que as agências de ajuda vão precisar de 1,8 bilião de dólares norte-americanos para atender 3,8 milhões de pessoas antes do final deste ano. Até o momento foi arrecadada pouco mais de metade dessa quantia.

Embora a situação ainda não cumpra os critérios técnicos para a fome ser declarada, “existe um sofrimento extremo”, apontou à IPS Sue Lautze, directora da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura no país. O sofrimento será

maior se os trabalhadores humanitários se converterem em alvos da guerra.

Em Maban, uma equipa da Medair, uma organização que presta serviços de emergência, está encarregada das estações de água potável e outras necessidades de saúde e higiene para as 60 mil pessoas da localidade, incluindo os refugiados do acampamento de Yusuf Batil, e a população dos arredores. A sua directora no país, Anne Reitsema, observou à IPS que os ataques mostraram uma “total falta de respeito pelos actores humanitários”.

Após o ataque, a Medair retirou temporariamente de Maban vários membros do seu pessoal. Reitsema afirmou que a violência “tornou muito difícil a realização do nosso trabalho”. O problema é que não há mais ninguém que o faça.

A crescente violência, a possível fome e o prazo que se deixou passar podem ser usados como elementos que “envergonham” as duas partes de tal forma que tenham de adoptar um acordo duradouro, opinou Jok Madut Jok, analista do Instituto Sudd, um centro de pesquisas sudanês. E isso já está a acontecer. A comunidade internacional ameaçou com sanções económicas, uma vez mais.

Essa estratégia ainda não funcionou. Os Estados Unidos e a União Europeia já sancionaram um líder militar de cada lado do conflito. Mas a comunidade internacional não tentou mais nada. Por isso, Jok espera que se ultrapassem mais prazos sem que se consiga algo. “As conversações de paz têm a ver com o que cada um deles espera obter delas, e não com a paz em si”, ressaltou à IPS.

A difícil integração de caçadores e colectores na Índia

Os bondas montanhese pertencem a um dos povos mais antigos da Índia, cujos costumes permanecem quase intactos há cerca de mil anos. Esses indígenas residem em 31 aldeias dispersas pelo distrito de Malkangiri, no Estado de Odisha, a uma altitude entre 1.500 e quatro mil metros.

Texto: Paulo Moura - Jornal Público de Lisboa Excertos

A comunidade de aproximadamente sete mil pessoas, que resiste a manter contacto com o mundo exterior e é totalmente céptica em relação ao desenvolvimento, atravessa dificuldades para manter o seu estilo de vida e para manter as gerações mais jovens, cada vez mais frustradas com a pobreza e a violência interna. Cerca de 90% dos bondas vivem com menos de um dólar por dia.

Entre 2001 e 2010, a população cresceu somente 7,65%, segundo estudos realizados pelo Instituto de Capacitação e Pesquisa de Castas e Tribos Desfavorecidas (SCSTRTI), vinculado ao Governo de Odisha. Numa cabana de barro sem janelas em Bonda Ghati, uma região montanhosa escarpada no sudoeste de Odisha, Saniya Kirsani fala com vigor e em tom embriagado sobre os seus planos para o terreno cujo título de propriedade possui há pouco tempo.

Este homem, de 50 anos, sonha plantar mangas na sua aldeia natal de Tulagurum para produzir o licor dessa fruta que o mantém intoxicado. Já a sua mulher, Hadi Kirsani, tem planos mais realistas. Para ela o mais importante é que, com o título de propriedade, poderá mandar novamente à escola o seu filho Buda Kirsani, de 14 anos. Ele teve de deixar os estudos em 2013 porque a escola secundária mais próxima era inacessível para a sua família. Além do facto de que teria de caminhar 12 quilómetros todos os dias na escarpada montanha, precisava de

um título de propriedade para legitimar a sua situação.

A família Kirsani não foi abrangida pelas reformas de 2012, feitas no contexto da Lei de Direitos Florestais, através da qual foram entregues 1.248 títulos de propriedade a famílias bondas. A iniciativa não cobriu os outros 532 agregados. Finalmente, em Outubro do ano passado, com a ajuda da organização Landesa, a família de Buda conseguiu o ansiado documento do Governo estadual.

Enquanto segura com cuidado as duas mudas de roupa de Buda numa sacola, Hadi mal pode conter as lágrimas quando conta à IPS que o seu filho é um dos 31 garotos das 44 famílias da aldeia que pela primeira vez poderão fazer os seus estudos secundários. Apenas 12% dos homens e 6% das mulheres bondas montanhese sabem ler e escrever, segundo um estudo da SCSTRTI, de 2010, bem abaixo da média nacional da Índia, de 74% e 65%, respectivamente. Este povo de caçadores e colectores fala o remo, dialecto que não tem escrita.

Várias gerações viveram graças aos produtos que a selva oferecia e ao que obtinham mediante troca de milho, brotos de bambu, cogumelos, inhame, frutas, bagas e espinafre silvestre no mercado local. Mas o avanço do desmatamento degradou as suas terras e os cursos de água que usavam para a irrigação. Além disso, a irregularidade das chuvas na última década prejudicou as suas colheitas e a

proibição de recorrer ao cultivo de roças acabou com o sustento que praticaram com êxito durante centenas de anos.

Desde 1976, quando foi criada a Agência para o Desenvolvimento dos Bondas, há iniciativas para integrá-los na sociedade. “O título de propriedade permite que se mantenham e dê-lhes mais possibilidades, já que a sua economia se concentra no seu terreno e na selva”, assinalou a Comissão Nacional para as Tribos Desfavorecidas, com uma função de assessoria em políticas indígenas.

“Quando estiver completo, o ‘programa cinco mil albergues’ oferecerá a meio milhão de crianças educação e uma forma de integração”, declarou à IPS o ministro de Desenvolvimento Tribal, Lal Bihari Himirika.

Os 9,6 milhões de indígenas que vivem em Odisha representam um quarto da população total do Estado. Entre todas as tribos, como são chamados na Índia os povos originários, os bondas montanhese preocupam especialmente o Governo, que os considera um Grupo Tribal Particularmente Vulnerável devido à sua alta taxa de analfabetismo, à queda de população e às suas práticas agrícolas.

O activista Dambaru Sisa, de 34 anos, foi o primeiro bonda montanhês a ocupar uma cadeira na legislatura estadual. Criança órfã e educada numa escola cristã missionária de Malkangiri, conseguiu cursar dois mestrados, em matemá-

tica e direito. “A nossa identidade cultural, em especial o dialecto remo, deve ser preservada”, afirmou à IPS. Ao mesmo tempo, “com maior consciência se poderá erradicar os costumes e as superstições que prejudicam a nossa gente”, acrescentou.

Como exemplo, citou o casamento de mulheres com homens até dez anos mais jovens. Como elas costumam cuidar das tarefas domésticas e eles se dedicam à caça e à colecta, recebem habitualmente treino com armas e no uso do arco. Isto, somado ao temperamento irascível dos homens, ao grande consumo de álcool e à ferocidade com que protegem as suas mulheres, faz com que muitas vezes os confrontos acabem mal.

Mas, apesar da urgente necessidade de integração, esta não será suficiente, segundo especialistas. “Conseguir que as crianças bondas frequentem a escola secundária é apenas meia batalha ganha”, destacou Sisa. “A lista de estudantes matriculados é longa, mas, na realidade, muitos não estão nos albergues. Alguns fugiram para trabalhar em restaurantes ao longo da estrada ou voltaram para as suas casas”, afirmou.

O problema é que não são ensinados na sua língua materna, e têm de aprender o odia, o principal dialecto, mas não o entendem, explicou Sisa. A alternativa das autoridades foi mostrar a disposição de contratar professores bondas. Mas ainda há muito por fazer para pro-

Confiança: a chave na luta contra o ébola em África

O enfermeiro coloca o cadáver com cuidado num saco plástico, deixa a barraca de campanha de isolamento e coloca os pés num recipiente com água e hipoclorito de sódio. Tira os óculos de segurança, as luvas e a máscara e queima-os num tambor. É observado por centenas de pessoas atrás de um cordão de isolamento, incluindo a ministra da Saúde da Costa do Marfim, Raymonde Goudou Coffie, e representantes dos meios de comunicação, entre eles a IPS.

Texto: Marc-Andre Boisvert - IPS • Foto: Istockphoto

Não há risco para estas pessoas, já que não há casos do ébola na Costa do Marfim, apesar de o vírus já ter matado 60% dos infectados no actual foco na África Ocidental. E o cadáver é um manequim. Trata-se de uma simulação realizada no hospital distrital de Biankouma, no oeste do país. “Queremos testar os equipamentos médicos. E ver o que podemos fazer para melhorar a nossa reacção”, afirmou a ministra, farmacêutica de profissão.

A professora Edinie Veh Gale é uma das observadoras. A explicação para a simulação “não está traduzida para o yacuba, o idioma local, por isso muita gente não entende. Mas pelo menos despertou a curiosidade das pessoas que se interessaram pela informação”, disse à IPS em francês.

A epidemia actual, que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou “fora de controlo”, concentra-se na Guiné-Conacri, Libéria, Nigéria e Serra Leoa, mas outros países da região, como a Costa do Marfim, lutam para permanecer sãos. A Costa do Marfim aplicou rígidas medidas de controlo epidemiológico, como o encerramento das fronteiras e a proibição da entrada de pessoas vindas dos países com casos do ébola. Mas alguns cidadãos deste país de 22 milhões de habitantes negam-se a submeter-se às medidas restritivas.

O ébola foi detectado pela primeira vez em 1976 e os focos posteriores ocorreram em povoados da África central, onde a distância e o isolamento ajudaram a conter a enfermidade. Porém, o foco actual, o pior de todos, com mais de 1.135 mortos, estendeu-se a várias cidades, onde as medidas sanitárias têm um êxito reduzido.

Susan Shepler, professora da Universidade Americana, com sede em Washington, passou seis semanas na Serra Leoa e na Libéria. A especialista em educação e conflitos armados notou que, embora existam alguns avanços na sensibilização com relação à doença, a maioria da população desses países tem uma profunda desconfiança da ajuda estatal.

“Não é simplesmente desconfiança em relação ao Estado, é desconfiança quanto ao sistema”, afirmou Shepler à IPS. Os habitantes acreditam que os políticos entram no Governo para enriquecer e, portanto, não consideram que o Estado possa ajudá-los, acrescentou. Muitos, especialmente os que vivem em redutos da oposição,



consideram que o ébola é um complô do Governo ou uma maldição religiosa, explicou.

Nas áreas infectadas da Guiné-Conacri, Libéria e Serra Leoa quase não há serviços públicos de saúde nem trabalhadores da Saúde capacitados, destacou a professora. Por isso, é difícil as populações locais confiarem instantaneamente quando nas áreas afectadas aparecem equipas médicas com muitos recursos e frequentemente com o apoio de especialistas estrangeiros.

A Costa do Marfim não tem casos do ébola, mas ignora-se se isso se deve ao facto de o país adoptar uma estratégia adequada ou se é simplesmente uma questão de sorte. O Governo reforçou a prevenção em todo o país. Em Março proibiu a carne de animais silvestres e desde então adoptou várias medidas para conter a epidemia, como o controlo para detectar a doença nas fronteiras e a proibição de voos directos para as áreas afectadas.

Agora o Governo recomendou que as pessoas não se abracem nem dêem as mãos e que cumpram rigorosamente as normas de higiene. Também pretende gerar a confiança das pessoas com a incorporação nas campanhas de educação de autoridades locais e pessoal médico conhecido pelas comunidades locais.

Num banco no distrito comercial de Abidjan, um guarda de segurança oferece desinfectante de mãos aos clientes que utilizam o caixa automático. “É para a sua saúde”, explica. Em frente a esse banco, os vendedores ambulantes que ajudam os motoristas a estacionarem os seus carros recusam-se a dar as mãos.

No povoado de Pékahouebli, oeste do país e perto da fronteira com a Libéria, não há electricidade nem acesso à Internet. Mas esta localidade, com forte apoio popular à oposição, criou um comité civil para mobilizar as comunidades contra o ébola.

“Não acreditávamos que o ébola fosse verdadeiro. Pensávamos que fosse uma doença do homem branco nas cidades, quando as autoridades vieram falar conosco”, contou à IPS Serge Tian. “Mas, quando ouvimos na rádio, demos conta de que era verdade. E começámos a ouvir a enfermeira que visitava o povoado”, acrescentou.



do”, acrescentou.

Tian não dá a mão ao repórter da IPS quando deixa o povoado. Agora entende um pouco mais sobre como a doença se espalha e conhece o motivo de cumprir as medidas restritivas.

Prevenção do ébola

As mensagens de saúde pública que educam a população africana sobre a redução do risco de contrair a doença devem estar centradas em:

- Redução do risco de transmissão por animais silvestres a humanos pelo contacto com morcegos ou macacos infectados e pelo consumo da sua carne crua;

- Lidar com os animais com luvas e roupa protectora adequada, e os produtos de origem animal, como sangue e carne, devem estar bem cozidos para serem consumidos;

- Redução do risco de transmissão entre humanos que surge do contacto directo ou próximo com os pacientes infectados, sobretudo pelos seus fluidos corporais;

- Evitar o contacto físico próximo com os pacientes do ébola;

- Usar luvas e equipamento de protecção pessoal adequado para cuidar dos doentes em casa.

As comunidades afectadas devem informar à população sobre a natureza da enfermidade e as medidas de contenção, incluindo o sepultamento dos mortos. As pessoas que morrem do ébola devem ser enterradas rapidamente e com medidas de segurança.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ

facebook: JornalVerdade

INEGLIGENCIA

A verdade em cada palavra.

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.

Karachi presa entre criminosos armados e guarda-costas

A população rica desta cidade portuária do Paquistão, de 20 milhões de habitantes, percorre as agências de segurança privada para se proteger da escalada de assassinatos e sequestros diante de uma Polícia deficiente. As pessoas de maior poder aquisitivo, que frequentemente são alvo de sequestros para extorsão, começaram a contratar guarda-costas e deslocam-se em veículos blindados ou à prova de bombas.

Texto: Zofeen Ebrahim - Envolverde/IPS

Karachi é uma das cidades mais perigosas do mundo porque os criminosos, armados até os dentes, agem impunemente enquanto a Polícia, com falta de pessoal, luta para mantê-los controlados. Um estudo feito pela Polícia da província de Sindh indica que em Karachi, capital provincial, há 26.847 polícias, dos quais 8.541 trabalham para proteger pessoas específicas e lugares estratégicos, como o porto, o aeroporto e o terminal petrolífero.

Do total, 3.102 polícias dedicam-se à investigação. Apenas 14.433 agentes, em turnos de 12 horas diárias, são responsáveis por manter a lei e a ordem e proteger vidas e propriedades da população de Karachi. Isso equivale a apenas um polícia para cada 1.524 habitantes da cidade, que registou 40.848 crimes em 2013, entre eles 2.700 homicídios.

“Existe um descarado uso indevido da Polícia de Karachi porque a cultura ‘vip’ imperante afasta os agentes das suas respectivas esquadras”, afirmou Jameel Yusuf, ex-chefe da Comissão de Ligação entre os Cidadãos e a Polícia (CPLP), uma organização que trabalha em estreita colaboração com a força da ordem local e o governo provincial. A deficiência da segurança pública e a crescente demanda por protecção nos últimos 20 anos geraram um enorme mercado para as companhias de segurança privadas.

O coronel Nisar Sarwar, ex-presidente da Associação de Agências de Segurança do Paquistão (APSAA), informou à IPS que o país tem cerca de 300 mil guardas de segurança privados e que destes entre 70 mil e 75 mil se encontram na província de Sindh, dos quais 50 mil a trabalhar em Karachi. Das 1.500 agências de segurança do país, 300 integram a APSAA, mas Sarwar assegura que existe um sem número de outros grupos privados, com armas sofisticadas, que fornecem segurança a famílias.

Os clientes ricos estão dispostos a pagar generosamente por essa segurança. A blindagem de um veículo com tracção às quatro rodas custa entre 30 mil a 45 mil dólares norte-americanos no Paquistão. Um veículo novo blindado custa entre 150 mil e 170 mil dólares norte-americanos no mercado internacional, segundo o jornal Pakistan Today, uma soma enorme neste país onde 60% da população vive com menos de dois dólares norte-americanos por dia, segundo dados oficiais.

No último ano, houve uma “queda de 50% em diversos delitos”, afirmou Chinoy, chefe da CPLC, à IPS. Sarwar, director da Delta Security Management, uma das primeiras agências de segurança do país, fundada em 1988, garante que muitas famílias e pessoas ricas recorrem à protecção das empresas privadas.

O ex-chefe da Polícia de Karachi, Shahid Hayat Khan, disse à IPS que o crime e a política andam de mãos dadas na cidade. “Completem-se, e diferentes partidos políticos empregam os delinquentes. Alguns pertencem ao partido, mas a maioria é de grupos criminosos que se dedicam à extorsão ou ao narcotráfico”, ressaltou. “Depois, há alguns grupos religiosos extremistas, que às vezes estão relacionados com o narcotráfico”, acrescentou. Também há guardas privados implicados em vários assaltos a bancos.

Outros atribuem a criminalidade crescente à interferência política no trabalho policial. “Se fosse concedido ao chefe de polícia um período de três anos com autoridade absoluta para dirigir a sua equipa, naturalmente que, com as devidas garantias, veríamos a diferença”, afirmou Khan. Frustrado com a interferência política, ele próprio permaneceu no cargo apenas um ano, de 2011 a 2012, e assinou que o Governo no poder, seja qual for, nomeia sempre uma pessoa de confiança no cargo para driblar certas normas legais.


Devido à escassez de polícias, Yusuf acredita que a terceirização de determinadas tarefas das agências privadas vai melhorar a segurança pública. “A polícia terá uma carga menor se as empresas privadas cuidarem do patrulhamento, da protecção de locais estratégicos, e do acompanhamento dos ‘vip’”, propôs. Essa opção seria mais económica do que contratar mais pessoal e também daria emprego e formação aos jovens de Karachi desempregados, acrescentou.

Entretanto, actualmente o guarda de segurança privada comum equivale “a pouco mais que um vigilante uniformizado. Está mal treinado, mal supervisionado e mal remunerado”, denunciou Yusuf. Os guardas recebem um salário que varia de 110 dólares norte-americanos, o salário mínimo mensal para um trabalhador qualificado, a 450 dólares norte-americanos, para os que portam armas. Dois terços dessa remuneração ficam para a agência.

“Quase não recebem nenhum tipo de formação e as suas armas, se têm licença para usá-las, são obsoletas. Alguns também funcionam como mensageiros: levam pastas de um escritório a outro ou comida para o pessoal administrativo”, acrescentou Yusuf.

A APSAA dirige dois centros de formação: um em Karachi e outro na cidade de Lahore, que oferecem aos recrutas instrução de três dias a cargo de militares da reserva que lhes ensinam defesa e montagem de armas. Porém, especialistas como Sarwar acreditam que a capacitação será insuficiente se os guardas não estiverem equipados com as armas necessárias para lidarem com a militarização que tomou conta das ruas de Karachi.

Sarwar explicou à IPS que “as agências não estão autorizadas a dar armas automáticas aos seus guardas. Só podem disparar em defesa própria. Hoje em dia, até os ladrões utilizam fuzis Kalashnikov e o pessoal da segurança privada não pode competir com essas armas sofisticadas”, concluiu.



OBSERVATÓRIO ÁFRICA

Marcio Pessôa

A vontade de Goodluck Jonathan

O australiano Stephen Davis ganhou notoriedade por tentar iniciar um diálogo com o Boko Haram a fim de resgatar as quase 300 jovens sequestradas pelo grupo radical em Abril.

Desde o início deste mês, conforme escreve Patrick Begley, do The Sidney Morning Herald, agentes do contra-terrorismo australiano tentam saber como este relacionamento com os extremistas nigerianos começou.

Davis trabalhou como consultor da Shell na tentativa de a multinacional negociar a paz com os guerrilheiros do Delta do Níger nos anos 2000. Acabou por ser consultor do próprio Governo nigeriano para o acordo de paz.

Numa entrevista a um canal de televisão nigeriano, Davis defendeu que o ex-governador da província de Borno, Ali Modu Sheriff, e o ex-chefe das forças armadas nigerianas, Azubuike Ihejirika, fossem neutralizados porque estariam a patrocinar os radicais.

Sheriff negou as acusações em entrevista à DW África.

Falso porto seguro

Há poucos dias, o Boko Haram controlou Gwoza, no Estado de Borno, no nordeste do país, e declarou um califado. A cidade não era somente composta por muçulmanos. Há relatos de execuções sumárias durante a tomada da cidade – conforme escreve Daniel Agbibo, consultor da União Africana no seu blog na Al Jazeera.

Sob o ponto de vista étnico e linguístico, é mais lógico que as pessoas que conseguiram fugir de Gwoza engrossem os acampamentos de fugitivos do Boko Haram nos Camarões. Conforme a ONU, 650 mil pessoas deixaram as suas casas nos estados de Borno, Yobe e Adamawa.

Na sequência da declaração do califado, veio a fuga de quase 500 soldados nigerianos, que transpuseram a fronteira devido ao avanço dos radicais.

O território camaronês, no entanto, não pode ser considerado nenhum “porto seguro” para os refugiados. O grupo armado tem investido frequentemente nos Camarões para sequestros e pilhagens. Os principais alvos são líderes locais, estrangeiros e clérigos.

Inclusive uma das ações mais audaciosas, depois do sequestro das quase 300 jovens em Abril, ocorreu no final de Julho. Integrantes da seita raptaram a esposa do vice-Primeiro-Ministro, Ahmadou Ali, em Kolofata, a 45 quilómetros de Gwoza dentro dos Camarões.

Califado e consequências

Os ataques a postos de segurança e vilarejos camaroneses na fronteira não significam uma dor de cabeça somente para Yaoundé, mas também para o Chade. Gwoza fica a apenas 330 km de Ndjamená, a capital chadiana.

A declaração de califado em Gwoza não passa de uma forma de Abubakar Shekau mobilizar os seus homens e apoiantes. Do ponto de vista militar, pode ter algum impacto. Politicamente, no entanto, tal iniciativa não foi apoiada pelos outros muçulmanos nigerianos e acaba por representar muito pouco.

Parece mais uma frágil tentativa de copiar os actos do Estado Islâmico (EI) que vem ocupando mais espaço nos media do que uma ação consequente. O EI também declarou califado numa atitude sem muito efeito a não ser de mobilização dos próprios grupos radicais.

No entanto, creio que a tomada de Gwoza, bem guarnecida e estruturada, pode significar um ponto de concentração de poder militar importante e tornar-se estratégica. Noutras palavras, seria uma ameaça séria às comunidades do norte da Nigéria, à segurança da fronteira dos Camarões e do próprio Chade devido à proximidade com Ndjamená.

Bando armado

O Boko Haram não é um grupo homogêneo e os seus interesses são bastante difusos actualmente. Muitos dos seus guerreiros são mercenários, oriundos do vizinho Níger que se engajaram na esperança de alguns dólares.

Até agosto 2014, foram mais de 2.200 mortes em quase 100 ações. O jornalista alemão Marc Engelhardt, no seu livro “Guerra Santa, Santo Lucro”, escreve que a partir de Agosto de 2011, após o ataque à sede das Nações Unidas em Lagos – quando 25 foram mortos e 85 feridos – o Boko Haram começou a diversificar as suas táticas de

combate.

O grupo obrigou ao deslocamento de dezenas de milhares de cristãos do norte, maioritariamente ocupado por muçulmanos, para o sul. Conforme ONGs da região de Borno, a etnia Igbo tem sido especialmente massacrada e já não acredita na Polícia ou no Exército e refugiou-se noutras áreas do país.

Vale lembrar que os Igbo foram protagonistas da sangrenta “Guerra do Biafra”, que opôs a província ao Governo central no final da década de 1960.

Difícil solução

A declaração de Davis beira o absurdo porque o ex-governador Ali Modu Sheriff é um dos fundadores do movimento, aproveitou-se dele na política, mas, mais tarde, juntou-se às forças armadas para sabotar a seita.

Heirich Bergstresser, por exemplo – um jornalista alemão especialista em temas nigerianos – acredita que, para Sheriff, negociar ou até mesmo patrocinar o grupo diante destes relacionamentos marcados por conflitos seria uma aventura.

Já o General Ihejirika não tem qualquer familiaridade com o norte do país. No entanto, teria contribuído para a mercantilização do exército nigeriano que, por incrível que pareça, impediria que a “guerra contra o terror” seja bem-sucedida.

Afinal a prontidão contra o Boko Haram significa um importante afluxo de recursos para as forças armadas, concentração de atenção e poder.

Recursos do Boko Haram

Há muito tempo o Boko Haram não é somente uma seita. Também tem características de bando armado fora da lei, sem ideologia ou fé.

Roubos, pilhagens e sequestros: é assim que o Boko Haram consegue recursos para a sua campanha de violência. Logo, a neutralização de Sheriff ou Ihejirika – mesmo se a tese de Davis for comprovada – não seria suficiente para acabar com o Boko Haram.

Bergstresser acha que ambos trabalham a um nível completamente diferente e que os principais apoiantes políticos pro-Boko Haram seriam os ex-governadores de províncias do norte da Nigéria depois de Sheriff.

“Estas pessoas deveriam ser chamadas para prestar contas. Colaboram para sedimentar o Boko Haram na estrutura política local”, defendeu Bergstresser em entrevista à DW África.

Um outro factor que fortalece o Boko Haram é a corrupção do sistema de segurança do país. Muitos sectores da sociedade civil nigeriana acreditam que o aparelho de segurança do Estado lucre com contratos de segurança e venda de armas.

Conforme Bergstresser, tais negócios estariam a ser “colocados nos ombros de simples soldados e de civis e este seria o escândalo na Nigéria actualmente.”

Entretanto, não há nada de concreto para provar um eventual “corpo mole” das forças de segurança em relação ao combate ao Boko Haram. Tais declarações podem ser até levianas diante dos massacres do grupo armado. Talvez o mais apropriado seria pensar na falta de capacidade do Estado de controlar a situação.

Próximas ações

No encontro entre líderes africanos e norte-americanos, chamou a atenção o quanto o Presidente Goodluck Jonathan foi evasivo ao falar sobre as meninas desaparecidas. Ficou claro que a crise provocada pelo Boko Haram será minimizada devido às eleições.

O tema não está no topo das prioridades no momento. A ideia é projetar a Nigéria como potência económica emergente e atrair investidores.

No entanto, sem estabilidade interna, dificilmente um país consegue atrair investidores como poderia.

Neste contexto, conforme Agbibo, cresce o medo de que vigilantes juvenis, que se agrupam para protegerem as suas cidades do Boko Haram, acabem por se tornar milícias. Na província de Borno, os integrantes destes grupos já recebem dinheiro e no país são chamados heróis por Goodluck Jonathan.

Canoagem: Canoístas moçambicanos estreiam-se nos “Mundiais” com valentia

Dois canoístas moçambicanos participaram, pela primeira vez, nos Campeonatos Mundiais nas categorias de sub-23 e seniores realizados na Hungria e na Rússia entre os dias 17 e 22 de Julho e de 7 a 10 de Agosto, respectivamente. Na prova realizada na Hungria, Moçambique esteve longe do pódio, ao contrário daquilo que aconteceu no certame disputado na Rússia, em que os nossos canoístas caíram nas meias-finais.

Texto & Foto: Duarte Siteo

Sendo a primeira aparição dos dois canoístas em campeonatos mundiais não se podia esperar grandes resultados. Na prova disputada na Hungria, entre os dias 17 e 22 de Julho, Joaquim Lobo, de 19 anos de idade, terminou a prova na 8ª posição da classificação geral, enquanto Mussá Chamaule ocupou o 12º posto.

Já nos seniores, na prova disputada na Rússia, os nossos canoístas foram eliminados nas meias-finais na classe C1 e C2, o que culminou com a 8ª e 9ª posição na classificação geral.

Os dois atletas pertencem ao Clube Marítimo de Maputo. No que ao ranking africano diz respeito, com esta participação Moçambique alcançou o pódio, terceiro lugar, tabela, até hoje, liderada pela República da África do Sul.

“Conseguimos honrar as cores da bandeira nacional”

Hélio Alberto da Rosa, secretário-geral da Federação Moçambicana de Vela e Canoagem, disse ao @Verdade que nestes “Mundiais” realizados na Hungria e na Rússia, sendo a primeira vez que o combinado nacional participou, era para ganhar experiência, com vista a melhorar alguns aspectos técnicos inerentes à modalidade.

“Foi uma aventura bastante interessante. Competimos com canoístas rodados e mais experientes em relação ao nível dos nossos. No Campeonato Mundial de Canoagem dos sub-23 chegámos em cima da hora e os atletas estavam fadigados, por isso, não alcançámos grandes resultados, ao contrário do que aconteceu na Rússia, onde tivemos duas semanas de preparação no local onde decorreu a prova. Conseguimos participar em três semi-finais, duas individuais (C1) e uma em pares (C2)”.

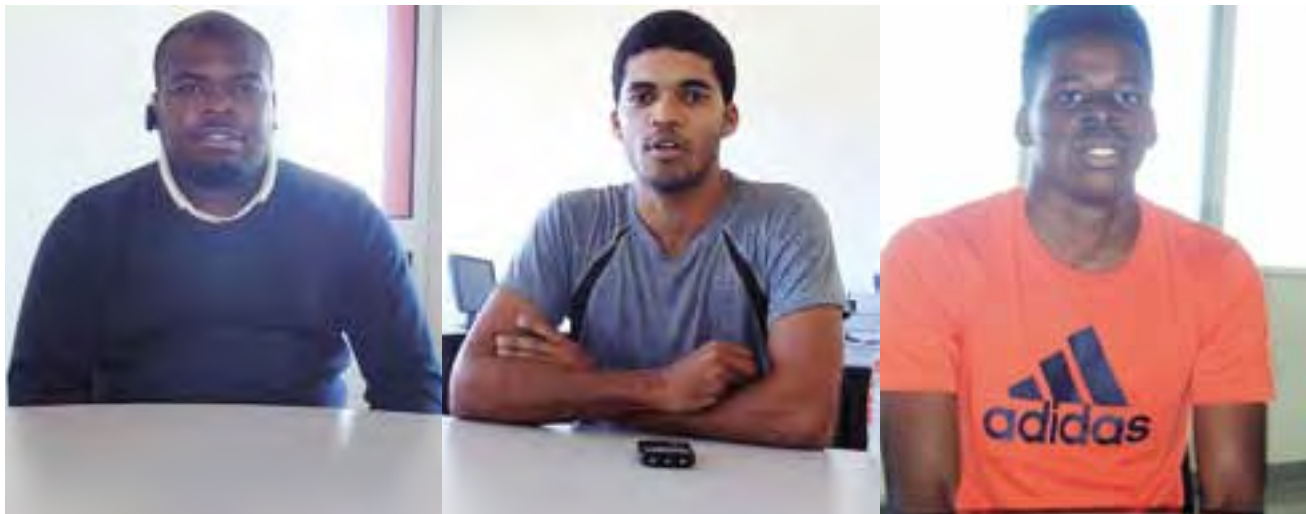
O nosso interlocutor declarou ainda que na Hungria, Joaquim e Mussá não estavam familiarizados com este tipo de provas, daí que a ansiedade tenha tomado conta deles.

“Por se tratar de uma primeira vez, os canoístas estavam praticamente num mundo estranho. Mas souberam estar, até porque contaram com a ajuda dos nossos oponentes em situações com que não estávamos familiarizados”. Afirmou Rosa

Nas duas competições os nossos representantes foram orientados por um técnico brasileiro, que foi indicado pela Confederação Brasileira de Canoagem no âmbito da parceria com a sua congénere de Moçambique.

Chamado a fazer o balanço da participação do combinado nacional, o secretário-geral da Federação Moçambicana de Vela e Canoagem declarou que apesar de não terem trazido medalhas, o balanço é positivo, os atletas conseguiram apurar-se para as meias-finais no Campeonato Mundial de Canoagem de seniores em que participaram atletas mais rotinados em relação a eles.

“Apesar de não terem conquistado medalhas, o balanço é positivo porque conseguimos participar em três semi-finais, mesmo sendo a nossa primeira aparição num Campeonato Mundial. Apesar da juventude os atletas mostraram uma grande maturidade, participar numa



meia-final em que participavam países tradicionais como a Índia, Rússia e Indonésia foi um grande resultado”, disse o secretário-geral da Federação Moçambicana de Vela e Canoagem.

No que diz respeito aos resultados, Alberto da Rosa sossega os moçambicanos para que não se alarmem com as posições ocupadas pelos atletas, pois as mesmas espelham a capacidade que o país tem. “Foi o que podíamos conseguir, fruto do que se oferece aos atletas a nível interno, como, por exemplo, o número de competições, a sua regularidade e as respectivas condições técnicas. Num ‘Mundial’ vão os maiores e temos de estar claros de que fomos para competir com os melhores países do mundo”.

“Daqui em diante temos de trabalhar arduamente para corrigir os erros que cometemos nestes campeonatos mundiais. A nossa perspectiva agora é estar no próximo certame, agendando para o próximo ano, não para obter experiência, mas sim para mostrar o que aprendemos”, avançou Rosa, para a seguir acrescentar que “já conversámos com a direcção do Clube Marítimo de Maputo e da Federação Moçambicana de Vela e Canoagem, assim como com membros do Comité Olímpico de Moçambique sobre as nossas reais necessidades com vista a progredirmos na classificação, tendo eles demonstrado abertura nesse sentido. Exigimos, por exemplo, estágios a nível internacional através da participação em mais regatas, ainda que dentro das nossas capacidades como país”.

Convidado a falar sobre a preparação para estas duas competições, aquele dirigente afirmou que os dois atletas estagiaram durante cerca de dois meses no Brasil com vista a representar condignamente as cores da bandeira nacional e os milhões dos moçambicanos, sendo que em Moçambique os dois canoístas não tinham treinador usavam vídeos da modalidade para treinarem.

“No país não temos condições para prepararmos uma prova mundial e não tínhamos treinador para orientar os atletas. Contámos com a colaboração do Confederação Brasileira de Canoagem que aceitou acolher os nossos atletas durante dois meses para que preparassem estas duas competições. No Brasil foram orientadas por um técnico indicado pela federação local, o mesmo que os acompanhou nos dois Campeonatos Mundiais de Canoagem”. Concluiu.

Canoístas felizes com os resultados

Apesar de terem estagiado durante dois meses em terras brasileiras, os canoístas moçambicanos declararam que não tinham nenhum ritmo competitivo, o que de certa forma contribuiu para a fraca prestação dos mesmos nos nas duas competições em que estiveram envolvidos. Todavia, mostraram-se felizes com a sua prestação.

Mussá Chamaule, de 22 de anos, declarou ao @Verdade que, apesar do estágio no Brasil, não tinham ritmo competitivo para participarem numa prova mundial, mas tudo fizeram para honrar as cores da bandeira nacional.

“Foi uma grande experiência. Era a minha estreia em eventos de género, estávamos ansiosos por entrar na água, mas estes decorreram normalmente. Na primeira prova chegámos tarde e não tivemos tempo para descansar, mas não foi por isso que não trouxemos medalhas. Não tínhamos ritmo competitivo, mesmo assim lutámos com as armas que possuíamos. Infelizmente não conseguimos chegar onde almejávamos chegar”, disse o canoísta.

Apesar das dificuldades, Mussá ocupou a 12ª posição na classificação geral no Campeonato Mundial de Canoagem de sub-23 e participou em duas semi-finais nos Campeonatos Mundiais da modalidade nos seniores, o que, o atleta, é um resultado positivo para um estreante em competições do género e para um país

como o nosso que não tem nenhuma tradição nesta modalidade.

“Na Hungria terminei na 12ª posição da classificação geral e na Rússia participei em duas meias-finais. Sendo a minha primeira aparição em eventos de género, foi positivo, vou trabalhar para chegar ao pódio nas próximas vezes”, disse Mussá.

Por seu turno Joaquim Lobo, campeão africano nas classes C1 nas provas de 200 e 1000 metros, afiança que apesar de não ter trazido nenhuma medalha o balanço é positivo porque serviu para medir o seu nível competitivo a nível internacional, já que era o seu ano de estreia.

“Conseguimos honrar as cores da bandeira nacional. Foi a nossa primeira participação por isso estou feliz com a nossa prestação, apesar de não termos trazido medalhas”.

Relativamente ao que falhou para que combinado nacional não trouxesse medalhas, Joaquim Lobo disse: “Se tivéssemos tido mais tempo de preparação poderíamos lutar pelas medalhas. Em Moçambique não tínhamos treinador e no Brasil encontrámos um técnico que nos ajudou bastante. O tempo da preparação foi muito curto, mas mostrámos que não fomos ao Brasil fazer turismo. Conseguimos participar em três meias-finais, o que é gratificante para um país que participou pela primeira vez num Campeonato Mundial de Canoagem”, declarou Joaquim.

Refira-se que depois destas duas competições as atenções do combinado nacional estarão viradas para os Jogos Africanos que terão lugar na República Democrática do Congo em 2015 e nas classificações para os Jogos Olímpicos de 2016.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt) Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634 BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ facebook: JornalVerdade

FACTO

A verdade em cada palavra.

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.

Desporto

Moçambola: Locomotivas do Chiveve acabam com a invencibilidade dos Muçulmanos

Acabou no domingo (31), a invencibilidade da Liga Muçulmana. Um golo de Sankhanie, aos 83 minutos, sentenciou a primeira derrota do campeão nacional diante do Ferroviário da Beira. Mas o destaque da 19ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol, o Moçambola, vai para o internacional moçambicano “Isac” que com um “pocker” garantiu a goleada do Maxaquene sobre o representante da província da Zambézia.

Texto: Duarte Siteo • Foto: Eliseu Patife

No relvado dos muçulmanos na Matola C, o Ferroviário da Beira foi a equipa que entrou melhor no jogo, diante dos anfitriões que mantêm a tradição de não brilhar na primeira etapa. Nos primeiros instantes, a equipa da dupla Lucas Barrarijo e Vítor Matine tomou as rédeas do jogo. Carlitos e Paíto ganhavam todas as bolas no duelo com Momed Hagi e Liberty, que estavam a leste do jogo.

O Ferroviário da Beira foi a primeira equipa a visitar a baliza contrária, decorria o minuto 3, quando Maninho descai pela esquerda e cruzou para a marca de grande penalidade onde estava Mário que, no meio de dois defesas muçulmanos, cabeceou e a bola passou ao lado da baliza de Milagre.

A equipa de Sérgio Faife não conseguia soltar-se da estratégia dos locomotivas de Chiveve que, jogando com o vento ao seu favor, subiram as suas linhas para não permitirem que os anfitriões saíssem a jogar.

À passagem do minuto 7, depois de uma troca de passes na zona intermediária, Carlitos coloca a bola nos pés de Reinildo, que subiu pela esquerda e cruza para a linha da pequena área onde estava Nelito, mas este, sem marcação, cabeceou e o esférico passou ao lado da baliza de Milagre.

No lance seguinte, Carlitos, do meio da rua, desferiu um portentoso remate que saiu a poucos centímetros da barra transversal da baliza dos muçulmanos. A primeira jogada vistosa da Liga Muçulmana deu-se à passagem do minuto 13. Telinho ganhou a bola no meio-campo, galgou terreno até a linha da grande e desferiu um forte remate para uma defesa segura de Willard.

Aos 22 minutos, Imo, com um passe teleguiado, isola Zico, todavia, o dianteiro muçulmano não teve pontaria para acertar nas redes, tendo rematado, mas o esférico saiu a escasos centímetros do poste direito da baliza de Willard.

A partida estava equilibrada e assistia-se a um duelo na zona intermediária. Um minuto depois da meia hora de jogo, numa falha monumental da defesa central Gildo, Maninho, do meio da rua, rematou para uma excelente intervenção de Milagre. Depois daí as duas equipas não criaram situações dignas de registo. Com o nulo foi-se ao intervalo.

Sankhanie acaba com a invencibilidade dos campeões

Ao contrário daquilo que aconteceu na primeira etapa, os muçulmanos foram a equipa que entrou melhor no jogo e, volvidos dois minutos após o apito do árbitro, o avançado malawiano “Zico” ganha a bola na esquerda, flecte para meio e remata forte mas demasiado por cima da baliza defendida por Willard.

Na resposta dos forasteiros, Maninho, perto da linha da grande área, depois de uma combinação com Nelito, rematou e a bola saiu ao lado da baliza defendida por Milagre. Sérgio Faife não estava feliz com a prestação da sua equipa, tendo retirado Bhéu e no seu lugar colocado Kito para ganhar o duelo no flanco esquerdo.

À passagem do minuto 81, depois de uma excelente combinação com Momed Hagi, Imo, do meio da rua, desferiu um forte remate obrigando Willard a uma defesa a dois tempos.

Voltados três minutos, os locomotivas da Beira chegariam ao golo. Paíto, com um passe magistral, coloca a bola nos pés de Reinildo, que flecte pelo flanco esquerdo e, perto da linha do fundo, cruza para a pequena área onde estava Sankhanie



que, sem marcação, limitou-se, a encostar para o fundo das redes de Milagre.

Na resposta dos muçulmanos, aos 88 minutos, com um passe teleguiado, Momed Hagi isola Telinho, mas este remata ao alcance de Willard. Os forasteiros geriram a vantagem até o final da partida, impondo, assim, a primeira derrota aos campões em título.

Com esta vitória, os locomotivas de Chiveve consolidam a terceira posição com 32 pontos, enquanto os muçulmanos viram a sua vantagem ser reduzida de oito para cinco em relação ao segundo classificado, o Ferroviário de Nampula, que nesta jornada recebeu e venceu o Costa do Sol por uma bola a zero. O golo dos locomotivas da capital da zona norte foi marcado por Eboh à passagem do minuto 45.

Golaço de Geraldo mantém a senda vitoriosa do Desportivo de Maputo

Desde o apito inicial, os alvinegros tomaram as rédeas do jogo diante do Desportivo de Nacala que baixou as suas linhas com o intuito de explorar o contra-ataque. Porém, o domínio do Desportivo de Maputo no primeiro quarto de hora não chegou a incomodar o guarda-redes Romeu.

O primeiro lance digno de registo surgiu à passagem do minuto 19, depois de uma perda de bola por parte de Zé. Lanito, com um passe magistral, colocou a bola nos pés de Jojó que, perto da quina da grande área, cruzou para a marca da grande penalidade onde estava Jair que, sem marcação, rematou fraco para uma defesa segura de Romeu.

Na resposta dos forasteiros, Sunde, do meio da rua, desferiu um portentoso remate e a bola saiu a poucos centímetros da barra transversal da baliza de Wilson. Os alvi-negros chegariam ao golo no primeiro dos dois minutos de compensação dados pelo árbitro. Jair, com um passe magistral, isola Jojó e este rematou sem hipóteses de defesa para o guarda-redes nacalense. Com este resultado as duas equipas foram ao intervalo.

No reatamento, a formação comandada por Akil Marcelino precisava de se esmerar para dar a volta à desvantagem e subiu as suas linhas procurando pressionar o seu adversário no seu sector mais recuado e, à passagem do minuto 54, Sunde avançou pela esquerda e cruzou para a entrada da grande área onde estava Zé que rematou, mas o esférico saiu ao lado da baliza de Wilson.

Quadro de resultados				
Desp. Maputo	2	x	1	Desp. Nacala
Têxtil	1	x	2	C. Chibuto
Maxaquene	4	x	0	Fer. Quelimane
E. Vermelha	0	x	0	Fer. Maputo
Fer. Nampula	1	x	0	Costa do Sol
HC B	1	x	1	Fer. Pemba
L. Muçulmana	0	x	1	Fer. Beira

Próxima jornada (20ª)		
C. Chibuto	x	Fer. Pemba
Fer. Maputo	x	Têxtil
Costa do Sol	x	E. Vermelha
Desp. Nacala	x	Fer. Nampula
Fer. Quelimane	x	Desp. Maputo
L. Muçulmana	x	HC B
Fer. Beira	x	Maxaquene

Pos	EQUIPA	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
01	L. Muçulmana	19	11	6	1	30	10	20	42
02	Fer. Nampula	19	11	4	4	18	9	9	37
03	Fer. Beira	19	9	5	5	21	13	8	32
04	Maxaquene	19	8	5	6	20	13	7	29
05	Desp. Maputo	19	8	5	6	27	22	5	29
06	HC B	19	8	4	7	22	19	3	28
07	C. Chibuto	19	7	6	6	23	18	5	27
08	Costa do Sol	19	7	4	7	20	18	2	25
09	Desp. Nacala	19	6	5	8	14	22	-8	23
10	Fer. Quelimane	19	6	4	9	15	28	-13	22
11	Fer. Maputo	19	4	7	8	15	20	-5	18
12	Têxtil	19	4	5	10	8	21	-13	17
13	Fer. Pemba	19	4	5	8	13	23	-10	17
14	E. Vermelha	19	3	8	7	8	18	-10	17

Apercebendo-se do atrevimento do seu rival, Antero Cambaco fez uma substituição, retirando Jair e no seu lugar entrou Geraldo. A equipa passou a jogar num clássico 4-4-2.

Porém, no minuto 64, o Desportivo de Nacala chegaria ao empate. Dáudo, com um passe milimétrico, isola Carvalho que aproveita a apatia da defensiva para violar as redes do desamparado Wilson.

Com o empate, o conjunto de Nacala ficou mais galvanizado e, à passagem do minuto 77, o Desportivo de Maputo ficou reduzido a 10 unidades depois da expulsão de Cremildo, por acumulação de amarelos.

Os forasteiros continuavam a sua avalanche ofensiva, mas seriam os anfitriões a chegarem ao golo aos 87 minutos. Geraldo ganhou a bola na zona do meio-campo, passou por dois adversários e desferiu um portentoso remate que só foi cair no fundo das redes de Romeu, diga-se, foi uma obra de arte do médio alvi-negro que garantiu a segunda vitória consecutiva da formação de Antero Cambaco. No mesmo dia (sábado), o Clube de Chibuto derrotou o Têxtil de Púnguê pela mesma marca.

“Pocker” de Isac na goleada do Maxaquene

Ainda no domingo (31), o Maxaquene goleou a equipa do Ferroviário de Quelimane por 4 a 0. Os golos da formação orientada por Chiquinho Conde foram da autoria de Isac, um na etapa inicial e os restantes na segunda parte.

O avançado tricolor igualou o feito de Jerry que, em 2009, representado o Ferroviário de Maputo, fez um pocker. Mas o recordista continua a ser Chana que, em 2011, ao serviço dos locomotivas de Nampula, apontou cinco golos numa só partida.

Por seu turno, o Estrela Vermelha da Beira e o Ferroviário de Maputo não foram para além de um empate sem abertura de contagem, enquanto na partida entre o HCB de Songo e Ferroviário da Pemba registou-se um empate a uma bola. Resultados que colocam a equipa de Victor Pontes na 11ª posição com 18 pontos, acima das três da zona de despromoção.

Melhores marcadores	Golos
ISAC (Maxaquene)	10
MÁRIO (Fer. Beira)	8
COSME (Fer. Quelimane), e JAIR e JOJÓ (Des. Maputo)	7
LIBERTY (Liga Muçulmana)	6
DÁRIO KHAN (Costa do Sol) e DONDO (Fer. Nampula)	5

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt) Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634 BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ facebook: JornalVerdade



A verdade em cada palavra.



Desporto

Liga Feminina: União Desportiva de Lichinga e Clube da Matola triunfam na estreia

Começou a disputa da Liga Nacional de Futebol Feminino. Na jornada inaugural, a União Desportiva de Lichinga derrotou no domingo (31) a formação da Associação ABC de Quelimane por uma bola a zero, enquanto o Clube da Matola venceu a Academia Militar de Nampula pelo mesmo resultado. Seis golos, três para cada lado, foram marcados no embate entre o Costa do Sol e o Benfica de Laulane.

Na partida que deu o pontapé de saída da primeira Liga Nacional de Futebol Feminino no país, a União Desportiva de Lichinga recebeu e venceu o conjunto da Associação ABC de Quelimane pela margem mínima.

Para a mesma ronda, o Clube da Matola derrotou, no pelado da Texlom, a formação da Academia Militar de Nampula pelo mesmo resultado.

Costa do Sol e Benfica de Laulane anulam-se

No jogo mais aguardado da primeira jornada da Liga Nacional de Futebol Feminino, as formações do Costa do Sol e do Benfica de Laulane deram um belo espectáculo de futebol com direito a meia dúzia de golos, e 3 a 3 foi o resultado final.

As canarinhas foram ao intervalo a vencer por dois golos de diferença, ou seja, 3 a 1, mas na etapa completar as meninas de Laulane entraram

transfiguradas, empatando a partida a escassos minutos do tempo regulamentar. Os golos do Costa do Sol foram apontados por Júlia (2) e Atália, enquanto Janete, Tikalic e Sónia marcaram para o Benfica de Laulane.

Ainda na jornada inaugural, o Clube Desportivo de Coco Ricóo venceu o Desportivo de Maulé por 2 a 1.

Concluída a primeira jornada, as formações da União Desportiva de Lichinga, Clube da Matola e Clube Desportivo de Coco Ricóo lideram a prova, todas com três pontos, enquanto as equipas da Academia Militar de Nampula e a Associação ABC de Quelimane ocupam as últimas posições sem nenhum ponto.

De lembrar que a Liga Nacional será disputado em duas voltas no clássico sistema de “todos contra todos”.

Quadro de resultados da 1ª jornada				
B. Laulane	3	-	3	Costa do Sol
C. Matola	1	-	0	A. M. Nampula
U. . Lichinga	1	-	0	A. ABC Quelimane
C. D. Coco Ricóo	2	-	1	Desp. Maulé

Texto: Redacção

Ténis: Selecção de Moçambique prepara-se para os play-off da Taça Davis

Já são conhecidos os cinco tenistas que fazem parte da selecção nacional de Moçambique que pela primeira vez vai participar numa prova do circuito internacional de ténis, a Taça Davis. Entre os dias 6 e 14 de Setembro, o combinado moçambicano vai competir no grupo III do play-off africano que se disputa na capital egípcia, Cairo.

“Uma selecção nacional é composta pelos melhores jogadores que um país tem, e nós não fugimos à regra. Convocámos os melhores tenistas que Moçambique tem no presente” afirmou Jonas Alberto, o seleccionador nacional, que escolheu para representar as cores da bandeira nacional Ataíde Suca, Franco Mata, Feliciano dos Santos, Josefa Simão e ele próprio.

Moçambique, que se prepara nos Courts de Jardim Tunduro, em Maputo, ainda não conhece os seus adversários que só serão revelados depois do sorteio do dia 6 de Setembro.

A Taça Davis é o evento mais importante do circuito de ténis masculino envolvendo selecções, e é cancelado pela Federação Internacional de Ténis (ITF).

Após esta participação, o nosso país deverá, pela primeira vez, entrar para o ranking mundial de ténis ATP.

Texto: Redacção

Arranca Taça Maputo em Andebol com três faltas de comparência

O Campeonato de Andebol da Cidade de Maputo observou uma paragem no passado fim-de-semana para dar lugar aos jogos da primeira jornada da Taça Maputo da modalidade, em seniores masculinos assim como em femininos, que ficou manchada por três faltas de comparência.

No grupo A, em masculinos, a Escola Sansão Muthemba perdeu perante o Clube de Boane, por 25 a 28, enquanto a formação da Matola beneficiou da falta de comparência do Maxaquene.

Ainda em masculinos, a contar para o grupo B, a equipa da Malhangalene cilindrou o Costa do Sol, por 36 a 26. A outra partida do grupo não se realizou devido à ausência injustificada da equipa das Mahotas que deveria defrontar a de Mavalane.

Na próxima ronda do grupo A, o Clube de Boane defronta o clube da Matola enquanto o Maxaquene deverá enfrentar a Escola Sansão Muthemba. Para o grupo B estão agendadas as partidas que irão opor a turma da Malhangalene à de Mavalane e o Costa do Sol defrontará as Mahotas.

Em femininos, dos dois jogos agendados realizou-se o que envolveu o Matchedje e o Maxaquene, tendo saído vencedora a primeira equipa por 22 a 20. As do VDB Sport e da Faculdade de Educação Física não compareceram para protagonizar o outro encontro da Taça Maputo.

Federação de Atletismo “maltrata” atletas em Moatize

Os atletas que compunham diversas delegações provinciais foram maltratados na vila municipal de Moatize, província de Tete, aquando da realização do Campeonato Nacional de Atletismo, evento que teve lugar entre os dias 18 e 23 de Agosto findo. Alimentação deficitária, insuficiência de água potável e péssimas condições de alojamento foram algumas das situações a que os desportistas foram sujeitos pela Federação Moçambicana de Atletismo (FMA).

Texto: Redacção Nampula

As delegações provinciais que participaram no Campeonato Nacional de Atletismo enfrentaram enormes dificuldades durante a realização da prova. A falta de condições mínimas de alojamento e alimentação condigna constituíram as principais situações que marcaram pela negativa a competição.

No caso da delegação de Nampula, composta por 16 pessoas, 13 membros dos dois clubes campeões da fase provincial, nomeadamente a Universidade Lúrio (Unilúrio) e o Ferroviário de Nampula, quase metade dos atletas não dispunha de material desportivo.

Os desportistas da Unilúrio foram os que tiveram inúmeros problemas, pois tinham de usar as suas próprias sapatilhas. A falta de incentivos, sobretudo ajudas de custo, foi apontada como uma das maiores preocupação e a principal causa dos maus resultados.

Pista inadequada

O campo 25 de Junho do município de Moatize foi durante, aproximadamente, uma semana, palco da maior prova do atletismo do país. O mesmo, segundo soube o @Verdade, não possuía condições necessárias para o acolhimento de evento desportivo daquela dimensão.

A pista não está argamassada, algo que contribuiu para a produção de muita poeira durante a competição. Esta situação teve implicações negativas nos atletas. Informações em nosso poder indicam que, durante os dias de realização da prova, um número significativo de atletas contraiu do-

enças respiratórias, com destaque para constipações.

Os maus-tratos começam em Nampula

Antes da prova máxima de atletismo no município de Moatize, em Nampula, tudo indicava que o certame seria um fiasco, uma vez que, até à última semana, os atletas desconheciam as reais datas da partida e as condições para o efeito, devido à desorganização por parte da Associação Provincial de Atletismo de Nampula (APAN).

Aquela agremiação é apontada como culpada pela situação que os “nampulenses” viveram em Moatize. O órgão máximo de atletismo na província de Nampula teria realizado uma sessão de despedida da delegação provincial num ambiente de segretismo.

A APAN decidiu levar os atletas à Direcção Provincial da Juventude e Desportos (DPJD) para uma sessão de despedida à porta fechada. Sem a presença de pais e encarregados de educação, a cerimónia também foi vedada ao nosso jornal, que pretendia cobrir o evento.

Facto curioso é que nem os funcionários daquela instituição sabiam da cerimónia. “Não tenho informações a respeito, e você sabe desse encontro?”, questionou um agente da secretaria ao seu colega, tendo este afirmado que teria apenas visto um grupo de pessoas na sala de reuniões sem no entanto saber do que se tratava.

O @Verdade deparou com o presidente da Associação Provincial de Atletismo de Nampula, António Muquina, a escassos metros da sala que acolhia o evento, tendo decidido abordá-lo. Questionámos ao dirigente se a sessão de despedida havia começado, ao que nos respondeu, com arrogância: “Quem foi que te convidou? Nós não chamamos a Imprensa”.

A verdade dos intervenientes

Os representantes do Clube Ferroviário de Nampula avaliaram de forma positiva o decurso do Campeonato Nacional de Atletismo, não obstante os vários problemas por que passaram relacionados com a falta de

alimentação e as péssimas condições da pista de atletismo.

A nota positiva é atribuída pelo facto de os “locomotivas” da chamada capital do norte terem obtido oito medalhas (ouro, prata e bronze) nos três escalões que a prova comportava.

“Na verdade, a nossa meta era trazer o maior número de medalhas, mas estamos satisfeitos com o que conquistámos porque isso resulta de muito esforço empreendido na pista”, disse Chinai Cebola, treinador do Ferroviário de Nampula.

A Universidade Lúrio também faz uma avaliação positiva do desenrolar da prova. Segundo Sebastião Pedro, treinador da equipa dos universitários, a sua colectividade conquistou um total de nove medalhas nos escalões de juvenis, juniores e seniores, apenas em femininos.

“Em masculinos, não obtivemos nenhuma medalha devido a problemas de saúde dos nossos atletas, originados pela mudança de temperatura e associados à poluição do ar”, disse o responsável da Unilúrio.

APAN confortada com os resultados

Na hora de fazer o balanço, a Associação Provincial de Atletismo de Nampula (APAN) considerou que a província de Nampula teve o melhor desempenho.

António Muquina, presidente da APAN, disse que os resultados encham de alegria e orgulho a província de Nampula. “Na totalidade, tivemos 17 medalhas, e isso é muito. Estão de parabéns os nossos atletas”, disse.

Aquele dirigente provincial reconheceu os problemas apresentados pelos atletas, nomeadamente a má qualidade de alimentação, e a precariedade do alojamento e da pista de atletismo. “Na verdade, houve algumas situações que contribuíram, negativamente, para o desempenho de alguns atletas, da nossa delegação e não só, mas depois tudo foi solucionado”, afirmou.

O chefe da delegação de Nampula na prova culpa os respectivos clubes dificuldades por que passaram os atletas, uma vez que a FMA tinha como responsabilidade garantir apenas alimentação e locais da realização das provas.

Desporto

“Mundial” de basquetebol: Quem fará cócegas aos EUA?

Desde o passado sábado (30) até ao dia 14 de Setembro, 20 seleções discutem o título mundial de basquetebol em seniores masculinos em seis cidades espanholas. Na última edição, em 2010, os EUA ganharam por 81-64 à anfitriã Turquia.

Texto: jornal Ionline • Foto: LUSA

Os Estados Unidos têm todas as condições para serem imparáveis no basquetebol. A NBA é a melhor liga do mundo; a modalidade é praticada por milhões de adolescentes e não há limites para o recrutamento. Mesmo que as ausências sejam muitas, por lesão ou simplesmente por opção, continua a haver jogadores suficientes para fazer três ou quatro equipas que lutem pelo título mundial.

O que parece ser incontestável na teoria está longe de vir a ser comprovado na prática. Sim, os Estados Unidos são os campeões em título · bateram a Turquia por 81-64 há quatro anos · mas essa foi uma edição em que o objectivo foi claramente mostrar ao mundo quem é melhor. E porque houve essa necessidade? Porque o favoritismo estava guardado numa gaveta com pó depois do terceiro lugar em 1998, quartos-de-final em 2002 (a jogar em casa) e novamente um terceiro lugar em 2006.

A geração do Espanha-2014 tem menos peso em cima dos ombros. Na Turquia, Mike Krzyzewski montou uma equipa à volta de Kevin Durant, com espaço para várias outras estrelas que estavam a dar os primeiros passos · Derrick Rose, Russell

Moto GP: Márquez responde com vitória em Silverstone

O Hertz Grande Prémio de Inglaterra foi palco de grande batalha entre Marc Márquez e Jorge Lorenzo, com o campeão do mundo a regressar aos triunfos enquanto Valentino Rossi se juntou aos dois espanhóis no mais baixo do pódio.



Texto: Redacção/Agências • Foto: LUSA

Lorenzo tomou a iniciativa e saltou para a liderança da prova desde o início, mas Márquez não descolou e levou a luta pelo triunfo ao rival da Movistar Yamaha MotoGP. Márquez teve ritmo para apanhar Lorenzo, mas cometeu dois pequenos erros que deram ao homem da Yamaha a possibilidade de recuperar a liderança por duas vezes.

A dupla digladiou-se até à última volta, chegando mesmo a tocar-se a dada altura, mas no final a vitória foi para Márquez (Repsol Honda) com 0,732s de vantagem sobre Lorenzo. O resultado vê Márquez tornar-se no primeiro piloto desde Valentino Rossi em 2005 a vencer 11 corridas numa só época de MotoGP, além de ter representado o regresso do líder da geral aos triunfos após o quarto posto de Brno.

Os nove vezes campeão do mundo Rossi (Movistar Yamaha MotoGP) foi perseguido de perto por Dani Pedrosa (Repsol Honda Team) e Andrea Dovizioso (Ducati Team) no que foi também uma grande luta pelo terceiro posto.

Rossi terminou no pódio, mas com Pedrosa a 0,175s e Dovizioso a 0,544s de distância. “The Doctor” estabeleceu um novo recorde de 246 partidas na categoria rainha dos Grandes Prémios.



Westbrook e Kevin Love (todos com 21 anos). Agora, a equipa é mais experiente e só há um jogador com 21 anos: Anthony Davis, dos New Orleans Pelicans. Derrick Rose é o único repetente daquele núcleo de juventude, mas o seleccionador não tem razões de queixa, com as chamadas de Stephen Curry, Kyrie Irving e James Harden. O benjamim do grupo é o poste Andre Drummond (20 anos).

Os objectivos dos Estados Unidos poderão não passar apenas por um simples campeonato. Se conquistarem o título, será o quinto na história, igualando assim a Jugoslávia, com vitórias em 1970, 1978, 1990, 1998 e 2002. Enquadrada no grupo C com Turquia, República Dominicana, Finlândia, Nova Zelândia e Ucrânia, a selecção norte-americana não terá testes de fogo até chegar à segunda fase. Ai, se tudo correr de forma natural, a vitória no grupo que será disputado em Bilbao permitirá aos Estados Unidos evitar a Espanha até à final. O cenário é bom para os norte-americanos mas até acaba por agradar mais aos espanhóis que sonham com a conquista de um título que já foi seu em 2006.

A Espanha, a jogar em Granada na primeira fase, tem um grupo complicado. A geração espanhola campeã está a perder o fôlego (Pau Gasol e Juan Carlos Navarro têm 34 anos, José Calderón 32), mas há novas unidades que ajudam a manter o equilíbrio e a qualidade: é aqui que entram Ricky Rubio (23) e o naturalizado Serge Ibaka (24), para não falar de Marc Gasol (29).

Moto2: Soberba vitória de Rabat em Silverstone

A corrida de Moto2 no Hertz Grande Prémio de Inglaterra viu Tito Rabat (Marc VDS Racing Team) ganhar na última volta, com o colega de equipa Mika Kallio e Maverick Viñales (Paginas Amarillas HP 40) a completarem o pódio.

O líder da classificação Rabat levou a cabo uma brilhante corrida desde o quarto posto da grelha, mantendo-se com o grupo da frente e ultrapassando o então líder Kallio nos momentos finais voltando a somar o máximo de pontos.

Kallio fez tudo o que pôde para manter o colega de equipa espanhol atrás de si, mas acabou por ser batido por apenas 0,063s, enquanto Viñales (Paginas Amarillas HP 40) voltou a mostrar todo o seu talento ao terminar em terceiro e apenas a 0,14s de Rabat.

O homem da pole, Johann Zarco (AirAsia Caterham Moto Racing) foi quarto, a 2,571s do vencedor, enquanto Thomas Lüthi (Interwetten Paddock Moto2) e Franco Morbidelli (Italtrans Racing Team) somaram bons pontos ao terminarem em quinto e sexto, respectivamente.

Moto3: Rins triunfa em emocionante batalha da categoria mais baixa

A corrida da Moto3 no Hertz Grande Prémio de Inglaterra foi ganha por Alex Rins na última curva, com Alex Márquez e Enea Bastianini a completarem o pódio e Miguel Oliveira a terminar em quarto.

O homem da pole, Rins (Estrella Galicia 0,0), foi levado aos limites pelo colega de equipa Márquez, por Bastianini e também por Miguel Oliveira, todos eles a passarem pela liderança da prova. A margem entre Rins e Márquez acabou por ser de apenas 0,011s, com (Junior Team Go&FUN Moto3) a apenas 0,061s de Márquez.

Enquanto isso, Oliveira (Mahindra Racing) falhou o pódio por muito pouco. O português, que se mostrou muito forte, acabou por terminar a apenas 0,051s do terceiro lugar.

A mais quatro segundos e meio ficou Jakub Kornfeil (Calvo Team), que levou de vencida a luta pelo quinto posto, enquanto o líder da geral, Jack Miller (Red Bull KTM Ajo), ficou em sexto, a um décimo de segundo.

O objectivo será sempre chegar o mais longe possível, mas o sorteio foi tudo menos favorável. Evitar os Estados Unidos até à final é sempre importante para uma candidata no “Mundial” mas chegar lá poderá ser ainda mais complicado. Se a passagem à segunda fase não estará em causa, o cruzamento com o grupo B (Sevilha) traz mais ameaças com a Grécia, Croácia e Argentina.

A Argentina conta com um título olímpico no currículo mas não tem a mesma profundidade de plantel dos Estados Unidos ou a existência de sangue novo como da Espanha. Manu Ginobili é a grande referência do país sul-americano mas o base dos San Antonio Spurs não vai estar presente, por imposição da equipa texana, devido ao plano de recuperação a uma fractura de stress. O peso para Luis Scola será maior, embora haja mais jogadores com experiência de NBA, como Pablo Prigioni, Walter Herrmann e Andrés Nocioni.

Fica a faltar o grupo D, disputado nas ilhas (Las Palmas). Eslovénia, Lituânia e Angola deverão lutar pelos primeiros lugares com um objectivo claro de defrontar os EUA o mais tarde possível. O título mundial é um objectivo mais distante mas as surpresas podem acontecer. Em Madrid, a 14 de Setembro, as dúvidas ficarão dissipadas.

Liga Portuguesa: Benfica e Sporting empatam no primeiro dérbi da época

O Benfica e o Sporting empataram no passado domingo 1-1, no primeiro clássico da temporada, na terceira jornada da I Liga portuguesa de futebol. Os anfitriões marcaram primeiro no dérbi lisboeta, do Estádio da Luz, com um golo do argentino Nico Gaitán, aos 11 minutos, mas o argelino Islam Slimani, aproveitando um erro do guarda-redes Artur deu o empate ao Sporting, aos 19 minutos.

Texto: Redacção/Agências

A equipa de Jorge Jesus, de novo com Enzo Pérez e com André Almeida no lugar de Ruben Amorim, lesionado, acabou por ter algum ascendente no “filme” da partida, principalmente durante a segunda parte, num período em que o Sporting parece ter quebrado fisicamente. Nesse período, os “encarnados” usufruíram uma mão cheia de oportunidades para retomar a vantagem no marcador, mas Rui Patrício e a falta de pontaria de Salvio acabaram por impedir tal feito.

Por seu lado, o Sporting fez um jogo acertado no Estádio da Luz, sobretudo a meio-campo, com William Carvalho e Adrien a ganharem claramente a luta aos adversários “encarnados”.

No regresso dos balneários, o dérbi só ganhou mais energia aos 63 minutos, quando Salvio já dentro da área atirou à figura de Rui Patrício. O lance do argentino acabou por dar início a uma fase avassaladora do Benfica.

Com o Sporting sem conseguir sair do seu meio campo, principalmente devido ao cansaço de William Carvalho e Adrien, o Benfica lançou um ataque cerrado as redes “leoninas”, mas sucesso.

André Almeida, na sequência de um canto, obrigou Rui Patrício a grande defesa e logo de seguida, novamente Salvio, que desta vez atirou às malhas laterais, quando o guarda-redes internacional português já estava batido.

O jogo acabou por regressar à toada morna do início da segunda parte e, quando nada fazia prever, Nani assistiu Slimani com um excelente passe e o argelino surgiu solto na área a atirar com força, mas Artur impediu aquele que seria provavelmente o golo da vitória do Sporting.

O Benfica perdeu os primeiros pontos e é agora o quarto classificado, com sete pontos, menos dois do que FC Porto e Vitória de Guimarães, enquanto o Sporting, que já leva dois empates, soma cinco pontos e segue na oitava posição.



Afinal, vale a pena ser moçambicano?

Texto: Inocêncio Albino Foto: Mwany

A correria do dia-a-dia, no espaço social em que se habita, distrai-nos em relação à importância da nossa terra-mãe, o lugar onde somos originários, para o nosso (pleno) bem-estar. Pouco analisado, esse quotidiano, e todos os seus adjectivos, cria uma grande lacuna no nosso sentido de pertença a uma nação. Entretanto, se existe algo de particular em Mwany é que essa curta-metragem desperta no espectador o sentido de que ele pertence a um lugar e que – por tudo o que ele aglutina e que não se encontra em nenhum outro – vale a pena fazer parte da referida terra.

Talvez, a constatação a que qualquer espectador devia chegar – depois de ver o filme Mwany, do realizador brasileiro Nivaldo Vasconcelos, sobre a mulher africana representada pela moçambicana Sónia André e a sua filha Thandy da Conceição – devia ser uma resposta afirmativa à pergunta que constitui o título da nossa matéria. Para nós, “apesar de tudo” – e quem é desta terra sabe o significado da expressão entre aspas – há que se reiterar que vale a pena ser moçambicano.

O filme Mwany é, como se sabe, realizado por um cidadão brasileiro que diante de uma cidadã africana muito simples, Sónia André, quis descobrir os mistérios que tal simplicidade aglutina(va) ou escuda(va). Estamos conscientes de que, apesar de a sua obra merecer uma crítica favorável – na medida em que Nivaldo foi perspicaz na construção do guião ou da narrativa vivida pela actriz – há muito mais que se aprender sobre Moçambique, em geral, e acerca da tribo machopi, de que Sónia é originária, no específico.

Diante do filme, constatámos que depois de Nivaldo ter percebido na utilização do mussiro (a loção natural com que as africanas tratam o seu rosto) algo exótico, o que lhe chamou à atenção, muitos outros signos dessa cultura – a língua, a capulana, a comida, a música, a timbila, por exemplo – aglutinaram-se ao primeiro a fim de, paulatinamente, se darem os rudimentos da cultura africana. Se para nós, perante a sua obra, todos estes elementos constituem o factor do reconhecimento da nossa identidade no filme, como é que o realizador os recebeu e como é que convive com os mesmos?

“Os símbolos da cultura moçambicana chegaram-me de uma maneira muito visceral, profunda e impressionante de tal sorte que optei por não fazer nenhum tipo de pesquisa sobre o vosso país. A razão é simples: ‘Eu queria conhecer o Moçambique que a Sónia me trazia’”, começa por dizer Nivaldo Vasconcelos confessando que “tudo – a capulana, a timbila, a Sónia, a cor, a história – para mim era sedutor, ao mesmo tempo que encontrava tudo o que ela estava a falar em mim, porque na minha terra há pandeiro, tambor, sanfona, pifano, entre outros signos, além do facto de a minha mãe e a minha avó fazerem comidas que me lembram as minhas raízes. Isto significa que embora no Brasil também há Mwany”.

É neste sentido que, diz Nivaldo, “a Sónia fez-me perceber que, de alguma maneira, independentemente de onde alguém se encontrar, todas as pessoas possuem a sua Mwany – que é um conjunto de artefactos que revelam quem a pessoa é e de onde vem. E isso é universal. Então, por mais que o filme trate somente de Moçambique que, coincidentemente, é o país da Sónia André, também fala sobre como as pessoas podem preservar a sua cultura”. Em resultado disso, Nivaldo Vasconcelos garante que “nunca vou esquecer uma série de coisas que a Sónia me disse. Conhecer-lhe, realizar o filme, vivenciar os factos ocorridos antes e depois da criação da obra e a possibilidade de estar em Moçambique são experiências muito emocionantes”.

Mwany

Embora a palavra seja bantu, o facto de Moçambique ser um país multiétnico, multilinguístico e multicultural faz com que muitos dos nossos concidadãos não saibam o significado do termo Mwany. Diríamos que, geograficamente, este termo é aplicado em toda a província de Inhambane e alguma parte do norte de Gaza com o sentido de terra, em cicopi e bitonga, as línguas nativas.

No entanto, Sónia André explica que “o Mwany a que me refiro não tem nada a ver com o lar – o que todas as pessoas têm. É aí onde se encontra o segredo para alguém se manter vivo, como pessoa, e ter o sentido de pertencer a um lugar. Mwany é terra no seu sentido amplo – antropológico e sociológico. A minha Mwany tem comida, brincadeiras e malandrices. Há coisas que, existindo na minha terra, não poderão ser encontradas em nenhum outro lugar”.

A actriz, que é pedagoga musical e estudiosa de artes, confere um sentido sublime ao termo, perpassando assim uma representação exclusiva de uma moradia que “só se pode tornar Mwany se aglutinar em si um significado antropológico, da transcendência e da ligação com a ancestralidade”.

Não é obra do acaso que, no filme, a actriz declara que “sou Sónia da árvore genealógica dos Nhamahangwe, mas, por diversas razões, cresci na família Nhakuwongue. Ou seja, essa Sónia sabe que a sua árvore genealógica é dos Nhamahangwe, mas foi criada no seio dos Nhakuwongue. Ambas estas tribos têm rituais muito peculiares”. Levando a sua opinião ao extremo, a fim de explicar o sentido de pertença a um lugar, Sónia André considera que “ainda que seja de palha, a minha casa tem o valor de um palácio. E só irei dar esse valor se eu souber o seu verdadeiro significado”.

O realizador corrobora com a opinião da actriz e, argumentando sobre a selecção do referido termo para constituir o título da obra, afirma que “de tudo o que ela me falou, o mais marcante foi a palavra Mwany, porque significa pertencer a algum lugar e a tudo o que o mesmo possui. Não se trata de um simples pedaço de chão, mas é o cheiro, a comida, a mãe, o pai, as memórias, entre outros signos”. Nesse sentido, “este filme é sobre o grande tema da identidade, a possibilidade de pertencer a um lugar que é ‘levado’ consigo para qualquer outro espaço para o qual a pessoa se desloca”.

O motivo da criação

Nivaldo Vasconcelos explica que queria falar sobre a vida da africana Sónia André. Porquê? “A resposta está no título. Como alguém consegue sair de Moçambique para outro país e continuar a ser, sob o ponto de vista cultural, a mesma pessoa?”

Diz o realizador que os moçambicanos que vivem neste país não percebem até que ponto é desafiador não permitir que a sua cultura se corrompa no estrangeiro, por uma simples razão: “Eles vêem os macuas, as capulanas e tudo o que a actriz declara no filme. Mas no Brasil, tudo isso está muito distante. Enquanto, aqui, eu vejo a capulana constantemente, no meu país é muito difícil vê-la. Estou muito admirado com tudo isso, porque os moçambicanos são um povo muito lindo”.

De acordo com Nivaldo Vasconcelos, certo crítico de cinema elaborou um texto em que afirma ter ouvido um comentário em que se perguntava porque alguémalaria sobre Sónia André, sendo ela uma pessoa comum e sem feitos excepcionais. O referido analista explicou que é nas coisas menos extraordinárias que se escondem realidades mais extraordinárias.

Parafraseando esse comentário, “eu acho que a Sónia tinha algo muito extraordinário – ser alguém que se mantinha fiel à sua cultura. E ela foi extremamente generosa em dividir isso connosco. É uma mulher muito forte que cria a sua filha sozinha, porque, como sabemos, no mundo, a mulher continua submissa ao homem passando por situações sociais difíceis”.

Além do mais, Sónia André é uma estrangeira que vive no Brasil há sete anos, para onde levou a sua cultura. “A preservação de uma identidade é algo muito primoroso e dá muito orgulho ver, muito em particular porque eu sou originário de um país muito grande que é quase um continente, com várias identidades”, diz Nivaldo.

Embora Moçambique possua uma riqueza cultural fortíssima, como acontece no Brasil, “as pessoas vão perdendo essa ancestralidade, essa ligação com a casa e a sua cultura. Em sentido contrário, a Sónia, que vem do outro país, não se mimetizou com os brasileiros. Disse para si mesma que ‘eu sou moçambicana e aplico o mussiro no rosto. Se alguém me perguntar se me queimei, eu vou explicar-lhe o que aconteceu’”.

Uma mulher que vive a realidade

A experiência do filme é profundamente original de tal sorte que, mesmo quem não conhece Sónia André, fica com a impressão de que teve uma experiência real com ela. É que, e como se espera de um documentário, a actriz vive, de forma intensa, as peripécias da obra.

“Eu não trouxe nada no filme, vivo o que se filmou. O director Nivaldo Vasconcelos encontrou-me no supermercado com mussiro na face e, espantado, pensou que eu havia queimado o rosto. Essa é a minha cultura. Nós limpamos a cara aplicando mussiro e os homens apreciam-nos. Acham-nos lindas porque cuidamos de nós não do ponto de vista da química que o Ocidente nos quer impor e inculcar”, diz.

Independentemente de onde ela se encontra, Sónia André vive a sua realidade: com a capulana, carrega a criança no colo, dirigindo-se ao supermercado ou a qualquer outro lugar.

Por exemplo, “eu fazia-me transportar pelo ônibus com a minha filha nas costas, um cesto de fraldas e um violão – que é um instrumento didáctico – para a faculdade, usando a capulana”. E essa experiência, puramente africana, é muito impressionante no Brasil, sobretudo, para os brasileiros porque traduz alguma diferença cultural profunda.

O quotidiano de Sónia André é, na verdade, uma experiência de luta pela sobrevivência, porque – apesar de as pessoas se terem acostumado a essa vivência com o curso do tempo – não é normal que uma estudante vá à escola com uma criança recém-nascida.

No entanto, na faculdade, “eu tirava o meu mucume e a minha capulana – o que significa que não precisava de comprar lençol – para estendê-la no chão a fim de que a minha filha dormisse. Em casa faço xima e xiguinha para me alimentar. Vivo! E nunca quis que as pessoas que me vêm pensassem que estivesse a representar algo. Eu vivo a minha realidade”.

Enfim, quer se queira quer não, um sucesso de crítica e de premiação no Brasil, o filme Mwany é uma prova inequívoca de que, afinal, vale a pena ser moçambicano.

“Frustrados” com o futebol, os gémeos Manhiça tornaram-se músicos e querem ser empresários

Elias e Augusto José Manhiça são gémeos, produtores e tocadores de instrumentos musicais que – tendo visto as possibilidades de se tornarem futebolistas geniais a minguaem, em resultado do desacordo dos seus pais, em relação à prática desportiva – desde a infância até os dias actuais, dedicam-se às artes. Com 26 anos de idade e 10 de carreira, os artistas têm o sonho de edificar uma empresa de produção e venda de instrumentos de música tradicional.

Texto & Foto: Reinaldo Luís

O estimado leitor há-de convir que qualquer moçambicano que não tenha praticado futebol, na infância, teve uma experiência um tanto frustrante. É que apesar de o nosso país, Moçambique, não ter tradição nessa modalidade-rainha, o que se depreende a partir da escassa e, muitas vezes, menos bem-sucedida participação da nossa seleção nos certames futebolísticos do continente africano, quase todas as crianças – com ou sem uma bola convencional – jogam futebol. Os “xingufos”, bolas de farrapos, muitas vezes, manufacturados pelos petizes, substituem a bola.

Entretanto, Elias e Augusto José, simplesmente, não jogaram continuamente à bola porque os seus pais, com alguma razão, assim não queriam, o que em parte foi importante, afinal criou as bases para o vínculo dos jovens ao mundo das artes. Acompanhe, estimado leitor, nos próximos parágrafos a conversa mantida com os gémeos.

@Verdade: Quando e como começa a vossa relação com os instrumentos musicais?

Gémeos: Digamos que a nossa relação com os instrumentos de música tradicional começa em 2003, altura em que os nossos pais contestaram o hábito que tínhamos, ainda petizes, de praticar futebol.

Na verdade, a sua oposição foi causada pelos ferimentos que vínhamos sofrendo sempre que nos deslocávamos a um campo de jogos. Face a esses problemas, os nossos pais impediram-nos de continuar a jogar futebol. Então, passámos a dedicar-nos à arte, aos instrumentos musicais. Passado algum tempo, no dia 27 de Fevereiro de 2003, com alguns amigos de infância, construímos aparelhos de som. O material era feito de latas e tecidos velhos, incluindo plásticos. Nessa época contávamos com o apoio do nosso irmão que, na altura, esculpia a medeira em casa. Então, na mesma data, fizemos o nosso primeiro ensaio, em que discutimos e escolhemos o nome do agrupamento. Entre as várias alcunhas passíveis de serem adoptadas para a nossa identificação, optámos pelo nome “Crianças da Paz”, que nos dignificou.

No entanto, nos finais de 2004, tivemos um convite para fazermos parte da Associação Cultural Wuchene. Aceitámos, pois ainda estávamos à busca de experiência. Trabalhámos com eles, embora durante um curto período de tempo, mas sem largar o projecto “Crianças da Paz”. No mesmo ano, recebemos outra solicitação para fazermos parte da Organização Continuadores de Moçambique.

Em 2005, aceitámos outro pedido para sermos membros da Companhia Xindiro, considerada uma das melhores colectividades de dança tradicional em Moçambique. Nessa agremiação trabalhámos durante um ano pois, mais tarde, fomos enquadrados no conjunto Miloro em que actuámos com artistas conceituados. Em 2009, tivemos que nos incorporar na Companhia Nacional de Canto e Dança. Foi, então, a partir de 2010 que decidimos trabalhar especialmente para a Associação Wuchene.

@Verdade: Participaram em vários agrupamentos de música tradicional em Moçambique. A que se deveram essas mudanças?



Gémeos: Acreditamos que todas as mudanças acontecem por causa da busca de algo melhor. Por exemplo, quanto mais a nossa vontade de aprender crescia, sentíamos a necessidade de pedir a nossa mãe para que nos ensinasse algumas canções folclóricas. No entanto, apesar de essa experiência ter sido útil ao nosso desenvolvimento, isso não bastava. Queríamos mais. Por isso, continuamente, filiámo-nos em vários grupos.

De todos os modos, vale a pena esclarecer que, antes de passarmos por todas estas organizações, fomos membros do Grupo Coral da Igreja Apostólica. Lá aprendemos a dançar, a cantar e a desenvolver uma série de actividades afins do movimento artístico, em jeito de súplica e louvor a Deus. Nunca estivemos estabelecidos durante muito tempo na mesma associação cultural. Esse dinamismo deveu-se à necessidade contínua de querer crescer e aprender mais para sermos os melhores no que fazemos. De todos os modos, isso não significa que os agrupamentos por onde passámos não tinham as condições de que precisávamos.

@Verdade: Chagaram a actuar no estrangeiro?

Gémeos: Felizmente já tivemos várias participações fora do país. Em 2010, pela primeira vez no estrangeiro, fomos convidados a fazer parte da Expo Xangai, na China. Esse evento coincidia com os 35 anos de independência e de cooperação entre Moçambique e China. No ano seguinte, 2011, participámos no Festival da Lusofonia que teve lugar em Macau e numa apresentação alusiva ao 19 de Outubro, em Mbuzine, na África do Sul. Em 2013, participámos num festival de dança, na Suécia.

Acreditamos que conseguimos representar Moçambique ao seu mais alto nível, pois nos países estrangeiros sempre mostrámos os instrumentos tipicamente moçambicanos como, por exemplo, o xitende, e também aprendemos muito.

@Verdade: Para além de batuques, que instrumentos tocam?

Gémeos: Diríamos que tocamos todos os instrumentos tipicamente moçambicanos, tais como timbila, mbira, xigovia, xitende, xipendane, entre outros.

@Verdade: Como e onde aprenderam a tocar esses instrumentos, uma vez que não fazem parte de nenhuma academia de música e muitos deles são mais usados no norte do país?

Gémeos: De facto, é verdade o que diz. Aprender a tocar instrumentos musicais tem sido uma tarefa difícil, pois a maioria deles é fabricada em zonas rurais, para uso doméstico, sobretudo nas celebrações familiares. Como as comunidades rurais conhecem a utilidade de cada um, valorizam-nos. Portanto, de vez em quando uma delegação do nosso grupo viaja até as províncias, onde ainda se preserva cada instrumento, a fim de trazer exemplares. Além disso temos a cultura de participar em workshops, incluindo o Festival Nacional da Cultura, onde também aprendemos a tocar e a utilidade sonora de cada material.

@Verdade: Ainda têm desejo de jogar à bola?

Gémeos: Por incrível que pareça, sim. Mas é preciso realçar que não nos arrependemos de estar a seguir as artes. O futebol é emocionante, mas a arte possibilita-nos a manifestação da nossa cultura.

É uma forma de se dizer o que se sente, através de recordações e histórias. Por exemplo, a dança Xigubo aborda o tempo da guerra de resistência ao colonialismo português. Hoje podemos revisitar a história, através da dança. Então a arte tem essa abertura e esse mistério revelado através de manifestações.

@Verdade: Que planos têm para o futuro?

Gémeos: Temos planos de abrir uma oficina de produção e reparação de instrumentos de música tradicional. Queremos que os materiais de música estejam mais perto dos artistas. Pretendemos que os artistas da capital moçambicana valorizem estes artefactos, tal como acontece nas zonas rurais.

Cão-Tinhoso celebra 50 anos!

Centenas de pessoas reuniram-se, recentemente, no Campus da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, a fim de testemunharem o relançamento da mais antiga e mais marcante obra de literatura ficcional moçambicana, *Nós Matámos o Cão-Tinhoso*, da autoria de Luís Bernardo Honwana. A criação literária, cuja primeira publicação ocorreu em 1964, ano que marca um período conturbado da nossa história, celebra 50 anos de idade.

Poucos – quase ninguém dentre os que já a absorveram – desconhecem a singularidade dos oito contos que a constituem. É que esta obra, inicialmente consumida de forma clandestina, em resultado da suposta perigosidade do seu conteúdo, face ao sistema colonial português, tornou-se nos primeiros anos da independência nacional – tendo em conta as demandas nacionalistas do Governo moçambicano – um livro de leitura obrigatória em todos os sistemas e níveis de ensino moçambicanos.

Com este relançamento, sob a chancela da Alcance Editores, que, no dia 1 de Setembro, colocou o livro no mercado ao preço de 500 meticais, o que significa que este pode sofrer um agravamento, embora Sérgio Pereira, o director da Alcance, tenha garantido que se irá praticar um custo acessível tendo em conta a condição do estudante moçambicano, espera-se que a obra não volte apenas a circular na nossa sociedade, mas, ao mesmo tempo, que aglutine os interesses e as preferências dos leitores – de todos os estratos sociais – o que equivale a recuperar o estatuto de livro de leitura obrigatória, como foi apanágio no período pós-colonial.

Inúmeras, dentre as mais acreditadas, correntes de crítica literária são unânimes em afirmar que a perenidade de *Nós Matámos o Cão-Tinhoso* é resultado de uma série de atributos inerentes ao processo da produção literária, que esta possui os quais asseguram a sua eternização, cruzando, nesse sentido, tempos e gerações.

A excelente qualidade da capa escarlate desta edição – a assinalar o jubileu de ouro – é, certamente, apenas um detalhe em relação à escrita madura e actuante contida nas páginas desta dádiva literária que é a obra *Nós Matámos o Cão-Tinhoso*, um dos fundamentos inequívocos da nossa literatura.

Não é obra do acaso que o escritor Ungulani Ba Ka Kho-sa que também é secretário-geral da Associação dos Escritores Moçambicanos, acentua o seguinte: “Quer queiramos quer não, quer gostemos do homem Luís quer não, o seu livro é um marco, uma referência na literatura moçambicana. Por isso, a nossa grande alegria é ter, mais uma vez, *Nós Matámos o Cão-Tinhoso* a circular, com liberdade, na nossa sociedade”.

A festa dos 50 anos, comemorada a 1 de Setembro de 2014, a data da sua republicação, foi um evento marcante, na medida em que não só foi testemunhada por centenas de pessoas, o que é raro em eventos similares, como também se enriqueceu de grande simbolismo. Esperamos que, na próxima semana, possamos trazer uma matéria – mais elaborada sobre acontecimento – aportando outros pontos de vista. Estimado leitor, até breve e, se adquiriu o livro, boa leitura.



Fernando Machiana: a esperança de Matalana

No distrito de Marracuene, concretamente no povoado de Matalana, vive Fernando Machiana, um artista plástico cuja produção não circula para além daquela parcela do país. Apesar do seu inquestionável talento, a sua obra artística não tem sido promovida. Por isso, as suas habilidades são quase desconhecidas.

Texto: Reinaldo Luís Foto: Virgílio Sitole

É um dos filhos mais velhos da povoação de Matalana. É instrutor de artes, pintor e chama-se Fernando Machiana. Um dos poucos artistas que – no que diz respeito às artes e à sua produção – continua a elevar o nome do seu bairro. A ele, a par de artistas como, por exemplo, Champlino Ngweya, Lindo Nhlongo, um dos grandes vultos do nosso teatro, pertence a missão de dar continuidade às obras deixadas pelo maestro Filipe Machiana e pelos artistas plásticos Malangatana Valente e Mundau Oblino.

Machiana é um homem de poucas palavras: “Se calhar deixo tudo o que podia dizer através da linguagem oral falada, nos ‘textos’ que escrevo a pintar”. De qualquer modo, a falar ou a pintar, Machiana carrega uma responsabilidade messiânica: transmitir a experiência conquistada ao longo dos tempos aos mais novos e, consequentemente, garantir que a arte não desapareça de Matalana.

“Em Matalana temos uma fábrica de papel. Trabalhamos com as crianças das escolas locais. Queremos e continuaremos a transmitir a nossa experiência aos mais novos. Incentivamos a geração actual a valorizar as artes e a manter a nossa tradição na comunidade. Depois do falecimento do mestre Malangatana, a situação tornou-se mais difícil. De uma ou de outra forma, continuaremos a trabalhar”. Machiana tem 75 anos de idade e, para si, a pintura é o pão de cada dia. Aliás, é a partir da arte que garante a sua sobrevivência. O pintor afirma que a sua relação com as artes plásticas começou em 1965,



altura em que tinha 26 anos de idade. Mas, antes, quando frequentava a terceira classe, rabiscava desenhos livres nos papéis. Foi a partir daí que começou a mostrar as suas obras a alguns artistas mais experimentados como, por exemplo, o mestre Malangatana.

Antes de descobrir a paixão pela pintura, em 1950, Machiana emigrou para a África do Sul, onde viveu até finais dessa década. Em 1960 regressa a Moçambique, onde posteriormente trabalhou como técnico de refrigeração no Banco Nacional Ultramarino (o actual Banco de Moçambique).

“Quando regressei ao país era para ficar definitivamente, por isso tinha de encontrar formas de garantir a minha sobrevivência na terra que me viu nascer”, recorda-se acrescentando que “como aqui, em Maputo, trabalhava com maquinaria, depois da reforma seria difícil continuar a trabalhar nesse sector. Então, recuperei o gosto pelas artes, a fim de me dedicar eternamente a elas. Nessa altura procurei o mestre Malangatana que me apoiou bastante aconselhando-me a seguir a actividade artística”.

Presentemente, com o rosto menos juvenil, nas suas obras Machiana retrata cenas do meio rural, enaltecendo a sua tradição. Para além da valorização do seu lugar de campo, o artista não se cansa de disseminar aconselhamentos aos jovens moçambicanos: “Nos meus quadros falo da vida quotidiana da camada juvenil. Recordo-me de tudo que passei aquando da minha juventude e, estranhamente, actualmente é vivido pelos mais novos. É na juventude que estímulo o gosto pelo trabalho, pois ele dignifica o homem”.

Atento e receoso em relação aos problemas enfrentados pela sociedade moçambicana, Machiana lamenta pelos seus concidadãos e cria imagens que, se analisadas, nos conduzem à reconciliação e à caridade que, por sua vez, resulta na paz, no amor, no respeito, na amizade e na irmandade. Na verdade, o artista é contra os conflitos que têm a ver com o tribalismo e a pobreza que, diariamente, se responsabiliza por inúmeras perdas de vidas humanas na terra.

Embora a sua carreira artística tenha sido alavancada consideravelmente em 2006, ao frequentar o Centro Português de Serigrafia, onde se especializou em técnicas de gravura e serigrafia, as dificuldades da época e dos tempos actuais sancionaram-no desfavoravelmente de tal sorte que esta realidade, segundo conta, se reflecte na desgraça que é a sua vida.

“Quando saí de Moçambique, em 2006, para Portugal, onde aprendi a produção artesanal de papel, inocentemente, pensei que a vida fosse tornar-se fácil. Digo isso porque depois da formação tive que regressar ao meu país, onde, de imediato, provei o sabor da exclusão. Obrigado pelas circunstâncias drásticas a que era sujeito, tive de vender as obras que fazia para sobreviver”.

Actualmente, o pintor é membro fundador do Centro Cultural de Matalana, onde desenvolve actividades relacionadas com as artes plásticas com um grupo de crianças e jovens que pretende abraçar a profissão artística. Desde a morte de Malangatana até aos dias actuais,

o centro ficou sob sua responsabilidade, a par de Champlino Ngwenya. Ensinando ou pintando para a sua sobrevivência, é como se a sua vida se resumisse por um ciclo de desgraças. Falta-lhe alguém que o veja como um artista, formador e protector das artes e cultura em Moçambique, no geral, e em Matalana, em particular.

“Ensinar as crianças a pintar não tem sido uma tarefa fácil, pois faltam-nos incentivos e materiais para o trabalho. Quando damos aulas, não o fazemos para um posterior retorno. Mas para que a nossa arte não desapareça. Devido à falta de tintas, de pincéis e de papéis, o número dos petizes tem oscilado a cada dia. Em resultado disso, o centro não funciona como queríamos que funcionasse. Já não temos forças”.

Machiana é um artista autodidacta e, como se pode perceber no seu comentário, mesmo sem formação de especialidade, não se sente incapaz de criar: “Para pintar não é tão imperioso que se tenha passado por uma escola de arte. Até porque quando começámos a criar não havia nenhuma”, disse acrescentando que “na criação, o segredo é a ambição de produzir, de crescer e de aprender continuamente”.

O artista revela que já passou por grandes dificuldades para se afirmar como pintor. De qualquer modo, se tomarmos em consideração que, nessa época, contava com o apoio de outros mestres oriundos de Matalana, como são os casos de Malangatana Valente, Oblino Magaia, Dilon Ndjindji, Champlino Ngwenya, Filipe Machiana – muitos deles partilhavam o mesmo sonho – pode-se confirmar que, na altura, a vida era mais dinâmica.

“Trabalhávamos em equipa. Com a morte de alguns, ficámos sozinhos. Eles apoiavam-me em qualquer projecto. Lembro-me de que quem me ajudou a pintar foi Malangatana, antes de ir morar em Maputo. Ao mesmo tempo, eu considerava-o um irmão, porque crescemos juntos e sempre convivemos”.

Segundo Machiana narra, há muito desassossego nas suas pinturas que se percebe não só a partir das figuras, como também das cores usadas. Nunca lhe falta o preto que, na simbologia africana, representa a dor e o luto sabiamente recriados com base na utilização da tinta-da-china sobre papel.



Brincar aos deuses em Veneza com Al Pacino

Al Pacino esteve no Festival de Cinema de Veneza para apresentar dois filmes, *Manglehorn* e *The Humbling*, e deu duas conferências de imprensa este sábado. Todos correram para ouvi-lo falar.

Texto & Foto: Revista Ípsolon

Se a presença de Al Pacino no Festival de Veneza – a dobrar, *Manglehorn*, de David Gordon Green, em competição, *The Humbling*, de Barry Levinson, fora de concurso – já deu para lembrar aforismos de Federico Fellini – “o cinema é o modo mais directo de entrar em competição com Deus” –, é porque o actor é visto num lugar próximo da divindade. Em versão *rock star*, óculos espelhados, cabelo e t-shirt a espetarem para vários sítios.

Todos a correr para ouvi-lo falar - coisa fora do vulgar: duas conferências de imprensa este sábado, intervaladas no espaço de uma hora. Embora o próprio se tenha lembrado a meio de uma delas, quando interrompeu o seu fluxo de consciência, que provavelmente não estaria a responder a qualquer pergunta. Mas falou. Foram generosos monólogos interiores, porque reconfortaram quem estava à espera da voz, sobre cães e gatos, sobre o *Actor's Studio*, que lhe deu vida e lhe deu os sapatos que ele não tinha, sobre os actores de teatro, a sua memória e a exaustão de repetirem muitas vezes a mesma personagem, sobre Hollywood que ele nunca soube o que era, embora no passado, hoje já não, tenha



sido uma comunidade de ideias artísticas, e, enfim, sobre a depressão – se alguma vez passou por esse estado Al, 74 anos, não sabe, porque não sabe o que a depressão é.

A depressão veio à baila por causa das personagens que interpreta nos dois filmes: um traço comum ao actor de *The Humbling* e ao serralheiro de *Manglehorn* é o facto, embora os níveis de neurose e de alucinação de cada um não sejam comparáveis, de atravessarem um momento das suas vidas em que o passado não lhes permite acreditar, em que fazem contas às oportunidades perdidas.

The Humbling adapta uma obra de Philip Roth mas tem na memória um momento icónico da alucinação do actor no momento do envelhecimento que é *The Dresser*, peça de Ronald Harwood que em 1983 foi adaptada ao cinema

por Peter Yates, com Albret Finney e Tom Courtney; o outro resultou de um encontro casual entre David Gordon Green e Pacino, que fez o fã, o realizador, reparar que os gestos do actor eram os mesmos de *Panic in Needle Park* e *O Espantalho* (Jerry Schatzberg, 1971, 1973), e quis escrever um veículo para isso.

Há outra coisa em comum: de alguma forma as duas personagens deixaram partir das suas vidas a crença no divino e nesse lugar colocaram-se a elas próprias, reinando sobre os outros e criando o seu mundo. São figuras exauridas, assaltadas pelo medo existencial, as que encontramos agora. Mas são figuras que no passado criaram uma terra de ninguém à sua volta que os protegeu e afastou do mundo.

É esse também o efeito-Pacino nestes filmes: como se à volta houvesse terra queimada a proteger o actor de qualquer interferência ou comunicação, são “filmes de ninguém”, submissos - com *Manglehorn*, por exemplo, David Gordon Green está já no sítio dos filmes das tardes de domingo.

Princesa de ‘Frozen’ aparece em novo trailer de série de TV

No vídeo, Elsa congela parte de Storybrooke, uma cidade fictícia do seriado ‘Once Upon a Time’. O novo núcleo da trama estreia na televisão americana em 28 de Setembro.

Texto & Foto: Revista Ípsolon



O canal de televisão americano ABC divulgou um novo trailer da quarta temporada da série *Once Upon a Time*, em que a princesa Elsa, de *Frozen*, faz a sua primeira participação. Vivida por Georgina Haig, a loira gelada anda pela cidade fictícia de Storybrooke e congela a rua e os estabelecimentos próximos ao seu caminho.

Enquanto caminha, Elsa é observada por outros personagens importantes da série, como Rumpelstiltskin (Robert Carlyle), Branca de Neve (Ginnifer Goodwin), Príncipe Encantado (Josh Dallas), Capitão Hook (Colin O'Donoghue), Rainha Má (Lana Parrilla) e a protagonista Emma (Jennifer Morrison).

Segundo o site da revista americana *The Hollywood Reporter*, a trama de *Frozen* terá destaque na nova temporada da série que mistura personagens de contos de fadas e histórias fantásticas numa cidade do mundo real.

Além de Georgina, também farão parte deste núcleo os actores Elizabeth Lail (Anna) e Scott Michael Forster (Kristoff). *Once Upon a Time* retorna aos Estados Unidos no dia 28 de Setembro. No Brasil, a série é exibida pelo canal Sony.

‘Frozen’ em livro

Entretanto, sabe-se que, a animação ‘Frozen’ vai ganhar sequência em série de livros. Os

dois primeiros volumes chegam às livrarias americanas em Janeiro de 2015.

Os fãs da animação *Frozen: Uma Aventura Congelante* (2013) podem comemorar. Segundo o site da revista *The Hollywood Reporter*, a editora Random House anunciou que dará sequência à história das irmãs Elsa e Anna numa série de livros. Os dois primeiros volumes, *Anna & Elsa: All Hail the Queen* (Todos Saúdam a Rainha, em tradução directa) e *Anna & Elsa: Memory and Magic* (Memória e Mágica), chegam às livrarias americanas em 6 de Janeiro de 2015.

De acordo com a publicação, os volumes, que vão dar detalhes sobre o universo de *Frozen* e abordar o relacionamento entre Elsa e Anna, serão escritos por Erica David, conhecida por levar histórias de filmes para os livros. Entre os seus trabalhos estão histórias derivadas de *Como Treinar o seu Dragão* (2010) e *As Aventuras de Peabody & Sherman* (2014). A Random House planeia a publicação de outros dois livros da série ainda em 2015 e espera lançar entre três e quatro volumes por ano.

O filme da Disney tornou-se um fenómeno desde o seu lançamento, em Novembro de 2013, e conquistou o posto de animação de maior bilheteria da história. *Frozen* também levou a estatueta no Óscar de melhor animação e de melhor canção original por Let it Go, interpretada pela actriz Idina Menzel.

Cobra de Nicki Minaj pica dançarina num ensaio do VMA

A cantora vai-se apresentar na premiação com o hit *Anaconda*. Para honrar o nome da canção, ela levará o animal ao palco.

Texto & Foto: Revista Ípsolon

Uma dançarina foi picada por uma cobra de quase durante metros durante o ensaio da cantora Nicki Minaj, que se apresenta neste domingo na cerimónia do Video Music Awards (VMA), prémio musical do canal MTV. Segundo o site TMZ, Nicki entoava o seu novo hit, a canção *Anaconda*, quando a dançarina foi picada pelo animal que fazia parte do show.

Ela foi levada ao hospital para ser tratada. De acordo com o site, acredita-se que a cobra seja mesmo uma anaconda, também conhecida como sucúri, espécie não venenosa, mas que pode transmitir bactérias e causar infecções graves. A cobra foi retirada do palco em segui-

da. Ainda não se sabe se o animal ainda fará parte do show.

O VMA é conhecido por ser o palco ideal para artistas ávidos de causar controvérsias. Este ano, Nicki e as suas danças vulgares podem superar o show de bizarrice de Miley Cyrus em 2013. Pelo menos no canal de vídeos Vevo, Nicki deixou a ex-Hannah Montana para trás e bateu o seu record de vídeo mais assistido na plataforma nas primeiras 24 horas de lançamento. O clipe de *Anaconda* foi visto 19,6 milhões de vezes, enquanto *Wrecking Ball*, de Miley, alcançou a marca de 12,3 milhões de visualizações num dia.



ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

A expressão “lágrimas de crocodilo” é usada para se referir a um choro fingido. O crocodilo, quando ingere um alimento, faz forte pressão contra o céu-da-boca, comprimindo as glândulas lacrimais. Assim, ele “chora” enquanto devora uma vítima.

Para se cumprimentarem, os esquimós tocam-se uns nos outros com a pontinha do nariz. Eles recorrem a este órgão pois é uma das únicas partes do corpo que não fica coberta de roupas.

É comum as pessoas cumprimentarem-se com um aperto de mãos. Esta antiga tradição começou no tempo das grandes batalhas. Os adversários davam-se as mãos para mostrarem que não escondiam nenhuma arma. Era um sinal de confiança entre as duas partes.

PENSAMENTOS...

- Mil amigos, pouco; um inimigo, demais.
- Casamento sem amor leva a amor sem casamento.
- O melhor é deitar-se sem comer do que levantar-se a dever.
- Para burro velho, capim novo.
- Tudo o que é antigo, algum dia foi novo.
- Moço apaixonado, conselho dispensado.
- É bom ser-se o que se quer parecer.
- Cada qual sabe onde lhe aperta o sapato.
- O menor dos grãos de areia também faz parte da praia.
- A actividade é a mãe da prosperidade.
- Barriga cheia, cara alegre.
- O tambor é barulhento, mas por dentro só tem vento.
- Depois de beber, cada um diz o seu parecer.

SAIBA QUE...

Os gatinhos só abrem os olhos uma semana depois de nascerem. Isso acontece também com os cachorros e, além dos olhinhos, os cães e os gatos nascem com as orelhas “fechadas”. Trata-se de um resquício dos antepassados dessas espécies e serve como um mecanismo de protecção. Antigamente, as fêmeas faziam os seusinhos em tocas e os olhos e as orelhas dos filhotes ficavam a salvo da terra ou da areia. Já os animais que nascem em campos abertos, como cavalos e bezerros, vêm ao mundo com os olhos e as orelhas “em funcionamento” e aprendem a ficar de pé muito rapidamente. Como não são escondidos pela mãe, eles têm que estar prontos para fugir dos predadores”.

RIR É SAÚDE

O médico examinou demoradamente o cliente, torceu a nariz duas ou três vezes, e dirige-se para a porta do quarto. A mulher corta-lhe a passagem e pergunta:

- Então, senhor doutor, o que devo dar ao meu marido?
- Olhe, minha senhora... pela manhã, se ele ainda for vivo, pode-lhe dar os bons-dias.

- Posso garantir, senhor doutor juiz, que o meu constituinte chamou filho da p - - ao queixoso, mas foi sem ofensa. É uma força de expressão, é até um elogio. Também nós, uns com os outros, à saída dum julgamento, dizemos às vezes: “O filho da p - - do juiz viu bem o caso. Foi inteligente”.

O juiz para o réu:
- Tem alguma coisa a alegar em sua defesa?
- Não, senhor doutor juiz. Tudo o que o meu advogado disse é a pura verdade.
O juiz lê a sentença:
- O réu é absolvido. Vá em paz, e pode agradecer ao filho da p - - do seu advogado, que muito contribuiu para isso.

- Doutor, que tal acha o meu marido?
- Não muito bem, minha senhora. Precisa, especialmente, de muita tranquilidade. Por isso, vou-lhe receitar um calmante.
- E quando devo dar-lho?
- A ele? Não, minha senhora. O calmante é para si.

O dono do hotel, muito senhor de si:
- A minha casa é das mais famosas do mundo. Nestes quartos já dormiram reis, presidentes, embaixadores, artistas, banqueiros, e aqui morreu Faduco Macuácu.
- Faduco Macuácu? Quem foi? - pergunta o hóspede com curiosidade.
- Ah! Não sabe? Foi um que quis sair daqui sem pagar a conta.

- De que é que anda à procura?
- Dum rebuçado que me caiu da boca.
- Dum rebuçado? Mas se lhe caiu da boca deve estar todo sujo, com certeza.
- Mas eu preciso de o encontrar.
- Ó homem, deixe-se disso. Tome lá outro rebuçado.
- Esse não me interessa. Quero é achar o meu, que me levou a dentadura agarrada.

- Quero pedir-te dois favores: que me emprestes dois mil metcais e que não digas nada a ninguém.
- Lamento, mas só te posso ser útil quanto ao segundo pedido: não digo nada a ninguém.

Um camponês entrou numa mercearia da aldeia e pediu um bocado de presunto. Quando lho deram, cheirou-o e disse:

- Este presunto não está bom.
- Ora essa! Está bom, sim senhor.
- Isso é que ele não está.
- Pois fique sabendo que o acabámos de curar na semana passada.
- Acabaram de o curar? Pois então é porque teve uma recaída!

- Talvez tenha um bom partido para si - diz o homem da agência de casamentos - . Uma menina bem linda, filha do dono duma grande empresa metalúrgica.
- Tem fotografia?
- Não. A menina disse que não tinha nenhuma que achasse interessante, mas ficou de ma mandar ainda hoje ou amanhã.
- Não estou a pensar na fotografia da menina. Pergunto se tem a fotografia das instalações metalúrgicas.

HORÓSCOPO - Previsão de 05.09 a 11.09



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças; As finanças poderão constituir um problema caso não controle muito bem os seus gastos, especialmente os desnecessários. Para o fim da semana a tendência é para que este aspeto melhore um pouco.

Sentimental; Um clima de suspeita poderá criar situações de ciúme. Não se deixe arrastar pelas suas dúvidas e nada melhor que um diálogo aberto sobre as suas dúvidas. A situação deverá ficar esclarecida e o seu espírito sossegado.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças; Período de grandes dificuldades que deverão ser encaradas com a habitual força que caracteriza este signo. Não se deixe arrastar pelas emoções derrotistas e siga em frente certo de que as suas hipóteses de inverter dependem em grande parte da forma como as encarar.

Sentimental; Não descarregue sobre o seu par as suas frustrações. Antes pelo contrário, aproxime-se e receba a sua ajuda que será uma ótima terapia para encarar este momento menos bom.



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças; Não é um período muito favorecido para que proceda a aplicações de capital e investimentos. Deixe passar esta semana sem tomar decisões que envolvam questões financeiras.

Sentimental; Neste aspeto poderá verificar-se uma grande alteração. Alguém que não vê há muito poderá passar a ter aos seus olhos uma importância muito especial. No seu íntimo sente alguma solidão proveniente de uma grande insatisfação nas suas relações amorosas.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças; Serão pautadas pelo equilíbrio. No entanto, tenha alguma atenção a tudo o que se relacionar com dinheiro. Poderão surgir algumas dificuldades que embora transitórias serão motivo de algum desequilíbrio emocional.

Sentimental; Este poderá ser o “abrigo” que tanto necessita. Aproxime-se do seu par, abra o seu coração e verificará que tem uma companheira que o ama e aprecia. Naturalmente, as suas energias serão reforçadas se o aspeto sentimental lhe for favorável.



leão

22 de Julho a 22 de A

Finanças; Não se pode considerar que seja um aspeto muito positivo. Mantenha-se atento às suas despesas e não gaste mais do que o estritamente necessário. Trata-se de uma situação passageira e que rapidamente melhorará.

Sentimental; O ambiente sentimental sofrerá com as pressões da semana. Tente ser um pouco mais calmo e olhe para o seu par como alguém que o pode ajudar desde que não se feche dentro dos seus problemas.



virgem

23 de A a 22 de Setembro

Finanças; Um bom período financeiro poderá proporcionar-lhe lucros provenientes de aplicações de capital. É realmente uma semana muito favorecida que deverá ser muito bem aproveitada.

Sentimental; Seja realista e positivo no seu relacionamento amoroso. Dúvidas infundadas poderão criar-lhe situações de grande incómodo e resultados imprevisíveis. Não se remeta ao silêncio e através do diálogo tudo se esclarecerá.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças; O seu orçamento conhece um período de equilíbrio. Algumas oportunidades de mudança poderão verificar-se e deverá agarrá-las com ambas mãos. A poupança é uma boa opção e uma medida de precaução em relação ao futuro.

Sentimental; Esta é uma semana em que todos os aspetos de ordem sentimental terão uma carga emocional muito forte. O entendimento do casal é grande e os resultados serão muito agradáveis.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças; As suas finanças não passam por um momento muito favorecido. No entanto, não deixe que este aspeto aumente as suas preocupações. Tem uma longa prática de economia doméstica e assim estas dificuldades serão tornadas naturalmente.

Sentimental; Alguma instabilidade e falta de autoconfiança poderão criar-lhe situações muito delicadas. Tente ser realista e não faça especulações. Por se tratar de especulações podem não condizer em nada com a realidade.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças; Não sendo um período muito favorável já conheceu dias piores. A partir do meio da semana a tendência é para as coisas começarem a melhorar.

Sentimental; Sentirá alguma nostalgia de uma relação já terminada. Deverá fazer todos os esforços para esquecer. Uma boa terapia é sair e divertir-se um pouco. Nunca se sabe o que pode acontecer.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças; Período equilibrado, sem dificuldades de maior. No entanto, os tempos que correm não convidam a despesas exageradas. Assim, seja prudente e não gaste mais do que o aconselhável.

Sentimental; Período em que poderá conhecer alguém que se tornará muito importante na sua vida. Uma antiga relação poderá criar-lhe alguns problemas.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças; Este aspeto encontra-se muito favorecido e poderá beneficiar de algumas entradas inesperadas de dinheiro. No entanto, tenha presente que deverá ser cauteloso nos seus gastos, especialmente os supérfluos.

Sentimental; Período bom para novos relacionamentos. Se já tiver companhia aproveite bem a semana. Os que não têm par poderão conhecer alguém muito especial.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças; Período muito equilibrado e sem grandes preocupações. Os investimentos moderados podem igualmente ser uma opção lucrativa.

Sentimental; A sua relação amorosa está a atravessar um bom momento e a semana será agradável e muito romântica. O diálogo deverá ser o elo de ligação do casal. Um jantar íntimo, uma flor e uma vela poderão operar verdadeiras maravilhas.

Cartoon





goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

O Presidente da República Armando Guebuza fez uma governação que somente serviu para fomentar a discriminação, a exclusão social, da Renamo e de outros actores políticos da oposição nos processos decisórios, o que propiciou o incremento das desigualdades social, económica e política em Moçambique. Esta avaliação foi feita por Victor Igreja, pesquisador e docente universitário da Queensland University na Austrália, durante a IV Conferência Internacional do Instituto de Estudos Económicos e Sociais.
<http://www.verdade.co.mz/destaques/democracia/48566>



Cassamo Mafumo Este investigador merece um prémio · 31/8 às 13:27



Eddy Marchal Sochangana O sorriso apagado do povo dá o testemunho dessa licenciatura k o PR fez durante os dez anos k esteve na cadeira a arquitectar toda a engenharia d empobrecimento ao povo.ishe · 31/8 às 14:53



Mohammed Filhos Tiro chapau para esse investigador, e muinto obrgd sr. · 31/8 às 20:33



Gil Lino Meux senhorex se continuarmox a levar pescadores para sere presidents, um dia exe paix vai afogar no meio do mar · 31/8 às 13:31



Rozaque Faria Mulungo Chicuava Guebuza tem ma governação, por isso frelimo este ano caso nao haja desvio d votos ele nao vai vencer as eleições · 31/8 às 20:36



Nillza Ruthy Bunnekizy Nyussi=Guebuza,,dia 15 é o dia da decisão. · 31/8 às 16:32



Narcisio Moises Esse investigador e mocambicano? · 31/8 às 14:50



Benjamim Frankelin Eu concordo k o nhuyi venha a piorar por gueba e nyusi são farinha do mesmo saco. · 31/8 às 14:35



Ibrahimo Faquir Gil Lino, ja estamos a ser afogados com as politicas aprovadas por este governo que em nada beneficiam o povo principalmente aos jovens. A falta de oportunidades de emprego e de politicas serias de habitação para jovens é a clara prova que este barco esta sem rumo. · 31/8 às 13:50



Bertino Angelo Bento Macamo Este é o verdadeiro investigador, falou a verdade , este senhor trouxe des-criminação e exclusão politico. · 31/8 às 13:05



Matt Dimon Estacha Boa analise do meu investigador. Bravo · Ontem às 7:59



Domingos Tivane Ixo é uma Bela gagrada · 1/9 às 18:06



Adélio Machava Pauladas.. · 1/9 às 15:06



Ema Fernandes O problema eh que a “nomenklatura” tem casca grossa. As criticas, mesmo as construtivas passam lhes ao lado.... Estao se nas tintas para os demais.... · 1/9 às 11:39



Lucas Silverio Zabuca Everdad ajudenus controlar nao queremos vandalos qui vandalisa um nosso pais. · 1/9 às 6:50



Zelly Machy Tms k procurar melhor controlo nos dstritos, prk ee la ond mas consegm invalidar os votos d nosso jovem, vi em 2009, invalidaram mtos votos na cara dos delegados sem s aperceber, ntao por favor ajudem o pais a crescer, nao facam como esse snhor fz conosco, vams tirar os ladroes pa fora · 1/9 às 5:54



Mandeia Afonso Jequessene Jequessene Yes men? · 31/8 às 23:16



Gimo Dos Mazembe Frank Ate a exa pagina ta concorrer tambm pra as presidencias pk ixo e campanha.... · 31/8 às 22:38



Natacha da Cruz Esse jornal é partidario · 31/8 às 22:35



Sandro Nicols Tenho dito alto e a bom som.Sai Pato-cas... · 31/8 às 22:21



Rozaque Faria Mulungo Chicuava O que tu achas sobre a governação do guebuza, mã o bem? A mim ele so esteve na governação apenas para beneficiar teus familiares. · 31/8 às 20:43



Anidia Tacaiana Concordo... quero melhor oportunidade para os meus netos... pois os filhos deles sempre tiveram melhor escola e estudaram no estrangeiro... e revoltante · 31/8 às 18:46



Manuel Machoco mas tanto gostao delle e o seu partido voseis · 31/8 às 16:27



Arceny Mavie Com certeza cem sombra de duvida · 31/8 às 16:16



Augusto João Vicente Se dependece do PR guebuza concorreria umas · 31/8 às 15:18



Americo Simao Cuco Que se contetam · 31/8 às 15:02



Domingos Jone Mbora mostrar a nosso sentimento n dia 15,e vigiemos n maximo as roubalheira,o seu vota conta · 31/8 às 14:58



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADÃO Hélder REPORTA:
No dia 30 de Agosto de 2014 por volta das 16:00 horas no percurso Cidade de Maputo - Ricatla estávamos nós a caminho de Marracuene pela Av. Sebastião Mabote, para quem usa a via do Magoanine-CMC, existe um corta-mato para chegar a FACIM. Contudo ocorreu uma situação invulgar, um senhor que estava a conduzir uma viatura com chapa de matrícula MMH 78 42 (Caixa aberta e aparentemente com tracção as quatro rodas) que no momento estava acompanhado de crianças e uma senhora, devido a um pequeno desentendimento de quem devia passar primeiro ou quem deve voltar a marcha trás para dar espaço ao outro, ele viu se no direito de tirar uma arma de fogo para ameaçar-nos. No momento que o condutor da viatura MMH 78 42 retirou a arma do fogo a nossa viatura já tinha ultrapassado o entrave de quem passa primeiro, mas este para mostrar supremacia e poder mostrou arma. Penso que alguém com autoridade podia fazer alguma coisa sobre este assunto. Seria bom que esta mensagem chegasse até ele para ser chamado a razão.



Ramos Beula E a mesma arma e usada p roubar a noite, · 16 h



Fiftyto Dc Vata ku faka nhavu.... · 15 h



Manuel Juma Como gosto deste tipo d pessoa,,eu antes d ter a formacao d uso d Arma d fogo tinha uma mentalidade d k quando tivesse a Arma em meu poder fosse superior,,,mas e' mais ariscado ter Arma e fazer ver todo mundo k xtas Armado,,,k m der este sr frequentar a zona da polana canico maxakene etc cm este comportamento,,nao ia durar · 12 h



Carlos Bonifacio NB:As armas nao matam pessoas mas malucos com armas equi matam pessoas... · 2 h



Fiftyto Dc Uyo xi pfuka....atura.... · 15 h



Amancio Chemane É tudo culpa culpa da Frelimo????? porem com isso pha · 16 h



Berta Ancha Ancha tudo é frelimo? ja xega nem, so falta tua xposa t trair e culpar a frelimo. ta bem k eles n sao oki a gente deseja k fossem mas culpar por tudo k acontece! ja é demais · 15 h



Amancio Chemane eu nao culpei a frelimo ta bom! , esse é o partido que vou votar no dia 15 de outubro , entendeste · 15 h



Ernesto Jasse É covardia cruzar os braços e começar a procurar culpados. Só porq estás descontente com a Frelimo nao podes culpar o partido pelos problemas dos outros. Só falta chover e dizer que é culpa da Frelimo ou de Guebuza. Sinceramente pah! · 15 h



Amancio Chemane ernesto leia bem o meu comentario ta, eu nao estou culpando a frelimo · 15 h



Ernesto Jasse Erros de pontuação. Não havias colocado interrogações. Desculpe o ataque ok? · 14h



Placido Monteiro Parece que tem gente que de repente so comenta sem antes ler e perceber o que escrito. Ao que entendi este fulano Amancio Chemane, não culpou nada a Frelimo...entao pkeh xtao a atirar-lhe pedras? · 13h



António Silvestre Mathe Gente distraída mesmo... O Chemane não culpou a Frelimo... Eu é que tou a culpar... · 1 h



Marcelino Mugai Tens a matricula da viatura, participa o caso na policia · 16 h



Carlota Aida Dimbane esse senhor nao pensa · 16 h



Valter Chiziane belo exemplo para as crianças que xta-vam no seu carro, e de certeza sao seus filhos. que educacao brilhante!!! · 33 min



Amelia Nhanala Sao muitas as pessoas k acham que a arma resolve tudo. Kanta burrice · 1 h



António Silvestre Mathe Só pode ser da Frelimo, já que eles se acham os donos de Moz... · 1 h



Aiasse Amimo Culpa d mdm? Stas contra nao mistura as coisas mano · 2 h



Helder Jose Fonseca Xte caso deve xtar na responsabilidade da policia de neutralizar os marginais. · 2 h



Gildo Maleiane 'E culpa de MDM tudo isso. · 4 h



Egidio Carlos Temula Exex gajo xtao chei de merdax depos a renamo é kem leva bronca. Cheio de raptorex nax cidadex, cade apolicia? Se me dixerem k afalta de pexoal na corpuração? E mentira xta chei k ã fazem nada · 5 h



Candido Americo Joaquim Arma!?... · 6 h



Ramiro Matimbe Mas meus irmaos é qui na estrada existem pessoas qui so merecem xamboco pra lavar a cabeça sabe? ate esse senhor pode ter exagerado um pouco, se vivermos o caso ao vivo apurariamos dados concretos sobre esse assunto. · 9 h



Idalino Uache Abuso de autoridade.... · 11 h



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Uma jovem identificada pelo nome de Sandra Paulo, de 19 anos de idade, espancou, neste domingo (31), o seu namorado, depois de encontrar o parceiro com uma suposta amante, no bairro de Mutauanha, arredores da cidade de Nampula. A vítima, de 24 anos de idade, teve de ser evacuada para o Hospital Central de Nampula, devido à gravidade dos ferimentos.
<http://www.verdade.co.mz/newsflash/48638>

Jornal @Verdade

Uma jovem identificada pelo nome de Sandra Paulo, de 19 anos de idade, espancou, neste domingo (31), o seu namorado, depois de encontrar o parceiro com uma suposta amante, no bairro de Mutauanha, arredores da cidade de Nampula. A vítima, de 24 anos de idade, teve de ser evacuada para o Hospital Central de Nampula, devido à gravidade dos ferimentos.

<http://www.verdade.co.mz/newsflash/48638>



Beto Matimbe David meu amigo, da p me xplicar bem a k se refere kuand me fale d XINGONDO? · 3 · 1/9 às 20:25



Raimundo Silvestre Bucuane ndo significa guerra 1 · 1/9 às 21:37



Único Xicanekiço Ode Aque dis se que o homem é que foi espancado, e a pessoa evacoada para hospital é a amante. Quem levou purada na verdade? O homem ou os dois? · 3 · 1/9 às 19:35



António Afonso Muchapa Muchapa Eu entendi que foi a vítima da agressão que foi evacuada ao hospital,nesse caso o namorado da agressora 1/9 às 21:42



Carlos Carlitos Sitole O homem levou porada e foi evacuado pa hospital 1/9 às 23:01



Benivo Dumbo Matlombe Xikanekiço tens dificuldades de entender português ou quê? 2 · 1/9 às 23:38



Jose Joao Lucas Kkk. 1 · Ontem às



Beto Matimbe Ò Akon, afinal d contas kem sao exes xingondos k referes serem incultos, k provincias d pais sao habitadas plos ditos xingondos, · 2 · Ontem 7



Celestina Jequé Celestina Hi! Isso é demais, por mais que a pessoa seja seu namorado ele nao é sua propriedade pra vce intender que deveria espancar ele, em principio é uma vida que tu tiraste dele, mas de todas as formas vce cometeu um homicidio que teve como resultado morte d... Ver mais · 2 · 1/9 às 21:23



Gervasio Azarias Vilanculos Menina edukada. Nota 1000 . Nb: n dinheiro Ontem 3



Katia Carvalho Kamil Razac · 2 · 21:19



Osvalda Fungate Desta vez pelo menos nao tiraram orelhas de ninguém · 2 · 1/9 às 19:44



Joakim Neves Neves E nem órgaos genitais, kikikikikikikiki, exes nampuleses tem cada historia pah, pelo mens vao garantindo o emprego aos jornalistas do jornal verdad, kikikiki 1/9 às 19:59



Osvalda Fungate Ciúmes matam pha 1/9 às 20:42

É tempo de agir para resolver o paradoxo dos pequenos estados insulares em desenvolvimento

Nasci em Canchungo, na região noroeste de Bissau. Uma bela paleta de uma paisagem verdejante atravessada por abundantes cursos de água, por uma floresta densa, grandes extensões de mangais, de ilhas virgens e um litoral onde uma riquíssima vida marinha abundante permanece gravada na minha memória. Hoje, as condições climáticas erráticas, a diminuição de precipitação, o aumento do nível do mar e outros fenómenos estão a mudar a paisagem, ameaçando a subsistência de pescadores e agricultores e pondo em causa o futuro de grande parte do meu país.

Com aproximadamente 80 pequenas ilhas que se estendem ao longo do litoral, a Guiné-Bissau é um dos seis pequenos estados insulares em desenvolvimento (PEID) em África, juntamente com Cabo Verde e São Tomé e Príncipe no Oceano Atlântico, e com as Ilhas Comoros, Maurícias e Seicheles no Oceano Índico. A tendência tem sido a de subestimar os PEID africanos, quando são estes mesmos países que efectivamente “suportam” o custo global da gestão das alterações climáticas. Ainda que representando menos de 1% das emissões globais de carbono, os custos que os PEID suportam são extraordinariamente desproporcionais.

Habitualmente referidos como um grupo homogéneo, as realidades dos PEID africanos são, na verdade, bastante diferentes. A nível económico, Cabo Verde, Ilhas Maurícias e Seicheles encontram-se entre os países de rendimento médio, numa muito melhor posição relativamente às Ilhas Comoros, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, classificados como países menos desenvolvidos (PMD). Não obstante, todos partilham as mesmas vulnerabilidades aos choques externos, dada a forte dependência que registam em termos de energia, importação de alimentos, a que se somam uma limitada diversificação das respectivas economias e grandes défices públicos e externos. Tendo em conta estes constrangimentos, de que forma poderão estes países combater eficazmente as alterações climáticas e mitigar os efeitos a elas associados?

As boas notícias são as de que os PEID africanos se encontram na linha da frente dos esforços para encontrar soluções inovadoras na resposta aos desafios trazidos pelas alterações climáticas, através de medidas para o aproveitamento e potencialização dos seus recursos marinhos e costeiros e de

uma transição para soluções e tecnologias sustentáveis mais limpas e inteligentes. Por outras palavras: os PEID africanos são os pioneiros da denominada “Economia Azul”, conceito que está a transformar as alterações climáticas em oportunidades.

Abundam as histórias de sucesso:

- O projecto de energia eólica *Cabeólica* em Cabo Verde foi criado em 2009 com o efeito de reduzir os custos da importação de energia para o país. Hoje, os quatro parques eólicos geram 18% da produção de electricidade, fazendo de Cabo Verde líder mundial em energia eólica e um modelo de parceria público-privada.

- A plataforma fotovoltaica em La Feme, nas Maurícias, que começou a operar em Fevereiro de 2014, foi criada para responder à crescente demanda de energia. É esperada desta plataforma a produção de 24GW horas de energia limpa, poupando simultaneamente 15.000 toneladas de emissões de CO2 por ano.

- O sector da aquicultura está a despontar nas Seicheles, com o apoio financeiro do Governo por forma a incrementar a produção de atum, 70% do qual é exportado.

As Seicheles estão também a promover o turismo industrial e arqueológico-marinho, nichos novos e amigos do ambiente. Em Junho de 2013, o país lançou o seu primeiro parque eólico em terreno recuperado em Port Victoria, fornecendo, actualmente, electricidade a mais de 2100 lares e poupando 1.6 milhões de litros de combustível por ano. Este projecto, implementado em colaboração com os Emirados Árabes Unidos, constitui um exemplo de parceria Sul-Sul.

Assim como celebramos estas histórias de sucesso, necessitamos, da mesma forma, de redobrar esforços para ajudar os PEID africanos e os restantes 52 pequenos estados insulares em desenvolvimento espalhados pelo mundo a manter o seu combate contra as alterações climáticas, a construir as suas capacidades de adaptação e a promover o uso, quer dos novos, quer dos já existentes conhecimentos e inovações. No meio de um cenário de desenvolvimento em rápida transformação, os PEID africanos precisam de encontrar novas formas de

galvanizar o seu impulso para a “Economia Azul” através, inclusivamente, da exploração dos mercados financeiros africanos.

No momento da vossa leitura estarei em Apia, Samoa, a participar na Terceira Conferência Internacional dos Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento. Tenciono partilhar as histórias dos PEID africanos e defender um apoio internacional de alto nível que apoie os seus esforços. Estarei também activamente empenhado num diálogo de alto nível, que decorrerá paralelamente à Conferência sobre o Clima no início de Setembro em Nova Iorque, onde planeamos ajudar os PEID africanos a transformar as suas preocupações particulares em posições robustas para a sua participação nas negociações sobre as alterações climáticas que decorrerão em Lima, Dezembro próximo.

Não nos deixemos enganar: as ameaças das alterações climáticas são taxativamente reais para os PEID. Tuvalu, um pequeno país, atol de corais, no Pacífico, pode desaparecer numa questão de décadas se não forem adoptadas medidas urgentes para conter o aumento do nível do mar; um grande número das 115 ilhas das Seicheles aguardam pelo mesmo destino, bem como um número incontável de outras pequenas ilhas em torno de África e noutros lugares.

As oportunidades perdidas apontam para uma espiral descendente de pobreza, doenças e múltiplas vulnerabilidades. Os pescadores, agricultores e pastores africanos não podem permanecer impassíveis, enquanto os impactos das alterações climáticas continuam a roubar os seus sonhos e a erodir a sua confiança, valores e meios de subsistência – eles aguardam ansiosamente por soluções concretas. Um estudo recente da UNICEF prevê que, no virar do século, quase metade da população infantil no Mundo, menor de 18 anos, será africana e um grande número desta mesma população viverá em pequenos estados insulares em desenvolvimento. É tempo de agir para moldar as vidas das gerações presentes e futuras.

**Carlos Lopes*

**Carlos Lopes é Sub-Secretário Geral e Secretário Executivo da Comissão Económica das Nações Unidas para África em Adis Abeba, Etiópia.*

Caros leitores este espaço é para a sua opinião. Escreva-nos para o endereço Nampula: Avenida 25 de Setembro 57A – Maputo: Bairro da Coop Rua Gil Vicente N.º. 52; ; para o email averdademz@gmail.com ou para os números de SMS 90440. Pode também enviar-nos a sua opinião para o nosso Facebook <https://www.facebook.com/JornalVerdade>.

Aceitamos que nos contactem usando pseudónimos ou sob anonimato - mediante solicitação expressa - porém, sempre indicando o nome completo do remetente, documento de identificação e o seu endereço de contacto.

A redacção reserva-se o direito de publicar ou editar as cartas, sms ou email ou mensagens recebidas.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade



A verdade em cada palavra.

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ

facebook: JornalVerdade



O Jornal mais lido em Moçambique.